REVISTA DA SEMANA

N.º 45 ★ 10-11-51

CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL



Promesa



EXTRATO · LOÇÃO · PÓ DE ARROZ

· MYRURGIA ·



Abel Lima, reconstitui o milagre do Edifício Potengi. A foto dá uma idéia exata de como aparou Maria Cristina, a irrequieta filhinha do casal Eduardo-Deolinda Sanchez, que caiu do terceiro andar do referido arranha-céu.

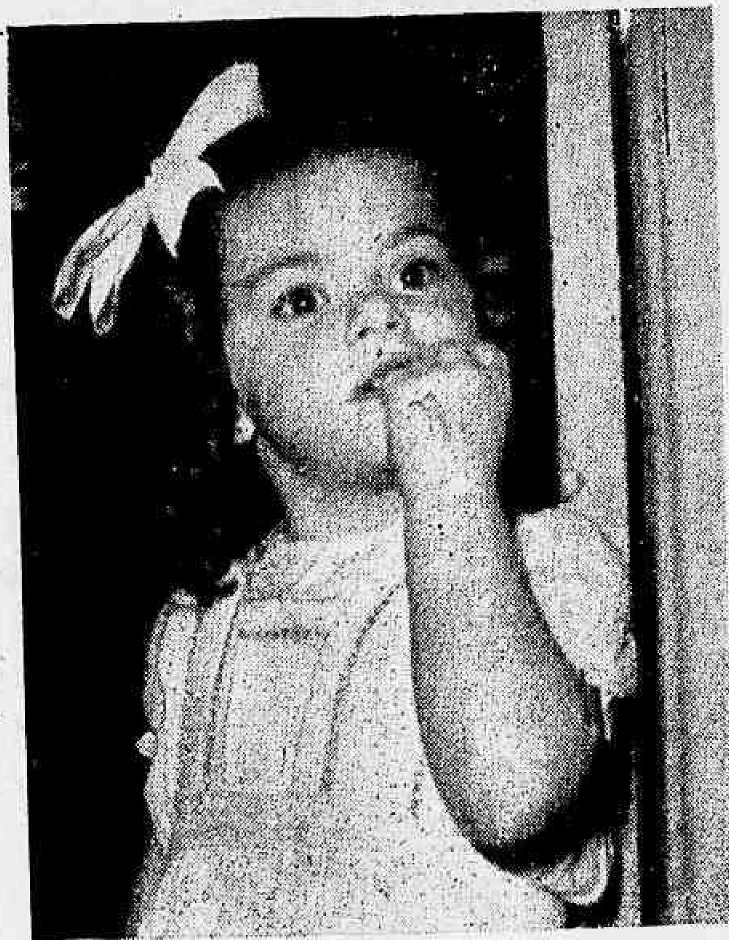
ABEL APAROU UM ANJO

O MILAGRE DO EDIFÍCIO POTENGY ★ "DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS" ★ ESTAVA EM ESTADO DE GRAÇA O "CHAUFFEUR" DO DEPUTADO MANHÃES BARRETO ★ "PARECE QUE O TEMPO DETEVE A SUA MARCHA PARA QUE AS MÃOS SUSTENTADORAS PUDESSEM COLHER O FRÁGIL CORPO A DESPENCAR-SE" — GENOLINO AMADO

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

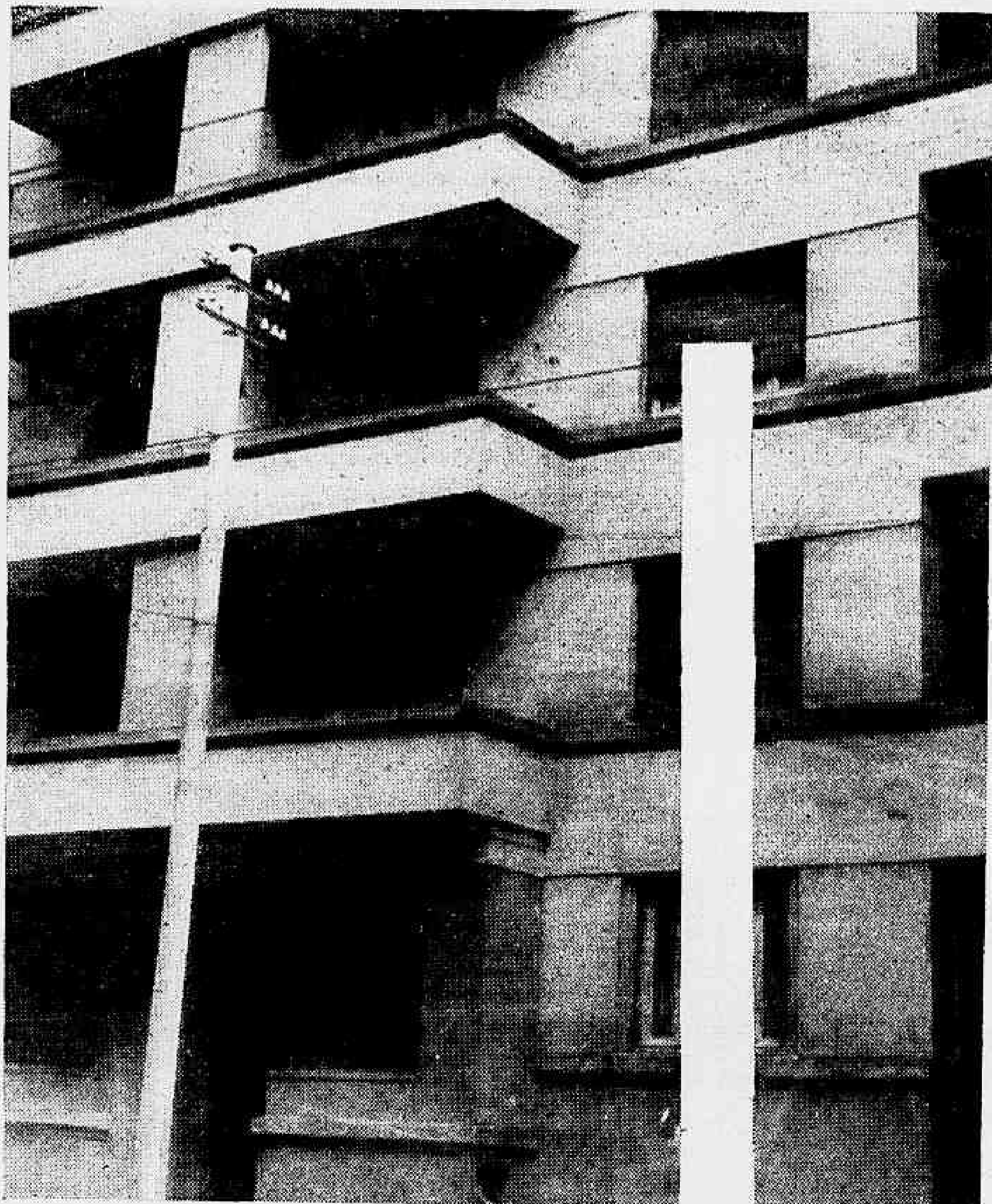
SEGUNDO sábado do mês de outubro. Cinco horas da tarde. Plena primavera. Na Avenida Nossa Senhora de Copacabana há um verdadeiro desfile de modas. Mulheres elegantes exibem os últimos modelos de Paris e Hollywood. Bem pertinho, o mar está revôlto, formando ondas espumantes. Casais de namorados passeiam pela Avenida Atlântica, fazendo confidências amorosas. Muitas *babás* conduzem bebês em carrinhos ou seguram pelas mãos as crianças que sabem andar... No céu azul, pouco a pouco, vai-se formando a paisagem multicolorida do arrebol. A brisa é fresca e acariciante. Tarde maravilhosa! Num *playground*, que fica perto, outras crianças do bairro se divertem. Enfim, em tudo transpira vida, graça, beleza e alegria. Que se sabe, apenas no apartamento 301, do *Edifício Potengi*, há uma menina que chora. Já completou 3 anos de idade, chama-se Maria Cristina e é filha do Sr. Eduardo Sanchez e de sua espôsa, Sra. Deolinda Sanchez, ambos espanhóis, da cidade de Almeria, província de Andalúsia. A garôta chora porque queria costurar a gola do vestido de sua boneca e sua mãezinha não lhe quis dar uma agulha.

Acontece que Maria Cristina é filha única e, por isso mesmo, criada com muito mimo. Não se conformou ao ver o seu desejo contrariado e pôs-se a chorar. Sua mãe, que estava costurando, na sala de visitas, juntamente com uma irmã de nome Pepita, ameaçou-a (aliás, pela primeira vez) com umas palmadas, caso ela não se calasse. O chôro de Maria Cristina estava perturbando, naturalmente,

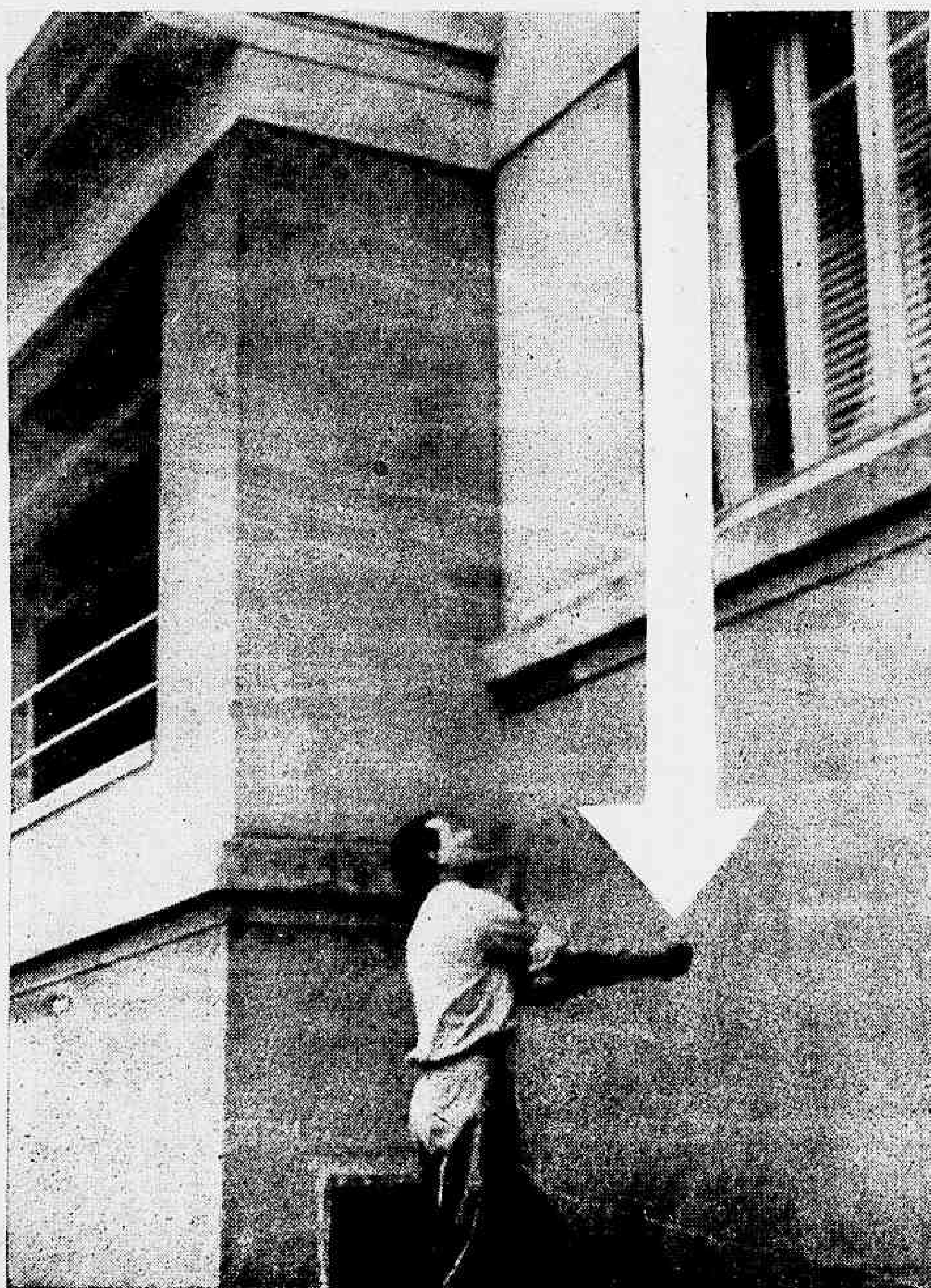


E' uma criança precoce, de grande imaginação, esperta e inteligente, que não se conforma com as observações maternas. Agora, porém, vai ser a mais ajuizada menina que o céu cobre... Ela assim prometeu a papai e mamãe, depois da quase trágica ocorrência da qual foi protagonista. E tôdas as crianças da vizinhança, suas amiguinhas foram levar-lhe o seu abraço de congratulações por ter saído ilesa de um tão grande perigo

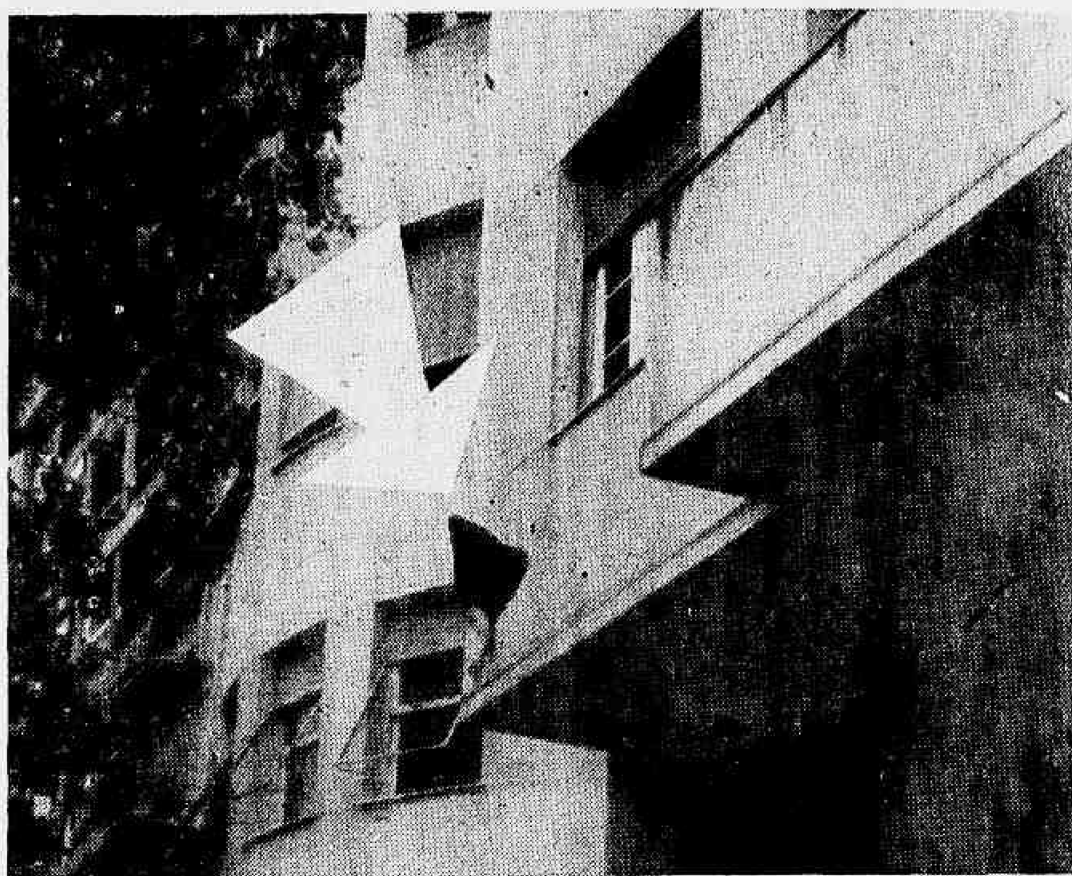
★



A seta indica exatamente a janela de onde se despencou a guria. Se não fôsse amparada, fatalmente teria tido morte certa. Daí a crença geral de que seu salvamento constitui um verdadeiro milagre.



Maria Cristina pesa vinte e cinco quilos. Todavia, ao cair nos braços de Abel, deveria estar pesando 75; isto é, o seu pêso três vêzes multiplicado. Isso levou o seu salvador providencial a ajoelhar-se quando a amparou.



A seta indica a queda de uma boneca de pano que pesa apenas seis quilos. Mesmo assim, caí vertiginosamente. Imaginemos, agora, com que velocidade não caiu Maria Cristina e com que destreza Abel a aparou.



Neste flagrante, o herói mostra como agarrou a pequena que vinha caindo em pé e ràpidamente foi virada para que não escapasse das mãos salvadoras.



Outro detalhe do miraculoso salvamento que emocionou a cidade inteira. Abel sustenta nos braços o anjinho, ao mesmo tempo que olha a altura de onde ela se despencou.



QUANDO ME VEIO a idéia de aparar êste anjinho, pensei em meu protetor — **SÃO JORGE**. Pedi a êle que me ajudasse a salvar esta alma inocente.

(Palavras de ABEL LIMA, no texto)



D. Deolinda chorou durante três dias e três noites consecutivas. Os seus olhos incharam... Mas, passado o susto, sorri, satisfeita, tendo nos braços a sua filhinha querida.

a conversação das duas irmãs. E a guria, que é sobremaneira travêssa e inteligente, parece ter compreendido tudo na sua inocência angelical. Saiu choramingando para o quarto. A mãe e a tia ficaram tranqüilas e prosseguiram com a costura. Mas, decorridos alguns minutos, ouviram gritos de socorro, que vinham da rua. A srta. Pepita espiou pela janela do apartamento, que é de frente; mas a mãe, D. Deolinda, instintivamente, correu para o quarto em que havia entrado sua filhinha. Num relance, olhou tudo e não viu Maria Cristina. Incontinente, debruçou-se na janela e, de cima, a viu lá em baixo nos braços de um homem. Como uma louca, desvairada, desceu as escadas do edifício (dispensando o elevador), seguida pela srta. Pepita.

Em baixo já era grande a aglomeração de curiosos. E, ao ver sua filha desfalecida, com a cabeça derreada, nos braços de um desconhecido, D. Deolinda não conteve um grito de desespêro: — "Meu Deus, minha filha, está morta!!!...

A custo o rapaz, que amparou nos braços Maria Cristina, disse com voz rouca: — "Não... não está morta... Êle... êle me ajudou a salvá-la...

— Êle, quem? — interrogou alguém.

— Êle... São Jorge... meu protetor...

Ainda em transe, a mãe quis tomar a filha. Mas o seu salvador não a queria entregar. E, tomado de um chôro convulsivo, o rapaz erguia a pequenina nos braços. Dir-se-ia que fôra um anjo que lhe caíra do céu.

A emoção era grande. Muitos dos presentes choravam ante aquêle quadro milagroso. Foi juntando gente. O trânsito parou. Mas o moço sustinha nos braços a menina. Apertava-a tanto que suas unhas penetravam nas carnes tenras... Suas pernas tremiam. Trouxeram-lhe uma cadeira. Êle sentou-se e passou a reparar naquele rostinho inocente. A mãe chorava e suplicava-lhe a devolução da filha, ao mesmo tempo que beijava a ambos. Deram-lhe algo para beber. Nesse interim, Maria Cristina sorriu. A mãe também sorriu. O moço molhou novamente os lábios... A emoção ia rarefazendo-se... D. Deolinda ajoelhou-se aos seus pés e implorou... Êle sorriu e perguntou:



Maria Cristina dá um beijo na sua boneca, após alguma insistência do repórter. Mesmo assim, olha de soslaio. Estará pensando em outra travessura?

— E' sua filha?...

— Sim, é minha filha... e o sr. é o seu salvador — disse a senhora, patèticamente, entre risos e lágrimas.

— Onde a sra. mora?

— No apartamento 301...

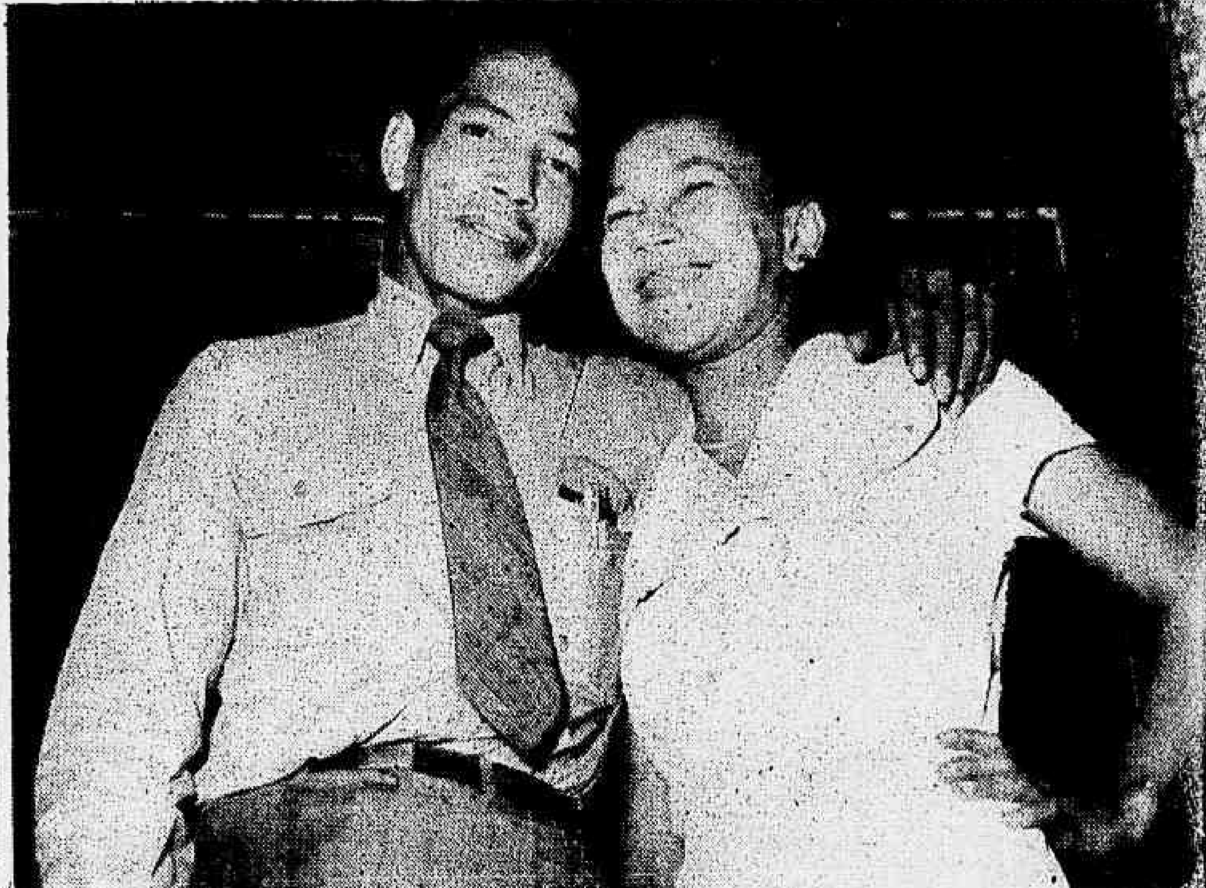
— Então eu vou lá levar êste anjinho.

E, erguendo-se da cadeira, Abel Lima — êste o nome do salvador de Maria Cristina — saiu a passos largos, com os braços estendidos, na mesma

Abel Lima narra para seus colegas de profissão o seu feito honroso. Todos estão satisfeitos e solidários com o motorista de maior cartaz, no momento.



Também a sua companheira ficou contente ao saber da proeza do seu querido. E, não se fêz de rogada, posou galhardamente... «e com muito gôsto»,



Assim que circulou a notícia do salvamento de Maria Cristina, amigos e parentes da família Sanchez acorreram à sua residência. E Abel não se cansa de repetir como se deu o fato.



Um «close-up» de Abel, feito no volante do «Cadilac» que dirige. Está atento e jamais se envaideceu da publicidade que tem. «São Jorge é o meu guerreiro», diz sempre...





O sr. Eduardo Sanchez, sua espôsa, d. Deolinda Sanchez e Maria Cristina, chegam à Igreja Nossa Senhora de Copacabana, para assistir à missa em ação de graça que mandaram celebrar.



O vigário que oficiou põe a mão sôbre a cabeça da guria dizendo piamente: «Não há dúvida, foi mesmo um milagre o salvamento dêste anjo».

posição em que amparou a menina, e foi subindo pelas escadas. A mãe e a tia seguiram-no de perto e logo depois a multidão de curiosos. Assim, chegou ao terceiro andar; e como a porta havia ficado aberta, foi entrando. Chegou à sala de visitas. Parou. Observou. Num canto uma linda boneca; no sofá uma caixa de costura e um vestido quase pronto. Entrou mais. Passou pelo corredor. Chegou ao quarto. Colocou Maria Cristina no leito e espiou pela janela. Lá em baixo apontaram-no com o dedo, dizendo:

— E' êle... foi aquêle que aparou a menina que caia...

Retirando-se da janela, Abel sentou-se e ficou a pensar, por alguns instantes. D. Deolinda chorava, agora, abraçada à filha. A srta. Pepita readquiriu o ânimo perdido e passou a dispersar os curiosos e telefonou em seguida para São Paulo, comunicando o fato ao sr. Eduardo Sanchez, que é diretor dos Laboratórios Abbot e que vive mais na Paulicéia do que no Rio. Maria Cristina, agora, já não chorava. Abel a interrogou e ela, graciosamente, disse:

— Mamãe não deu agulha pra eu fazer vestido da boneca... e não deixou a gente passear...

★

Como dissemos, Maria Cristina é criada com muito mimo. Ora vendo-se contrariada nos seus desejos infantis, foi para o quarto e, usando uma cadeira, conseguiu a abrir a janela que dá para a Avenida N. S. de Copacabana. Debruçou-se no peitoril. Em frente ao edifício há uma parada de ônibus. Duas senhoras, que ali estavam, viram o perigo a que estava exposta a pequena. Gritaram por socorro. Abel Lima, que é *chauffeur* do deputado Manhães Barreto, havia chegado de Ipanema, onde fôra buscar, num colégio, os filhos daquele parlamentar. Tendo guardado o carro na garagem do edifício onde reside seu patrão, o qual fica pegado ao *Potengi*, saiu para dar uma volta...

— Tudo foi obra da Providência — disse-nos o deputado Manhães Barreto — pois Abel costuma ficar na garagem... Nesse dia, no entanto, após guardar o *Cadillac*, saiu. E quando vai passando em frente ao *Edifício Potengi*, ouviu chôro, que vinha de cima. Olhou e pronto. Não deu tempo para mais nada. A menina caia justamente no momento em que êle olhava. Rápido, como um gato, avançou uns 5 metros, estendeu os braços e agarrou o anjinho.

(*Cont. na pág. 54*)



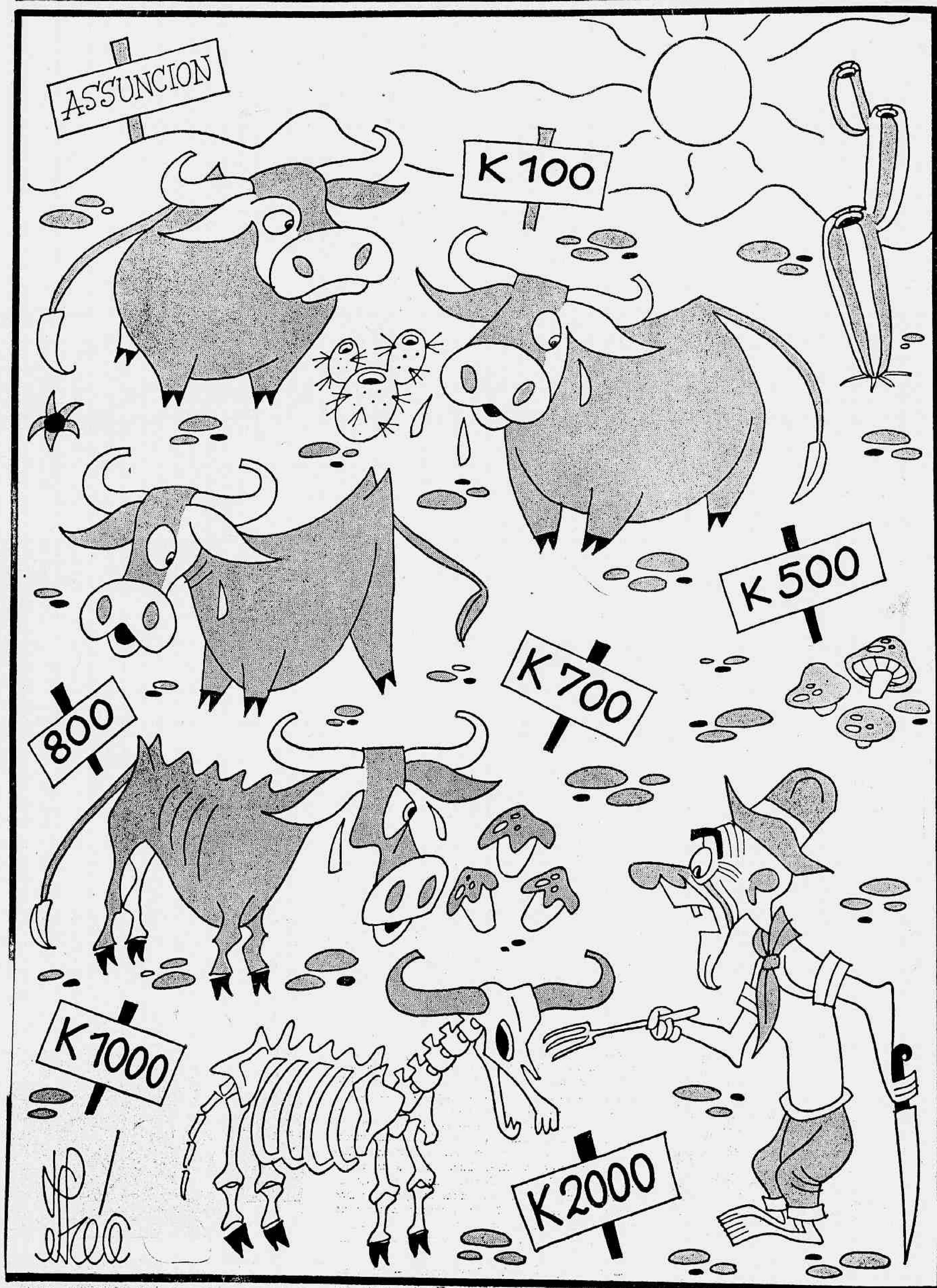
Flagrante feito para a posteridade. A família Sanchez e Abel, a quem Maria Cristina deve a vida. Estão, assim, ligados para sempre.



Após a missa da Igreja N.S. de Copacabana, Abel foi assistir a outra na matriz de S. Jorge. E até lá esteve a reportagem, para documentar melhor...

EU QUERO VER É A PÉ

CABELO mandou buscar 70 mil bois no Paraguai para abastecimento desta capital.





ALMA PENADA

SEU Minigildo tinha queda para alma penada, — diziam os peões, cochichando entre risos.

Homem quieto, bigode branco escorrendo pelos cantos da bôca, fala mansa e rouca, tinha um andar sêco, de grandes braços compridos querendo sempre agarrar alguma coisa com um resmungo rápido entre dentes.

Para a peonada, nova e irreverente, êle não era mais que restos sombrios de um moço que fôra tocador de violão, fandangueiro, dono de fazer bailes e que se recusava agora a contar os "causos" de sua vida.

★

MINIGILDO era grande e forte, alegre, vivaracho, de gestos e gargalhadas amplas. Levou vida airada, sempre em qualquer lugar, armando fandangos e pagando bebidas para quem quer que fôsse, ganhando a vida em qualquer parte, mas nunca criando raizes. Até que um dia criou. Fêz casa, comprometeu-se com o patrão de sarar daquela loucura que o levava pelas estradas e pelos bolichos, sem nunca pensar no dia de amanhã. Para êle tudo tinha sido "hoje": comida, casa, dinheiro e mulher.

Foi então que aquela coisa atravessou sua vida num relâmpago de olhos claros e lhe apertou o coração e o modificou tanto e tanto, que êle criou raizes e começou a achar que, afinal, era bem uma necessidade pensar em amanhã, guardar o dinheiro, beber menos e trabalhar mais.

Era a Laura, dos olhos grandes e verdes, de cabelo curto e crespo em reboldia sôbre a testa. E por causa dela Minigildo fêz coisa que se esperava de todo mundo, menos dêle. Teve gado, teve casa, teve terra, teve crianças brincando com a cachorrada no campinho liso. E teve socêgo — coisa que todo mundo podia ter, menos Minigildo.

E foi por muito tempo. Tanto, que a gente nem sabe dizer ao certo. As crianças já estavam taludinhas. A Laura dos olhos verdes já não era mais aquela. O tempo trouxera tamanha diferença! E por isso Minigildo pensava que o tempo roubava no jôgo. Aquilo tinha sido um lôgro. A Laura de antes não era, não podia ser a mesma agora. E tanto isso lhe encheu a cabeça que um dia, sem mesmo saber porque, tomou o rumo da cidade para fazer compras e não voltou mais.

Muita gente o viu por lá, bolicheando. E bem acompanhado, segundo diziam. Vida séria, de família. Só de quando em quando, em tardes de domingo, uma pinga repartida entre as visitas e uns toques de violão, trôpegos, esquecidos, que traziam um quê de olhos verdes para seus pensamentos.

E aquela coisa — quase diria saudade — dos olhos daquela mulher que refugara, começou a apertar, a tomar corpo, a crescer de um jeito, que o Minigildo, anos depois de ter largado a casa, resolveu voltar, desse no que desse. Aquela saudade, que amadurecera nas tardes de domingo, entre os acordes do violão e os olhares da companheira, foi ficando tão grande que espalhou sombra na presença mais nova e tão loura da moça da cidade.

Num impulso de outrora, Minigildo entregou o bolicho para a mulher.

— Mas, por que, homem de Deus? Que te fiz?

— Nada. Que sei eu? E' uma coisa que me puxa! !

E foi, rumo à qüerência, em busca dos olhos verdes de sua mocidade. E por lá ficou, mais desconsolado, mais triste, mais pacato do que nunca.

Os olhos verdes lá estavam, calmos, como à sua espera, só que o tempo o lograra outra vez, como um jogador safado; a Laura não se transformara, era a mesma que êle havia abandonado, ainda mais machucada pela solidão.

Sem coragem para voltar ao povo, perambulou pelo rincão e vai vivendo agora, igual que alma penada, uma triste sombra do que foi.

Seria tão difícil convencer ao coração de Seu Minigildo que o tempo logrou também a coitada da Laura!

THEREZA DE ALMEIDA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Abel aparou um anjo (Abdias Rodrigues) . 3/7
Ademar inaugurou a Bienal (Domingos de Lucca Jr.) 12/17
A Latinidade se Defende (José Asmar) 27/31
Rosina Pagã e seus "casos" (César Ladeira) 56/57

HUMORISMO

Eu quero ver é a pé (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 23

LITERATURA

Alma Penada (Thereza de Almeida) 9
O Inocente (Geo William) 22
A idéia roubada (Edson Kneipf) 38
Semana Literária (Edmundo Lys) 44/45
De um poeta chinês desconhecido (Lyse) . 41

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple-Bailey) 24/25

FOLHETINS

A volta de Bugs Coonan 26
Uma pequena selvagem 35

EXTRA

Diário de James Forrestal 32/33

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas 17
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 22
Puxe pelo cérebro 46
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

FEMININAS

Crianças 36/37
Variados 40/41
Week-End na Cozinha 42/43

CINE-NOVELA

Rio Escondido 48/49

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Ribeiro — Orval.

FOTOS

Abdias Rodrigues — Dario Terini — Nódgi — Avulsas.



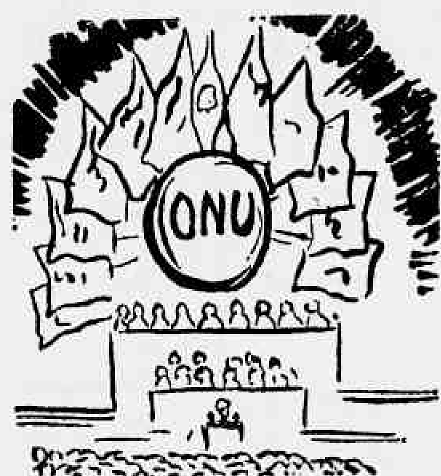
NA CAPA

Pieper Laurie

(Foto Universal-International)

A SEMANA

O Dia das Nações Unidas



24 de outubro marca uma data memorável e muito cara a todos os povos: Dia das Nações Unidas. Em todos os paises se executam programas de festas e solenidades. No Rio, essa data será marcada por uma série de realizações, destacando-se a inauguração da "Conferência das Organizações Não Governamenais". A data não se festeja apenas na data aludida. Vão as solenidades até ao dia 28, aqui na Capital da República. E' pena que o registro fique circunscrito ao mundo oficial, a algumas associações culturais e estabelecimentos de ensino. Era preciso que o povo da rua sentisse a magnitude dessa data e com ela se integrasse. O mundo precisa dessa união dos povos para os bons entendimentos dentro do respeito mútuo e do acatamento à soberania de cada um. Está provado que os sistemas de govêrno não podem servir de empecilhos à vida pacífica e de intercâmbio permanente entre as nações de regimes diferentes. Agora mesmo estêve o Sr. Café Filho, Vice-Presidente da República, em visita a paises da Europa, indo à Iugoslávia, país sob regime comunista dirigido por Tito. Os Estados Unidos, apesar de combaterem o regime russo, mantêm com aquêle país as melhores relações comerciais e diplomáticas. A fundação das Nações Unidas nasceu sob o signo da Paz e da boa compreensão mútua. Não há divergência entre as potências, ou nações mais modestas que não possam ser resolvidas pelas vias diplomáticas e harmonia comum. Pois as Nações Unidas também possuem o seu dia no calendário da humanidade e é êsse evento que acabamos de comemorar.

A arte de iludir



O que se passa no Rio (talvez em tôdas as grandes cidades do país) com o jôgo do bicho, é muito semelhante ao que se verificava nos Estados Unidos ao tempo da chamada Lei Sêca. Com a proibição de usar-se bebida alcoólica, o norte-americano realizava prodígios de contravenção. Havia bengalas com depósito de "brandy"; canalizações sob as águas dos lagos que dividem o Canadá com os Estados Unidos; iates flutuantes em alto-mar, fora das águas territoriais, enfim, uma série enorme de meios para fugir à lei proibitiva. Até que o Estado pensou e revogou o "Dry Law"... O jôgo do bicho é perseguido no Distrito Federal, embora a repressão policial não consiga acabar com o hábito carioca de fazer sua "fèzinha". Os investigadores destacados para êsse fim se vêem diante de casos curiosíssimos e que vêm demonstrar como é fértil a arte de iludir dos contraventores. Os bicheiros recorrem aos mais diversos ardis. Certa vez era um "estudante" que conduzia as listas de bicho em grossos volumes lá para a sua "Academia". Foi prêso e a malandragem se desmascarou. Faz poucos dias, veio a público um outro estratagema dos bicheiros para enganar a polícia. Num dos becos da rua D. Manuel um investigador notou que um cidadão, que não lhe era estranho, conduzia uma garrafa embrulhada. O caso não teve maiores conseqüências. Mas, no dia seguinte no mesmo local e na mesma hora, lá ia o cidadão com a garrafa. O policial pediu para examinar o objeto. Ao invés de conter leite, como afirmara o portador, estava com mais de mil listas de bicho! E foi aquela água...

A filha do Dr. Laureano



D. Marcina, espôsa do médico-mártir, cujo nome atraiu as atenções do Brasil inteiro, tem sofrido uma série ininterrupta de crueldades morais. Perdeu o marido da maneira dolorosa que todos connecemos; perdeu os pais, um irmão logo depois, acontecimentos que lhe abriram chagas no coração, impossíveis de cicatrizar. E quando se entregava à reconstituição de sua vida na modéstia de seu lar marcado pela dor, surge um outro fato que lhe tem feito derramar lágrimas e maldizer de sua sorte iníqua. E' o caso da menina Maria do Socorro, filha do seu matrimônio com o dr. Laureano, cujas origens estão sendo contestadas pelos sogros da viúva do médico lá no fôro da Paraíba. Asseveram êles que a menina não é filha do casal, isto é, não é sua neta. O registro civil feito por d. Marcina, apesar de devidamente testemunhado, é falso. A menina é filha de Paulo Ferreira e Maria Salete, e se chama, realmente. Maria do Socorro Sampaio Rodrigues, retirada de um abrigo de menores em 1946 pela espôsa do médico e adotada pelo casal. Os autores da ação de anulação do registro entram em detalhes e se propõem a provar o alegado. Por sua vez d. Marcina jura em como se trata de um equívoco, pois a menina do abrigo é outra, e ela mesma a devolveu aos pais, logo após o nascimento de sua filha Maria do Socorro. O assunto tem seu lado doloroso. D. Marcina, que ainda não se restabeleceu de tantos golpes da adversidade, encara mais êste: querem tirar-lhe o direito de mãe de sua filha de cinco anos. E' uma crueldade.

EM REVISTA

Um protestante no Vaticano

A notícia que veio dos Estados Unidos e foi estampada nos diários do Rio em fins de outubro pp. não deixou de causar certa estranheza. Era apenas isto, leitor: o Presidente Truman havia escolhido para servir como Embaixador da América do Norte no Estado Pontifício, o general Mark Clark, embora provisòriamente. A curiosidade não estava em ser nomeado aquêle bravo cabo-de-guerra, muito conhecido em nosso país, para tamanha investidura no Vaticano; o caso é que o militar professa uma religião que não a católica. E' um episcopal, ramo mais ou menos semelhante ao anglicanismo, um dos ramos da dissidência que sobreveio ao papado depois da Reforma luterana. Os episcopais norte-americanos, porém, jamais hostilizaram os católicos, nem êstes aos episcopais. Há nos Estados Unidos uma maneira muito diferente de encarar as confissões religiosas imperantes na sociedade. Todos sabem que uma das grandes curiosidades em tal sentido está naquele edifício de 33 andares ou coisa aproximada, em que funcionam várias igrejas num só espaço do mesmo templo. Em altares de um lado celebram missas os padres católicos, enquanto em outros, mesmo vis-a-vis, oram em seus cantores cristãos os protestantes. Depois dos ofícios divinos, os sacerdotes das variadas religiões saem na maior camaradagem a palestrar como se fôssem da mesma seita. Ora, para os norte-americanos, nada mais simples do que mandar-se para Roma, para servir junto ao Papa, um protestante, um ateu, um espírita. Mas a nomeação está suspensa em face das férias do Congresso.



A vingança dos vereadores



COM as recentes eleições para prefeitos e vereadores em S. Paulo, surgiu uma novidade bastante divertida: alguns legisladores do município da capital paulista, reconhecendo que têm muito pouca probabilidade de reeleição, decidiram pregar uma boa peça nos que vão ocupar os seus lugares: proporão (ou já propuseram, é claro!) que se torne em lei o projeto que será por êles defendido, de tornar gratuito o exercício de vereador na Capital do Estado! E' claro que, sendo os proponentes uma pequena percentagem em face do exército de vereadores que não estão dispostos a tamanho sacrifício em bem da Cidade, isto é, dos cofres do Tesouro Municipal, o lembrado nem será tomado em consideração. Muitos dos novos vereadores tiveram de mobilizar muitas dezenas de contos de réis para fazer face à propaganda, e não quererão, naturalmente, perder o que dispenderam com suas eleições. Mas, supondo-se, por absurdo, que o assunto chegasse a vingar e os vereadores de S. Paulo passassem a trabalhar como relógio, isto é, apenas pela corda, não seria de estranhar que terminasse fechando a Casa da Câmara Municipal de Piratininga por falta de quem estivesse disposto a essa prova de são patriotismo. E imaginemos o berreiro que isso traria se, para imitá-los, a Câmara Carioca resolvesse seguir o exemplo paulistano. Nas futuras eleições não apareceria ninguém para pleitear o cargo de tanto sacrifício, de tanta responsabilidade por amor ao povo...

Moralização de costumes

O Juiz de Menorès da capital de São Paulo, por intermédio do Assistente da Vara, está continuando sem desfalecimentos, na campanha de moralização de costumes daquela capital, no que diz respeito a atitudes amorais nos cinemas. Em fins de outubro as diligências do Juiz deram os melhores resultados, quando foram detidos mais de cem casaizinhos que estavam em situação pouco recomendável perante a moral. Contam que, ao serem surpreendidos, meteram a mão no bôlso e puxaram as alianças, colocando-as apressadamente no dedo respectivo, procurando justificar seus aconchegos exagerados e as beijocas renitentes, fazendo-se passar por noivos. Mas as autoridades estão muito habituadas com êsses expedientes, e, com perguntas hábeis, conseguiram desmascará-los. As mocinhas que estavam com seus "amiguinhos" eram de 1 a 16 anos, verdadeiros "brotinhos" inexperientes e já nas ribanceiras de uma vida deletéria. Quando vários dêsses casais estavam detidos nas delegacias, os seus pais compareceram e, ali mesmo, aplicaram nos apressados jovens o merecido castigo. Houve um mocinho, porém, que pediu, quase chorando, que as autoridades não revelassem o seu nome, pois que a menina com quem estava a passar umas horas deliciosas no cinema, era a empregadinha da sua propria casa, e seus pais iriam ficar furiosos! E as autoridades atenderam aos rogos dêsse discípulo do Príncipe D. Pedro, antes de sua segunda mulher...



A PERSONAGEM DA SEMANA



Winston Churchill

Um dos mais curiosos fenômenos político-sociais dos últimos tempos foi a derrota de Churchill em 1945, quando teve de deixar o cargo de Primeiro Ministro, entregando o bastão de comando ao Partido Trabalhista, sob a chefia de Clement Attlee. Churchill havia subido como nenhum outro estadista no conceito do povo inglês, mas êste, com as esperanças voltadas para o programa socialista, não deu a vitória ao velho Winnie, o grande fautor das glórias inglêsas na tremenda luta de 1939 a 1945. O fato foi encarado como uma prova de que, acima do valor pessoal dos líderes, coloca o povo inglês o seu senso político, e parece dizer com seus botões: "Amigos, amigos, negócios à parte". Os trabalhistas iniciaram a política dos pobres, promovendo a nacionalização de muitos serviços de caráter privado, tanto na seara das profissões liberais como nas indústrias básicas. Muito se escreveu sôbre o assunto, e o mundo inteiro acompanhava a marcha do govêrno trabalhista inglês, uns o elogiando, outros o atacando. Sòmente em eleições gerais para o Parlamento britânico poderíamos chegar a conclusões definitivas. Com quem estaria a Inglaterra? Com Attlee, ou com Churchill? Com os trabalhistas ou com os conservadores? E a prova provada acaba de vir: os inglêses, desiludidos do programa trabalhista, voltaram a confiar a Churchill o leme da pátria. Qual será sua atitude perante o Oriente Médio? Que vai fazer diante de Farouk? Como conseguirá abastecer a ilha? Conseguirá a restauração da libra no comércio do mundo? Reforçará o prestígio inglês na Comunidade Britânica? Promoverá a harmonia entre os cinco grandes? O povo inglês crê que faça tudo isso e mais ainda, conhecendo, como conhece, a fibra do velho democrata.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

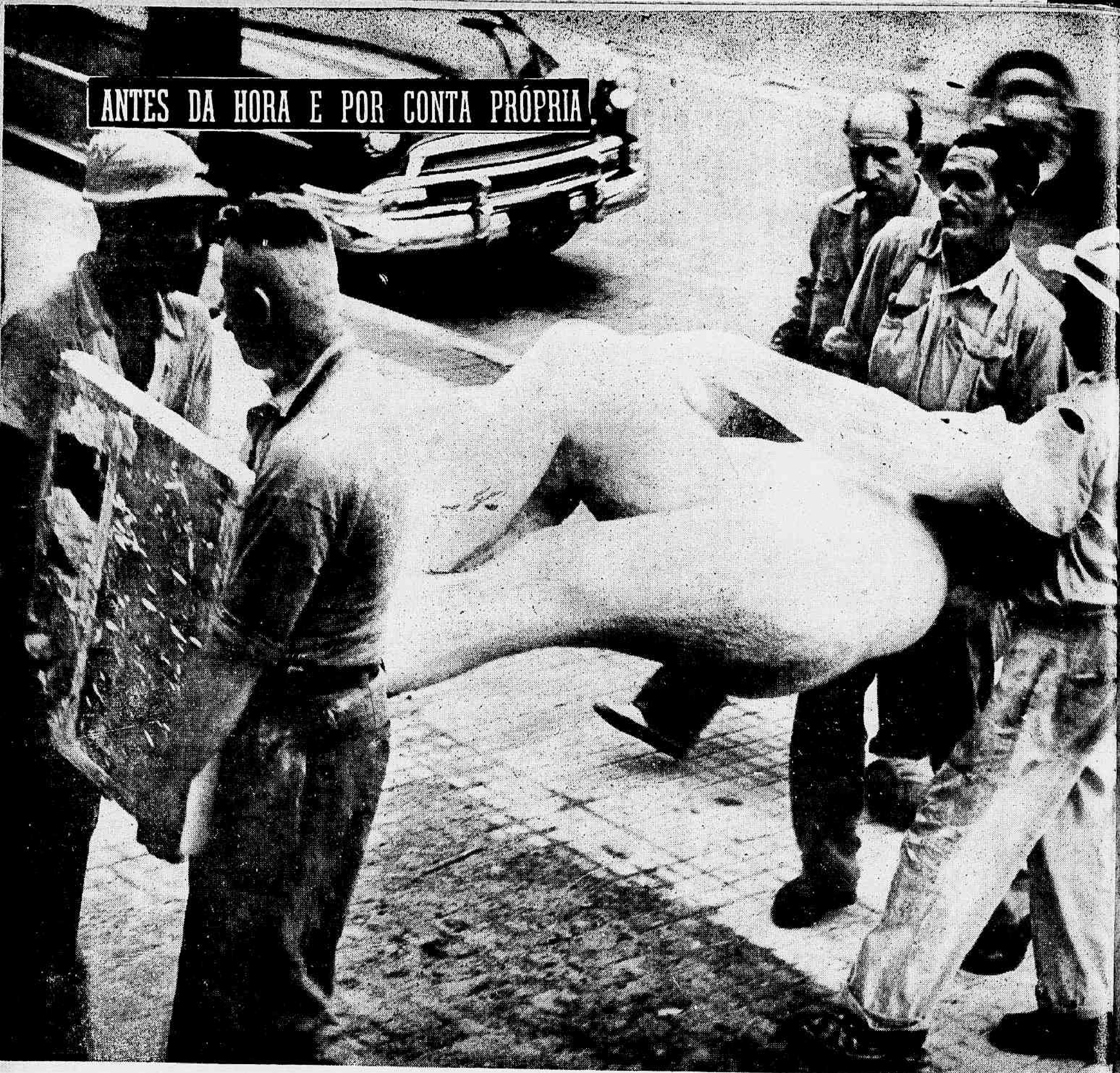
Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

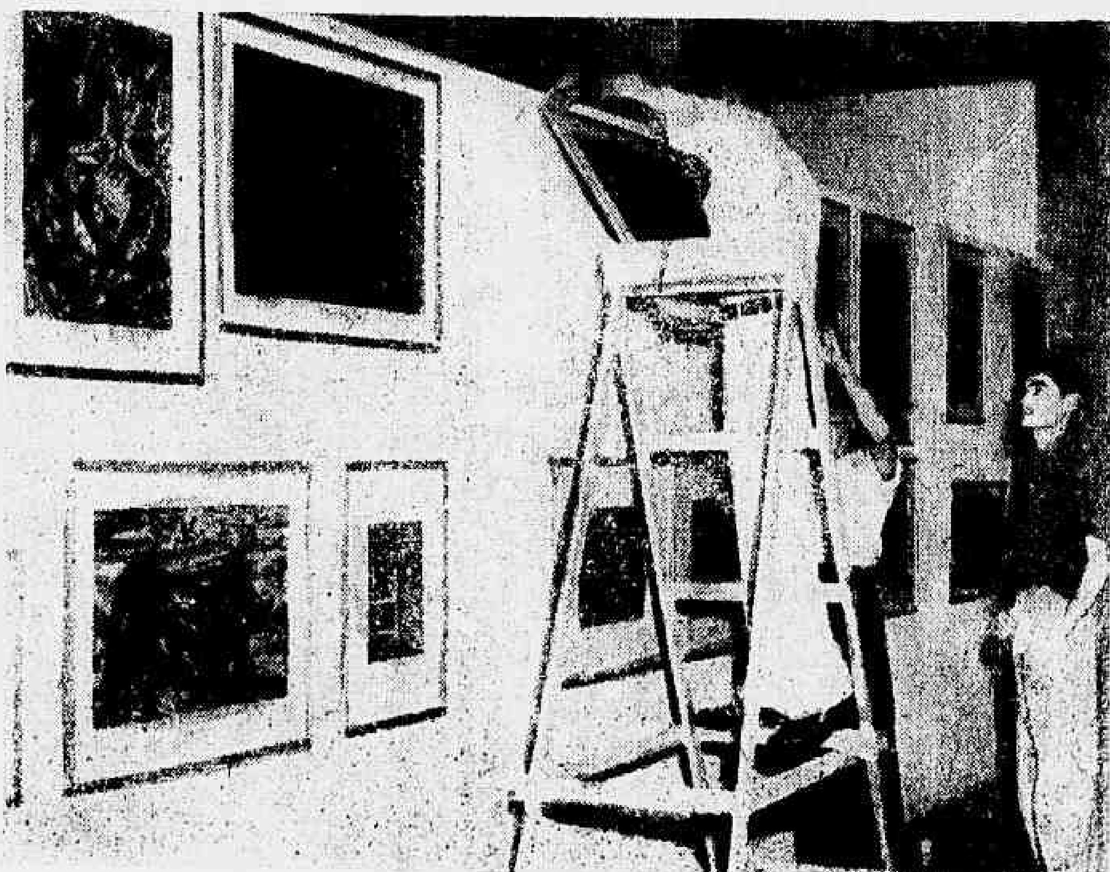
Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



A MAIOR! — Sim, a maior escultura, exposta por Victor Brecheret, que foi um dos seis artistas nacionais especialmente convidados à Bienal. Essa é a obra e precisou de quatro homens para transportá-la ao interior. A curiosidade pública foi enorme, quando essa monumental figura de mulher atravessou a rua. E não faltaram fiu-fius!



DE TODO MUNDO vieram enormes volumes que eram depositados à frente do Trianon. Suas pérgulas desapareceram e seus salões de baile foram se enchendo de arte moderna...



UMA EQUIPE INTEIRA teve sob seus cuidados obras valiosíssimas, encarregando-se de dispô-las nos vários pavilhões da Bienal. E tudo correu sem nenhum incidente...

ADHEMAR INAUGUROU A BIENAL

"EU SOU AMANTE DAS ARTES E VIM VER ISTO DE PERTO" — DECLAROU, SORRIDENTE ★ MAS A INAUGURAÇÃO OFICIAL FOI POSTERIOR ★ DUAS MIL OBRAS: PINTURAS, ESCULTURAS, DESENHOS, GRAVURAS E PROJETOS ARQUITETÔNICOS ★ ENTRE OS PREMIADOS, O PAULISTA CACIPORÉ TÔRRES, DE 19 ANOS DE IDADE ★ VALORES NOVOS E REVELAÇÕES NACIONAIS ★ MAS HOUVE QUEM NÃO COMPREENDESSE O SENTIDO ABSTRATO DAS OBRAS.

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR
Fotos de DARIO TERINI



MÃOS PROFANAS deslisavam pelo corpo alvo da bonita mulher, mas não havia outro geito. Era necessário amparar a obra moderna e as mãos profanas faziam-se imprescendíveis.

CONSTITUIU espetáculo sem precedentes, na história das artes das Américas, a inauguração da I Bienal de Arte Moderna de São Paulo, realizada no último dia 21, no Trianon Paulista, à qual compareceram mais de mil convidados especiais, o Governador do Estado, representantes, do Presidente da República, das embaixadas e consulados, das altas autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais. S. Paulo tornou-se o ponto de referência do mundo artístico internacional e pessoas vindas dos mais diferentes pontos do país e de outros continentes acorreram à cidade para conhecer esta mostra, que encontra similar apenas nas famosas Bienais de Veneza, que se vêm realizando há muitos anos.

BRILHANTE INAUGURAÇÃO

O sábado amanheceu manhoso e parecia tramar para que a inauguração da Bienal não culminasse com o êxito a que estava fadada. Desde as primeiras horas da manhã, uma garoazinha enjoativa lavava o asfalto da cidade e enlameava as ruas dos bairros afastados, enquanto operários, críticos, comissários de países expositores e os organizadores do certame davam os últimos retoques nos pavilhões.

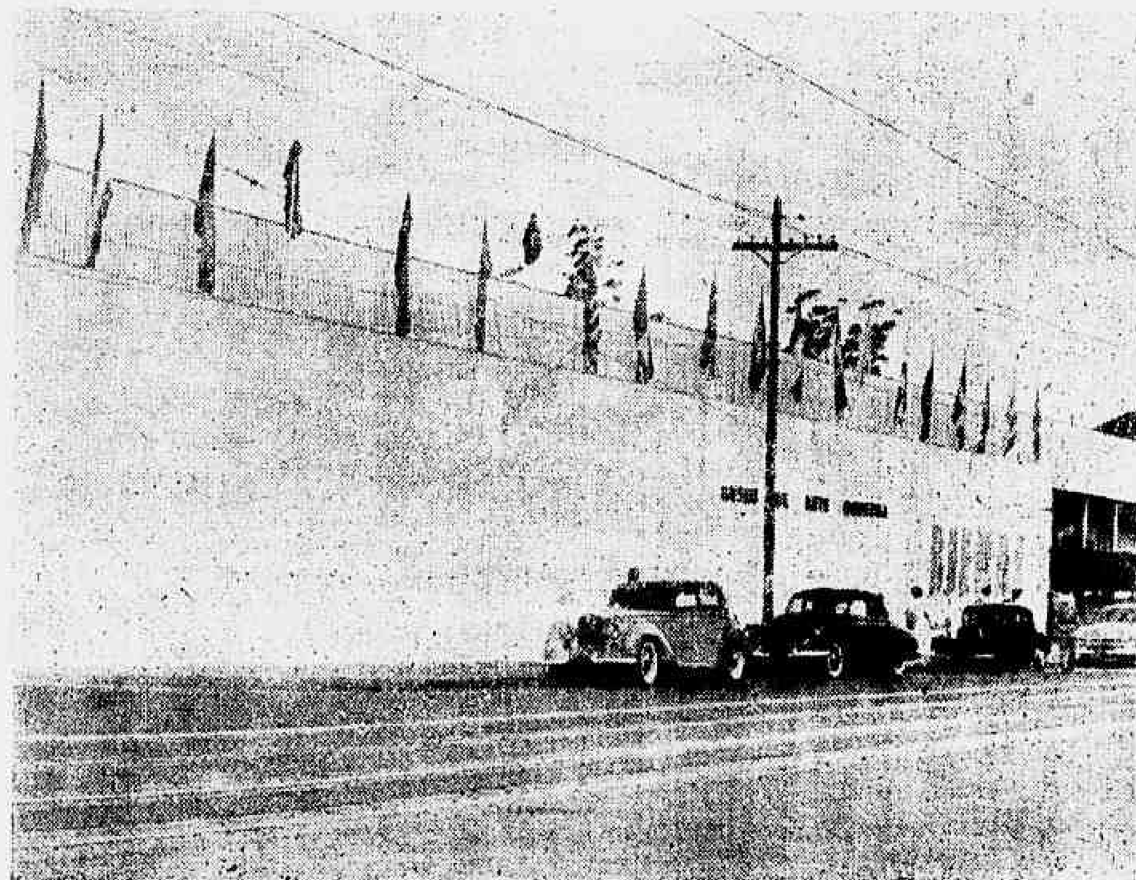
Em virtude do mau tempo, a inauguração, que estava marcada para às 16h., foi transferida para às 18h., porquanto os aeroportos estavam interditados e os trens que transportavam delegações de outros estados e autoridades federais estavam com grande atraso.

Faltavam alguns minutos para às 18h., e já a entrada do Trianon estava literalmente tomada pelos convivas especiais, que se espremiam na área externa fugindo da chuva persistente. Refletores iluminavam os locais para filmagem dos jornais projetados e os "flashes" explodiam, incessantemente, numa louca orgia de luzes.

Chegou o governador Lucas Nogueira Garcez, acompanhado de sua espôsa e de D. Darcy Vargas; o ministro Simões Filho, representando o presidente da República; o ministro da Fazenda, sr. Horácio Lafer; o ministro das Relações Exteriores, sr. João Neves da Fontoura; o senador César Lacerda Vergueira, o ministro Souza Lima, o secretário bandeirante, estadual e municipal; os representantes das embaixadas e consulados, correspondentes estrangeiros, críticos internacionais e os convidados especiais, que aguardavam, com impaciência, abertura da porta do recinto.

FRANCISCO MATARAZZO INAUGURA

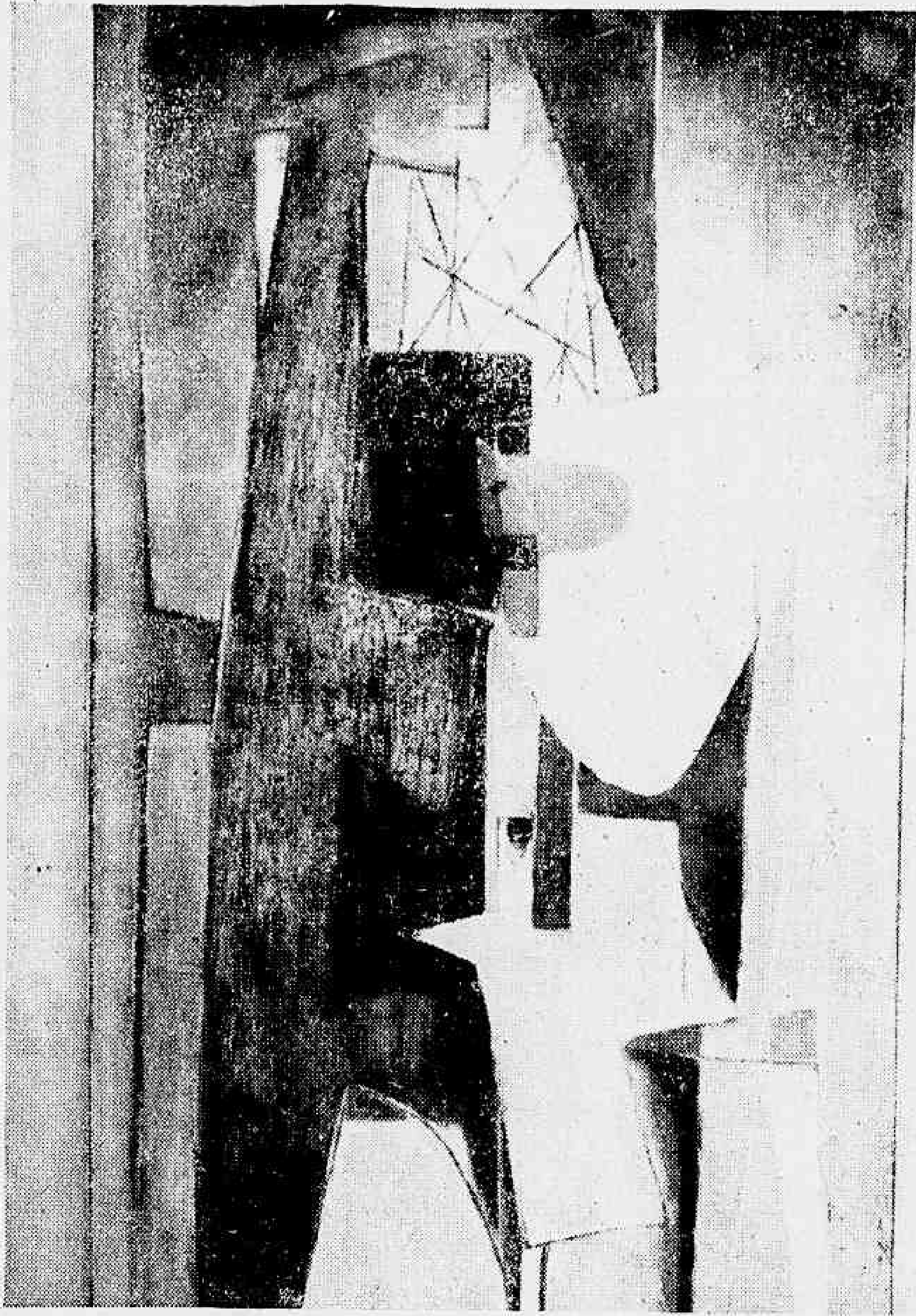
Após adentrarem os salões da mostra, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo — que é a entidade organizadora do Bienal



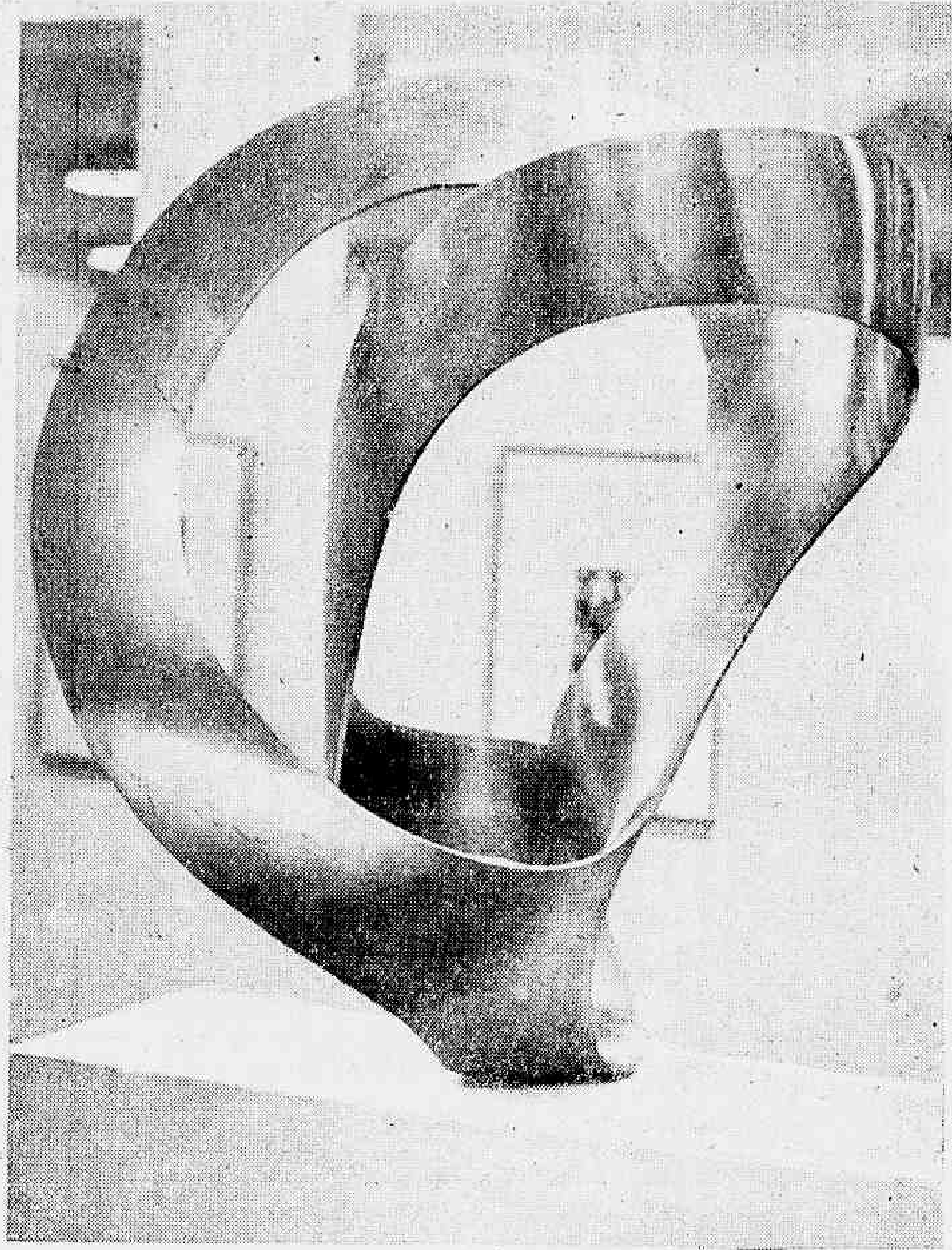
VINTE E UMA BANDEIRAS foram içadas no Trianon. Após o encerramento da Bienal, em 24 de dezembro próximo, o edifício será devolvido à Municipalidade — e pronto.



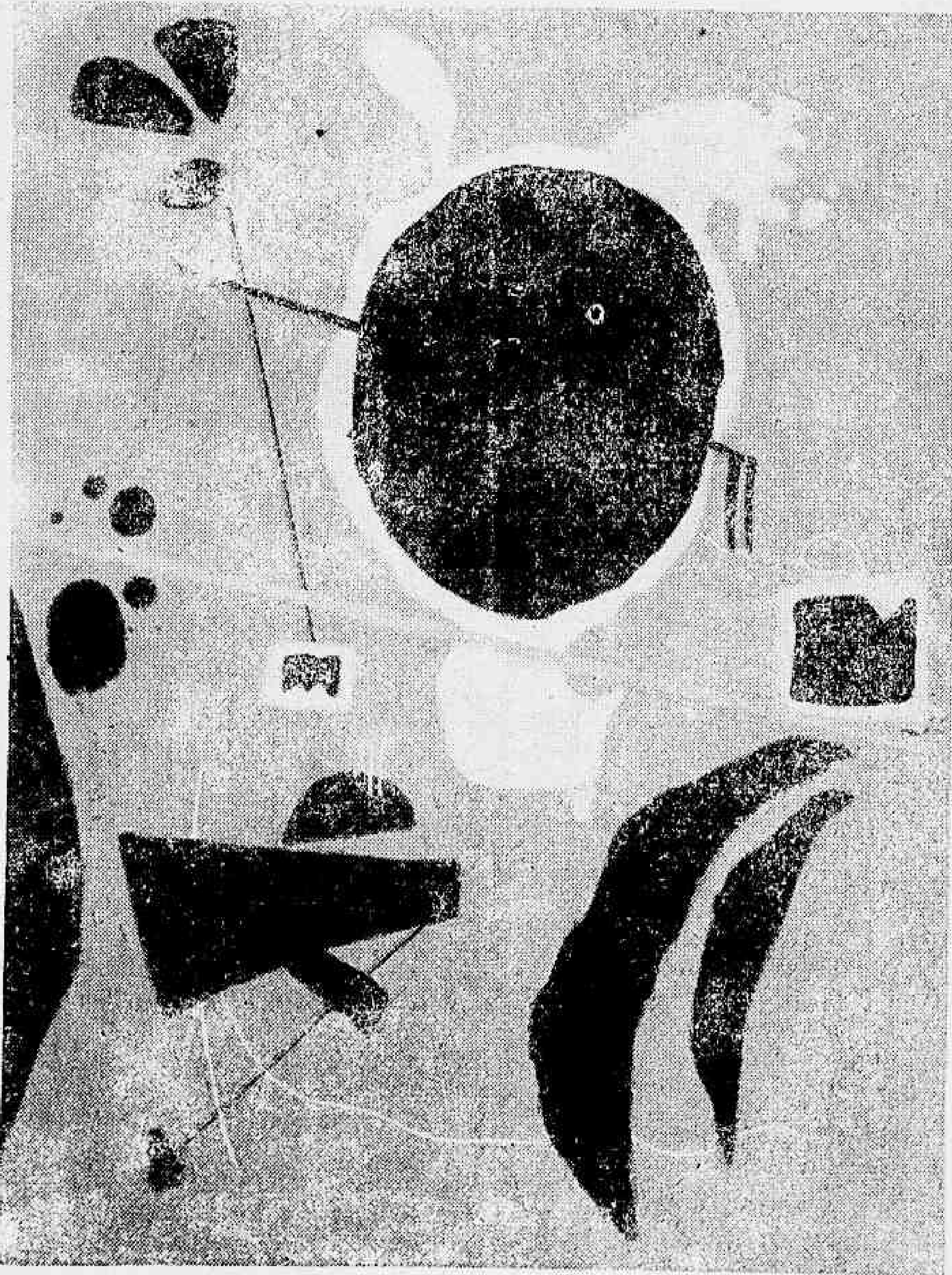
A ÚLTIMA VASSOURADA antes dos convidados oficiais, autoridades civis e militares, delegações estrangeiras e corpos diplomáticos, cruzarem os portões do Trianon.



CEM MIL CRUZEIROS! — 1º prêmio de pintura, «Os namorados num café», de Chastel. N. da R.: O «clichê» é assim mesmo, não está virado. O leitor compreendeu bem?



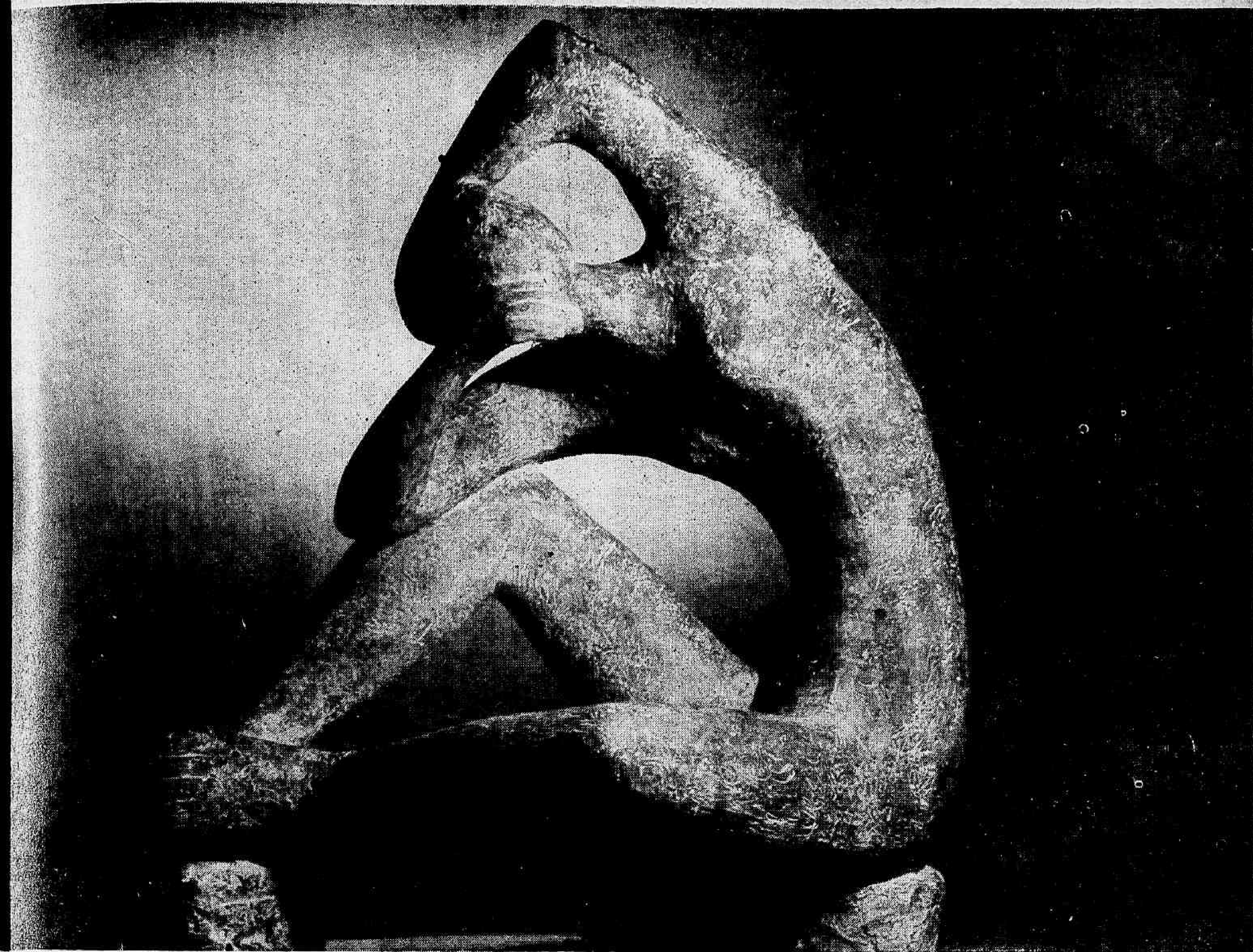
CEM MIL CRUZEIROS! — 1º prêmio de escultura, «Movimento Tripardita», de Max Bill. Uma criança afirmou: «Eu faço coisa igual ou melhor». Criancices, mais nada...



TRINTA MIL! — Foi quanto ganhou o alemão Baumeister por essa tela. A intenção subjetiva vale tudo. Os Jardins de Infância garantem que os alunos fazem melhor



BRIGA DE GALOS, de Mário Cravo (escultor baiano, 28 primaveras). Um novo de talento recompensado ao expor e vencer na mostra internacional. A rinha foi animada!



CINQUENTA MIL CRUZEIROS! — Vale? A resposta fica por conta do leitor. «Figura», do escultor nacional Bruno Girogi, mereceu o segundo lugar (escultores patrícios), recebendo o prêmio de Cr$ 50.000,00. Convém lembrar que a Bienal foi mesmo de «arte moderna», e certamente os adeptos do academismo acharão o prêmio exagerado...

— fêz um ràpido discurso, inaugurando, oficialmente, o certame, no qual referiu-se à cooperação emprestada pelos governos brasileiro e estrangeiros, que muito colaboraram para sua realização.

Em seguida, usou da palavra, em nome do sr. Getúlio Vargas, presidindo a solenidade, o ministro da Educação, sr. Simões Filho, que teceu longos comentários, sôbre o papel de São Paulo, como vanguardeiro dos grandes acontecimentos nacionais, reportando-se à ação dos bandeirantes que iniciaram a cadeia de realizações e vitórias, que um dia nos deram a tão almejada independência política.

Encerrando sua oração o ministro salientou da necessidade de os presentes saberem interpretar as obras expostas na mostra, levando em conta as transformações últimamente sofridas pelo mundo e que os trabalhos alí apresentados, especialmente os de após guerra, eram retratos vivos do sofrimento dos povos nêles representados e da própria humanidade.

VISITAÇÃO OFICIAL

Após o discurso do ministro baiano, foram franqueadas, à visitação oficial, os vários "stands", com suas duas mil obras de arte moderna, procedentes de 23 paises, inclusive o Brasil.

As pessoas passaram a percorrer os pavilhões e o Trianon transformou-se numa babel festiva, onde os comentários sôbre as telas, as esculturas, os desenhos, etc., eram feitos em português, em francês, em inglês,



19 ANOS DE IDADE tem Caciporé Tôrres, e escultor paulista. Expôs duas obras, não premiadas por fôrça do regulamento. Mas ganhou uma viagem à Europa. Valeu...



RENÉ D'HARNANCOURT, diretor do Museu de Arte Moderna de Nova York, ficou surprêso com a Bienal. Lamentou nunca terem feito coisa semelhante lá nos Estados Unidos.



MARIA MARTINS, espôsa do embaixador Carlos Martins, retoca uma de suas obras prediletas. Ela já expôs em diversas capitais da Europa. Como se vê, moderna das boas!

ADHEMAR INAUGUROU A BIENAL

em espanhol, em japonês e outros idiomas.

Grande variedade de inclinações e escolas modernas estavam alí expostas, apresentando, ao povo brasileiro, as maiores obras dos expoentes máximos das artes hodiernas. Vimos Max Bill, Chastel, Germaine Richier, Renzo Vispignani, Edouard Pignon, e tantos outros estrangeiros e os nacionais, Portinari, Di Cavalcanti, Mario Cravo, Aldemir Martins, Maria Martins, Leontina Dacosta, etc.

Era a arte moderna, apresentada em tôdas as suas variações, com os contrastes mais fortes e violentos, com as paixões mais arrebatadoras, representadas nas peças que inundaram os alvos salões do Trianon.

A festa inaugural foi a consagração definitiva do Brasil, no concêrto artístico das nações mais adiantadas do mundo. Era o nosso País o hospedeiro gentil de 22 nações, realizando a maior mostra internacional dos últimos tempos.

CONVIDADOS ESPECIAIS E IMPRESSÕES

Alguns artistas nacionais que expuseram foram convidados especiais e lembramos, aqui, os nomes de Portinari, Maria Martins, Victor Brecheret, Di Cavalcanti, Goeldi e outros, cujas obras, ao invés de permanecerem no pavilhão destinado ao Brasil, no pavimento inferior do Triaonon, foram expostas junto com as dos países visitantes.

Durante a magnífica festa de arte, palestramos com inúmeras autoridades presentes, iniciando pelo governador Lucas Nogueira Garcez que, vivamente impressionado com a exposição, declarou-nos: "Já visitei muitas exposições de arte moderna. Porém, nenhuma como esta, tão resplandescente, tão maravilhosa. Estou satisfeito, pois isto é mais uma prova de que S. Paulo pode trabalhar pelo Brasil, em qualquer campo da atividade e humana".

O senador César Lacerda Vergueiro não guardou palavras de elogio e os ministros, João Neves da Fontoura e Horácio Lafer, que tantas mostras viram em outros continentes, nada mais puderam dizer, senão: "É, de fato, a maior exposição de arte moderna que já assistimos".

Quanto às senhoras, abordamos um grupo formado por damas da sociedade paulista e carioca, entre as quais estavam D. Darcy Vargas e D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que limitaram-se a dizer: "Maravilhosa!"



O GOVERNADOR GARCEZ, ladeado pela espôsa do Presidente Vargas e por d. Carmelita Garcez, visitou, sem pressa e muito admirado, a grande mostra



ADHEMAR INAUGUROU a Bienal por conta própria e antes do horário regulamentar. «Tanto ouvi falar neste negócio que não resisti e vim ver de perto. Comigo a arte vale tudo!»



MAS FOI o sr. Simões Filho, em nome do Presidente Getúlio Vargas, quem fêz a inauguração oficial. Seu discurso foi bonito, muito aplaudido. Adhemar já se havia retirado.

COQUETEL DE CONFRATERNIZAÇÃO

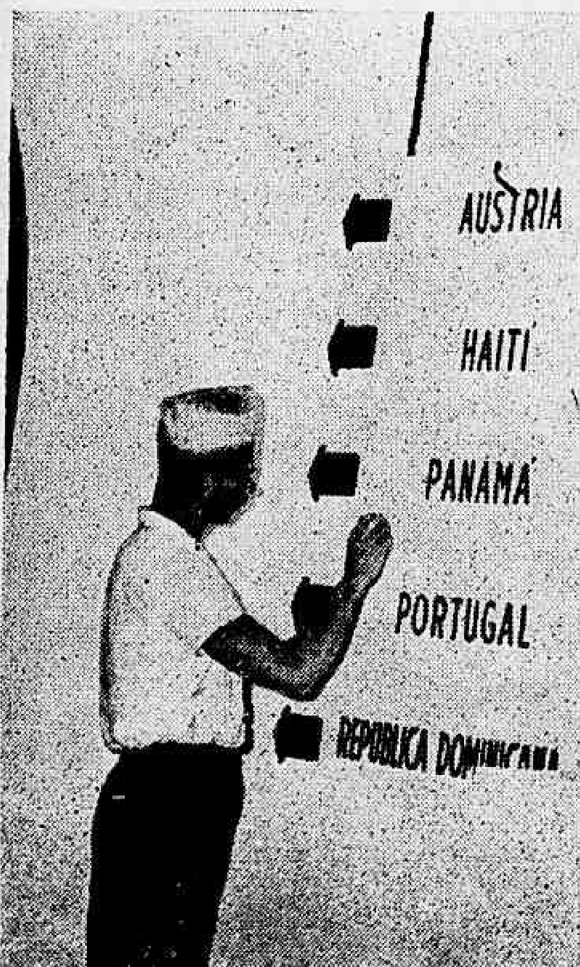
Após a visita a Bienal, o governador paulista ofereceu um coquetel, no Palácio dos Campos Elisios, do qual participaram as altas autoridades e os representantes de governos estrangeiros, encerrando-se, dessa forma, a inauguração oficial, tendo permanecido no recinto artistas, críticos e os demais convidados, que não se cansavam de apreciar as obras.

ADHEMAR INAUGUROU POR CONTA

A nota pitoresca de sábado, que provocou vivos comentários, foi o comparecimento antecipado do sr. Adhemar de Barros, ex-governador do Estado que, talvez desconhecendo a alteração do horário da inauguração, adentrou o edifício da Bienal muito antes das 18 horas.

O sr. Adhemar de Barros parecia refeito das canseiras da sua última campanha eleitoral e percorreu, demoradamente, alguns "stands" da mostra. Abraçou Di Cavalcanti, palestrou com alguns críticos e artistas, nacionais e alieligenas, parecendo desconhecer que a I Bienal não havia ainda sido inaugurada. Perguntado pelo repórter a que se devia sua visita inesperada, sorriu, respondendo: "Ora, você sabe que eu sou amante das artes. Ouvi falar tanto da Bienal que vim vê-la de perto". "E, que achou?" "E'... de fato merece elogios..." E, minutos depois, o ex-governador dos paulistas enfrentou a chuvinha fria que martelava o telhado, deixando o recinto livre, para que o seu sucessor o inaugurasse. Foi, então, que um gaiato comentou: "Puxa, que o Adhemar não perde a "mania" das inaugurações! Imagine que, para êle aperecer aqui dessa forma, antes da inauguração, no mínimo se confundiu e pensou que lhe cabia abrir a mostra.

AS SETAS indicam os países que compareceram, refletindo tôda a cultura de um povo, particularidades de suas vidas, tornando irreal o ambiente e dando uma idéia das distâncias.



O JAPÃO está presente, na pessoa de Masekatsu Nozaki e sua espôsa, representantes do govêrno nipônico em São Paulo. A sra. Nozaki compareceu em trajes bem orientais.





O CRITICO BELGA Emile Langui fêz parte do Juri e representou oficialmente a arte moderna de sua pátria. Confessou sua admiração pela majestosidade da nossa Bienal.



«Já vi muitas exposições de arte moderna, mas esta é a melhor. Estou satisfeito. São Paulo concorre para a cultura e engrandecimento da Nação em qualquer ramo de atividade humana», declarou.

O MINISTRO E' ACADÊMICO

Durante o passeio, pelos pavilhões, quando conversavamos com o ministro Simões Filho, pedimos-lhe uma pôse perto de uma tela de seu agrado. Todavia, o ministro continuou a caminhada, mirando as telas e dizendo-nos, em tom confidencial: "Espere um pouquinho, porque isto... — espalmou as mãos, reservadamente, englobando as obras — Vamos ver se encontramos um quadro que se aproxime mais do academismo, acho melhor..." Como o leitor deve calcular, caminhamos por todo o recinto e o ministro não posou.

O QUE E' A BIENAL

Em Veneza, há muitos anos, de 2 em 2 anos, realiza-se a maior mostra de arte do mundo. E' a famosa Bienal de Veneza, que congrega grande número de artistas internacionais. Porém, uma realização de tal vulto carece de estudos e preparos especiais, em vista das dificuldades de transporte das obras e dos representantes dos paises estrangeiros, etc.

Há seis meses, nasceu, em S. Paulo, a idéia da Bienal. Primeiramente, foi tida como simples blague. Os dias correram, as conversações sucederam-se e os primeiros planos foram traçados. Participaram, ativamente, da organização o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, D. Yolanda Penteado Matarazzo, o sr. Lourival Gomes Machado, diretor do Museu de Arte Moderna e inúmeros outros artistas e críticos paulistas.

Das idéias para o campo da prática foi um passe de mágica. Cartas foram trocadas entre os paises que aderiram e as principais bases da realização assentadas. As obras a serem expostas estavam calculadas em duas mil, prova da necessidade de um local especial para a mostra.

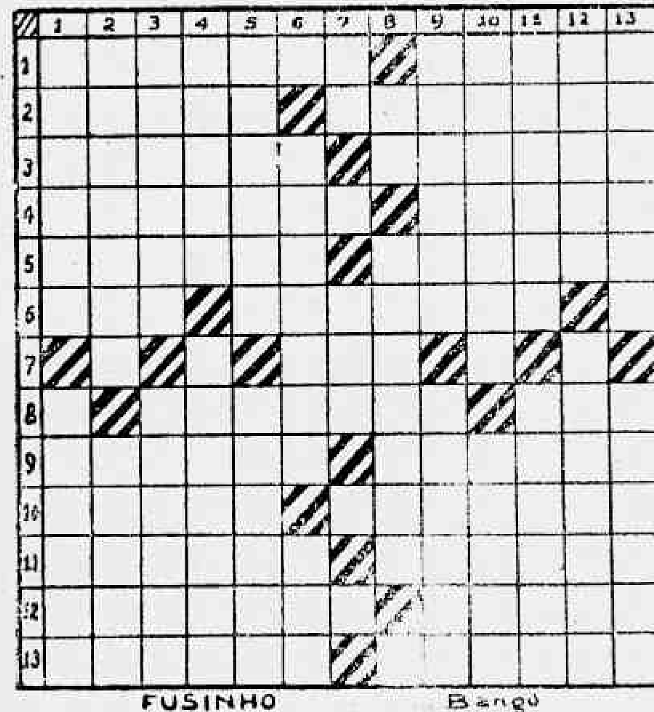
(Cont. da pág. 50)



D. ALZIRA VARGAS do Amaral Peixoto e o Ministro Horácio Lafer espiam o «Menino Morto» do mestre Portinari. «O Brasil é o único país das Américas que faz uma Bienal!»

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 78 para Veteranos



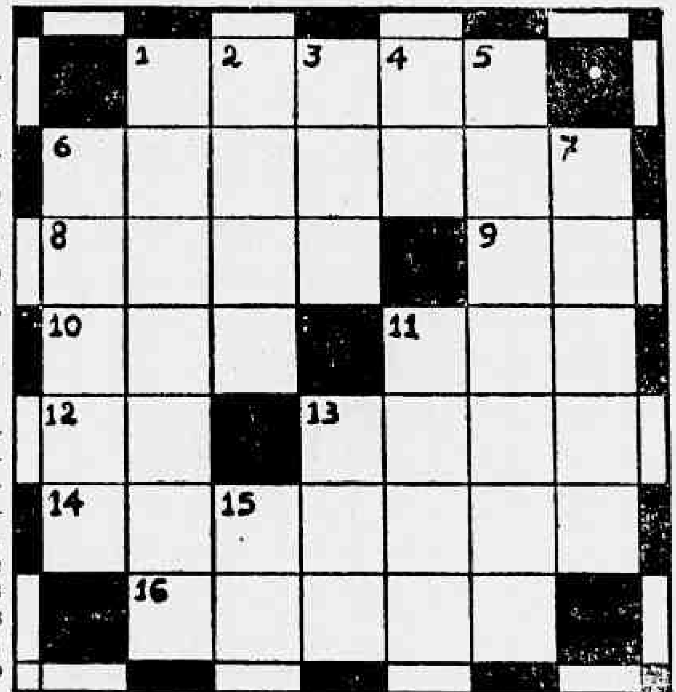
HORIZONTAIS: — 1. As musas. Tribo indígena do rio Cassiquiare — 2. Árvore cubana. Alisava — 3. Fôlha de Pinheiro. Nome de homem — 4. Abelheiro. Transforma — 5. Cesta redonda, tecida de palha de palmeira. Lavrador - 6. Interjeição que exprime duvida, impaciência. Armadilha para animais silvéstres - 7. Nome próprio masculino — 8. Dissimulara. Denominação dada aos reis e príncipes pelos cortezãos — 9. Embrulho. Transformação — 10. Disponho-me para viagem. Membro de uma seita religiosa que proibia o vestuário para imitar a inocência de Adão antes do pecado — 11. Sereia. Espécie de abelha melipónidea — 12. Posta em lotes. Estava embaraçado — 13. Espessa. Planta da familia das Aristoloquáceas (pl.).

VERTICAIS: — 1. Um dos nomes vulgares da formiga Atta sexdens. Não obstante — 2. Árvore da familia das Leguminosas. Designativo do radical C5H11 — 3. Cidade do Rio de Janeiro. Murta selvagem — 4. Lagarta da hortaliça. Aquartelo em casas particulares — 5. Requesta. Não acentuadas — 6. Mestre de obras. Sufixo que exprime: feito de, produzido por, próprio de — 7. Sobrenome. Antiga capital da Birmânia — 8. Bétele. Dividida em dois — 9. Excluira. Espécie de palmeira (pl.) — 10. Espécie de linguado das costas do Brasil. Amarga — 11. Ramosa. Silvar — 12. Impeço. Propenso para o amor — 13. Rio da Rússia. Sufixo grego que significa vista, espetáculo (pl.).

Problema N. 78 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Habitar — 6. Que serve de modêlo — 8. Ligas — 9. Perversa — 10. Morrão de balão — 11. Oceano — 12. Seguir — 13. Sulco para conduzir água — 14. Recebas — 16. Dêste modo.

VERTICAIS: — Soberano de uma nação — 2. Composição poética (pl.) — 3. Rente — 4. Outra coisa — 5. Ramos de uma árvore — 6. Dava mugidos — 7. Extraordinários — 11. Introduzi — 13. Escarneces — 15. do verbo ser.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 77 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Gagá — Pati — Aracatinga — Ne — Au — Angaturama — Aar — Aix — Califórnia — Aa — Ta — Eutrapelia — Niel — Saru.

VERTICAIS: — Gaba — Ac — Ganga — Arear — Piar — Anua — Tg — Iatá — Nara — Uz — Mexi — If — Artes — Inala — Caen — Late — Iarl — Arau — Ui — Ir.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS — Pá — Má — Mandinga — In — Ar — Ui! — Os — Ré — Rã — Ar — Cá — És — Ri — Ambrosia — Aí — Ia.

VERTICAIS: — Panorama — An — Mn — Aguerria — Mi — Dá — Ir — Ai! — Sã — Ra — Cá — Er — Só — Ia — Bi — Si.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.



A reprodução da Tôrre Eiffel, iluminada, com o dirigível de Santos Dumont contornando-a, foi o ponto culminante do programa da maravilhosa Noite de Saint Cloud.

A NOITE ENCANTADA DE SAINT CLOUD

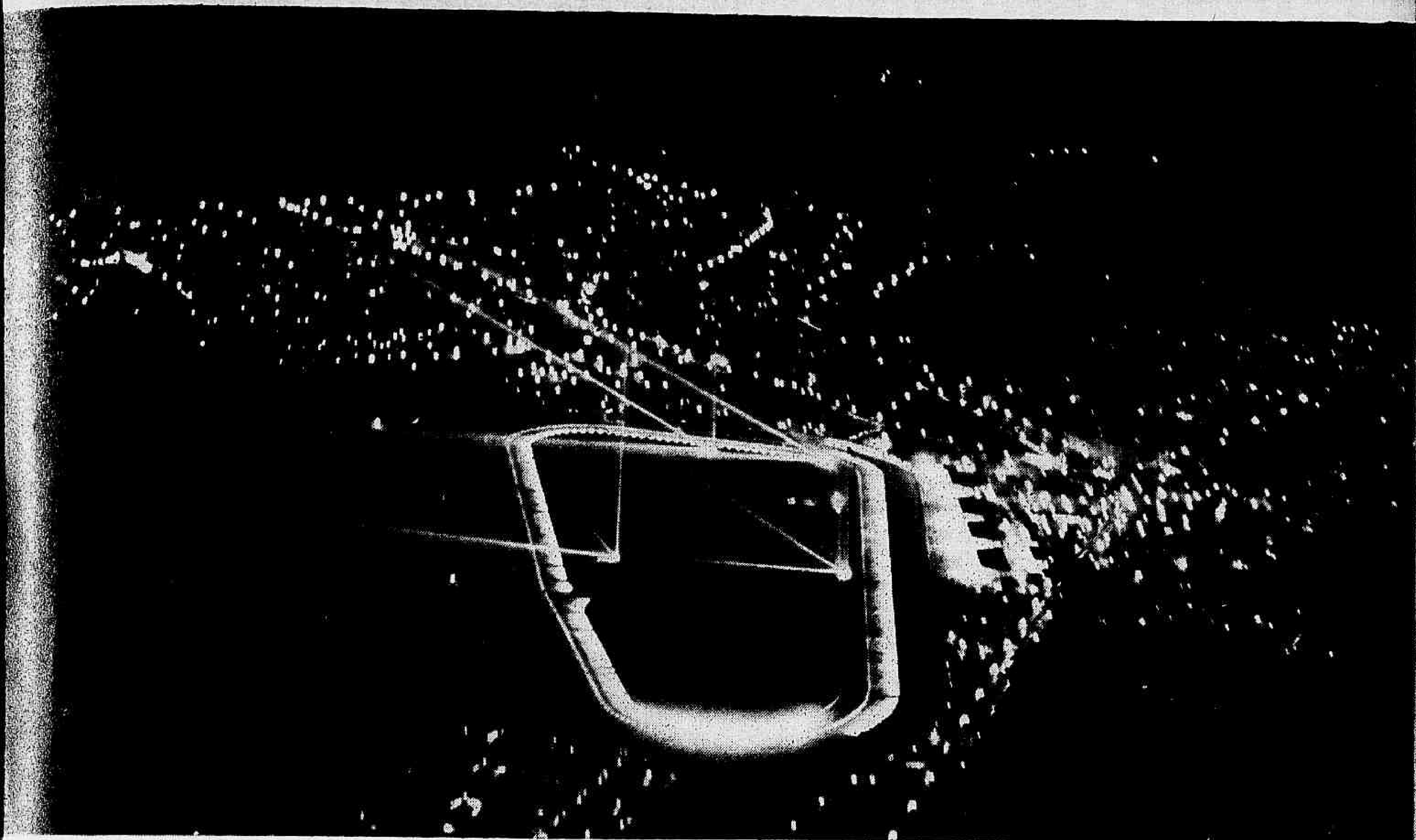




Ao lado do prefeito João Vital, o sr. Pierre De Gaulle saboreia um café. O presidente da Câmara Municipal de Paris, e senhora, compareceram à festa.



À esquerda: a Tribuna de Honra do Hipódromo estêve "au grand complet". Na fotografia, a sra. Armando Fajardo, em companhia de duas ilustres damas.



Do alto do Corcovado pôde-se apreciar a magia de luzes que envolveu o Hipódromo Brasileiro, ainda mais realçada pelos jatos de holofotes, lançados em várias côres.

CONSTITUIU um acontecimento de elevada expressão social e artística, a maravilhosa Noite de Saint Cloud, levada a efeito no dia 17 de outubro último, no Hipódromo da Gávea, organizada conjuntamente pelo Jockey Club Brasileiro e pelo Rotary Club do Rio de Janeiro, em homenagem a Santos Dumont. Um acontecimento, podemos dizer, como raramente se verifica, um espetáculo que agradou plenamente. Numa verdadeira orgia de luzes, música e côres desenvolveu-se o magnífico programa da Noite de Saint Cloud, para cujo brilhantismo tudo parece haver cooperado. Desde o aspecto social, que estêve inexcedível, às carreiras disputadas na bem iluminada pista de areia; da exibição dos nossos cavalarianos dos Dragões da Independência à esplêndida reprodução da Tôrre Eiffel, com o balão de Santos Dumont a circundando; do desfile de elegância e beleza proporcionado pelo elemento feminino ao número final dos fogos de artifício, tudo enfim estêve à altura da maior festa noturna que o Rio já assistiu. Público numeroso estêve prêso até o último momento da Noite de Saint Cloud, e isso é o maior dos elogios que se pode fazer à linda festa, na qual foi exaltada a memória do inventor da dirigibilidade aérea.



Depois de corrido o último páreo do programa, o prefeito do Rio e o presidente do Jockey Club levantaram um brinde cordial ao sr. e sra. Pierre De Gaulle.





À direita: na pelouse, nas arquibancadas sociais, na tribuna de honra, dominou o elemento feminino, exibindo com graça e elegância custosas "toilettes".

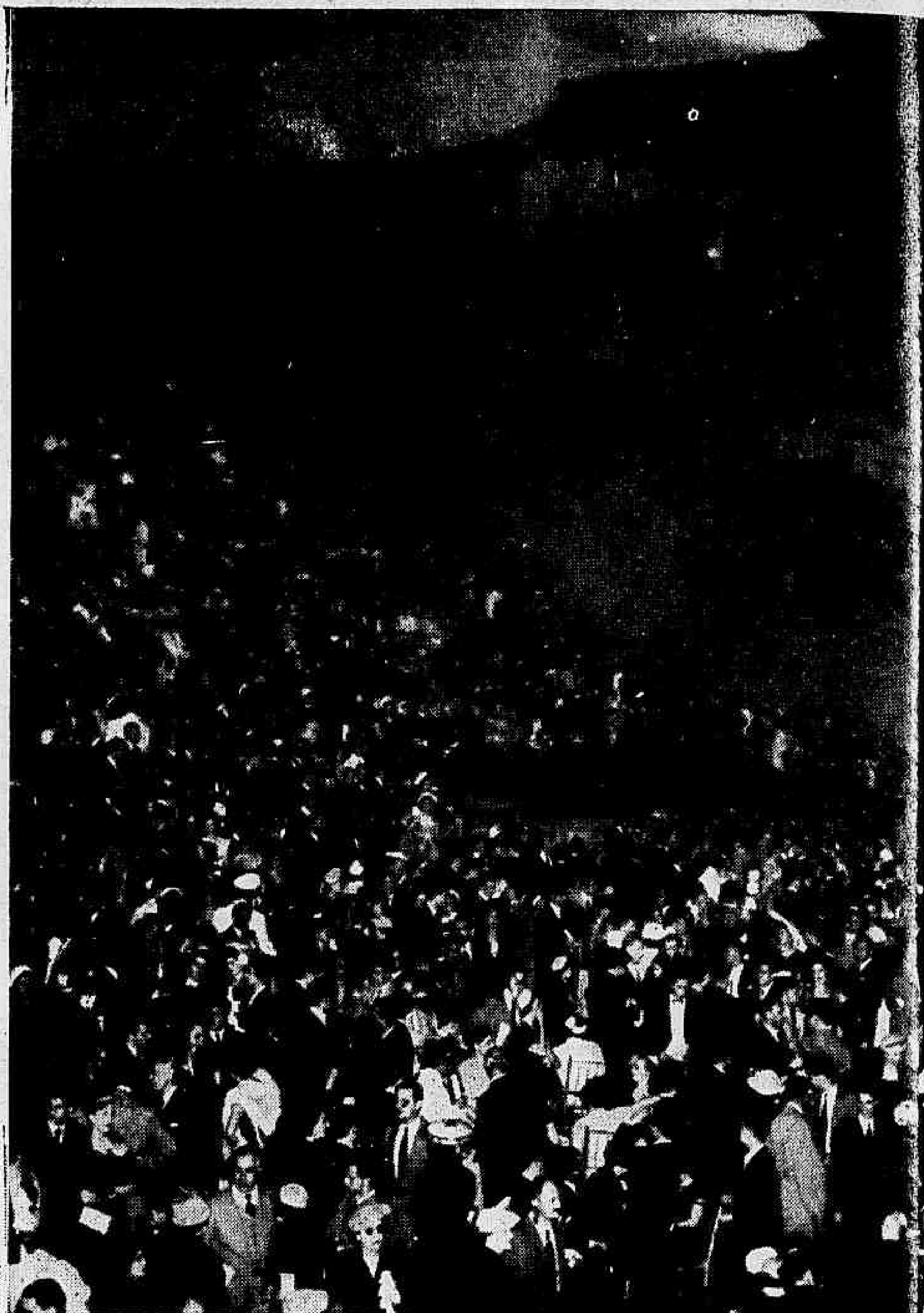
A NOITE ENCANTADA DE SAINT CLOUD



A primeira aviadora brasileira, sra. Anesia Pinheiro Machado (à esquerda da foto), também compareceu ao Hipódromo, como uma das convidadas de honra.

Em baixo: o presidente da Câmara Municipal de Paris e senhora Pierre De Gaulle, palestram com o sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club.





Em cima: uma visão noturna das arquibancadas e "pelouse" do Hipódromo. Em baixo: esta elegante dama repousa, por um momento, das emoções da esplêndida festa.







No extremo, à direita da página, ao alto, um deslumbrante aspecto da queima dos fogos de artifício, número com que foram encerrados os festejos da suntuosa reunião.





A sra. João Borges Filho serve-se de café, em companhia de amigas, no salão nobre do Hipódromo. A linda reunião teve um cunho de elevada distinção.

À esquerda: as mais luxuosas "toilettes", tôdas de apurado gôsto, eram vistas, de mistura com custosas peles, lindos chapéus e brilhantes adereços.

SAÚDE DO BEBÊ

Leite descremado e seu modo de preparo

Dr. SABOIA RIBEIRO

Do interior, uma sra., mãe escreve-nos pedindo que a orientemos sôbre um bom leite que possa substituir o de peito, pois espera dar à luz nesses três meses e já tem como certo que o seu próprio leite faltará. "Meu leite — diz ela — não dá mais de um mês. E acontece que, passando a outros leites, como os leites em pó, nem sempre acerto, e passa a ser uma verdadeira luta."

Antes de ir adiante, seria interessante apurar as causas do fenômeno pois, salvo os casos de hipogalaxia (pouco leite), às vêzes, o defeito está na maneira de conduzir a amamentação ao seio, errônea, que traz como resultado o desaparecimento da secreção láctea.

Já escrevemos que 95% das mães podem amamentar os filhinhos, pelo menos nos três primeiros meses, mesmo entre as classes pobres, a despeito de uma alimentação, não raro, carente.

Mas, deixando êste assunto de parte, o caso, aqui, encarece a necessidade de dar outro leite, e como então proceder com conhecimento de causa.

E é isto que pede a missivista, e mais: quer usar o leite de vaca, "pois sabe que os leites em pó devem ser usados conforme cada criança" e, esclarece: "nestas lonjuras onde moro o único leite que tenho à mão é o de vaca, aliás, bom e merecedor de tôda confiança."

Se assim é, se a senhora dispõe dêsse leite de vaca bom, então já temos meio caminho andado.

Vou, então, ensinar como preparar o leite de seu filhinho para os três primeiros meses, partindo dêsse leite de vaca bom.

Use o leite de vaca assim:

Deixe o leite em repouso, mesmo cru, durante 2 a 3 horas, num recipiente de bôca larga (uma tijela de louça, por exemplo).

No fim dêsse tempo, forma-se na superfície uma camada de creme ou gordura, que se retira com uma colher (quando o recipiente é de vidro, a camada gordurosa é perfeitamente visível, por transparência).

O leite deve ser, nesse período, guardado à coberto da poeira, com uma tela de arame ou no *bufet*.

Completado aquêle tempo e retirada a gordura, o leite é fervido, retirada a nata que se condensa em película.

Fazem-se mamadeiras assim:

No primeiro mês:

Creme de arroz ou maizena	1 colher-de-chá
Açúcar comum	1 " " "
Água filtrada	100 gramas

Cozer a fogo brando 10 minutos, pôr na mamadeira, e igualar a mamadeira com o leite descremado para completar 120 gramas. De 3 em 3 horas uma dessas mamadeiras.

No segundo mês, aumentar meia colher-de-chá do creme de arroz e do açúcar. Água 120. Igualar a mamadeira para 150 gramas.

No terceiro mês, conservar essas quantidades.

Se, com êsse regime, produzir-se prisão de ventre, deverá substituir o creme de arroz por uma farinha de aveia, cozimento rápido, nas mesmas quantidades.

A criança, nesse regime, deverá aumentar de 10 em 10 dias 300 gramas, mais ou menos, ou 200 por semana.

Se o não fizer, 1 a 2 vêzes ao dia poderá dar uma colherinha de manteiga na mamadeira, preparando-a assim:

Pôr a manteiga numa caçarola esmaltada e juntar-lhe a farinha à medida que ela espumar, no fogo brando, mexendo com colher de pau. Juntar a água e o leite, dando ligeira fervura, e adoçando por fim.

Sempre que o leite animal é fervido, sua vitamina C é destruída. Por isso, uma a duas vêzes ao dia, dar-se-á à criancinha 50 a 100 gramas de suco de frutas (lima, uva, tomate, etc., misturados ou não, e adoçados).

Êsse o melhor modo de dar o leite de vaca até aos três meses da criancinha.

Sendo um leite hipogorduroso, êste, também o mesmo regime pode ser empregado quando a criança é portadora de alguma diarréia ou eczema pois, num e noutro caso, há necessidade de corrigir ou restringir as gorduras, até que tudo se normalize.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

M. A. (Nesta) — Como está dito acima, não é normal que uma mãe não possa amamentar o filhinho. Convém procurar a causa da escassez do leite. Quanto ao mais, pode adotar o esquema acima, ou então fazer o alactamento misto, isto é, uma vez peito (mamaduras de 15 minutos), outra mamadeira, preparada com leite descremado, contanto que o leite seja de boa qualidade.

O PEQUENO CONTO

O "INOCENTE"

GEO WILLIAM



No intenso vaivem da grande estação londrina, o homenzinho deslizava rápido, furtivo, olhar atento. Volta e meia esbarrava neste ou naquele cidadão, pedia desculpas e seguia, segurando na mão a carteira retirada, como num passe de mágica, do bôlso de suas vítimas. "Pinck-poket" habilíssimo, ia realizando a sua safra diária.

Ia para muitos anos que tinha sido prêso e levado à delegacia distrital. De então, tomara os maiores cuidados para se livrar de um novo "abocanhamento", mesmo porque, tendo-se safado, magistralmente, convencendo a todos de sua inocência, temia, terrivelmente, uma prolongada estada nos cárceres sombrios da nevoenta urbe.

Sucede que a certa altura e quando, já liberto de todos os invólucros incomodativos, estimava as cédulas, separando-as pelos talhes, sentiu a mão pesada de um "policeman" sôbre seu ombro magro.

— Vamos dar um passeio até ao distrito.

— Mas, sou um cidadão livre...

— Era...

— Um abuso inqualificável êste! De que me acusa?

— Acho melhor não dizer nada, pois que tudo poderá reverter contra si. Melhor é falar ao sargento Thompson. Vamos!

Relutar mais teria sido loucura. Quando um "policeman"... convida, melhor é atender ao convite e fazer boa cara aos eventos. E lá se foi o punguista.

★

Teve que esperar a vez e, quando introduzido, sentou-se no banco encostado à parede. O sargento Thompson, pesadão, ruivo, bigodudo, após ter carregado o cachimbo, encarando-o sob as densas sobrancelhas grossas como salsichas de Dover, disse:

— Quer dizer que, desta vez, o amigo foi apanhado...

— Sou inocente de qualquer acusação, sargento! Sou um homem honesto, trabalhador e...

— ... "pinta" conhecida da polícia!

— Eu?!

— O sr., sim! Já estêve aqui neste distrito, não estêve? Já veio prêso, não veio? Conseguiu safar-se, mas desta vez creio que será difícil!

— Eu, aqui nesta delegacia? Eu, Samuel T. Smith? Jamais, sargento! Positivamente, o sr. está laborando num gravíssimo êrro e eu vou apresentar minha queixa...

— ... ao Parlamento?

— Não! Mas aos seus superiores da Scotland Yard! Esteja certo! Ora, sim senhor! Eu já teria estado aqui! Que absurdo! Nunca!

Enquanto falava, rodava seu chapéu pelas mãos. O sargento, como tôda resposta, ficou sugando o cachimbo encegrecido, olhando-o como gato olha para o camondongo.

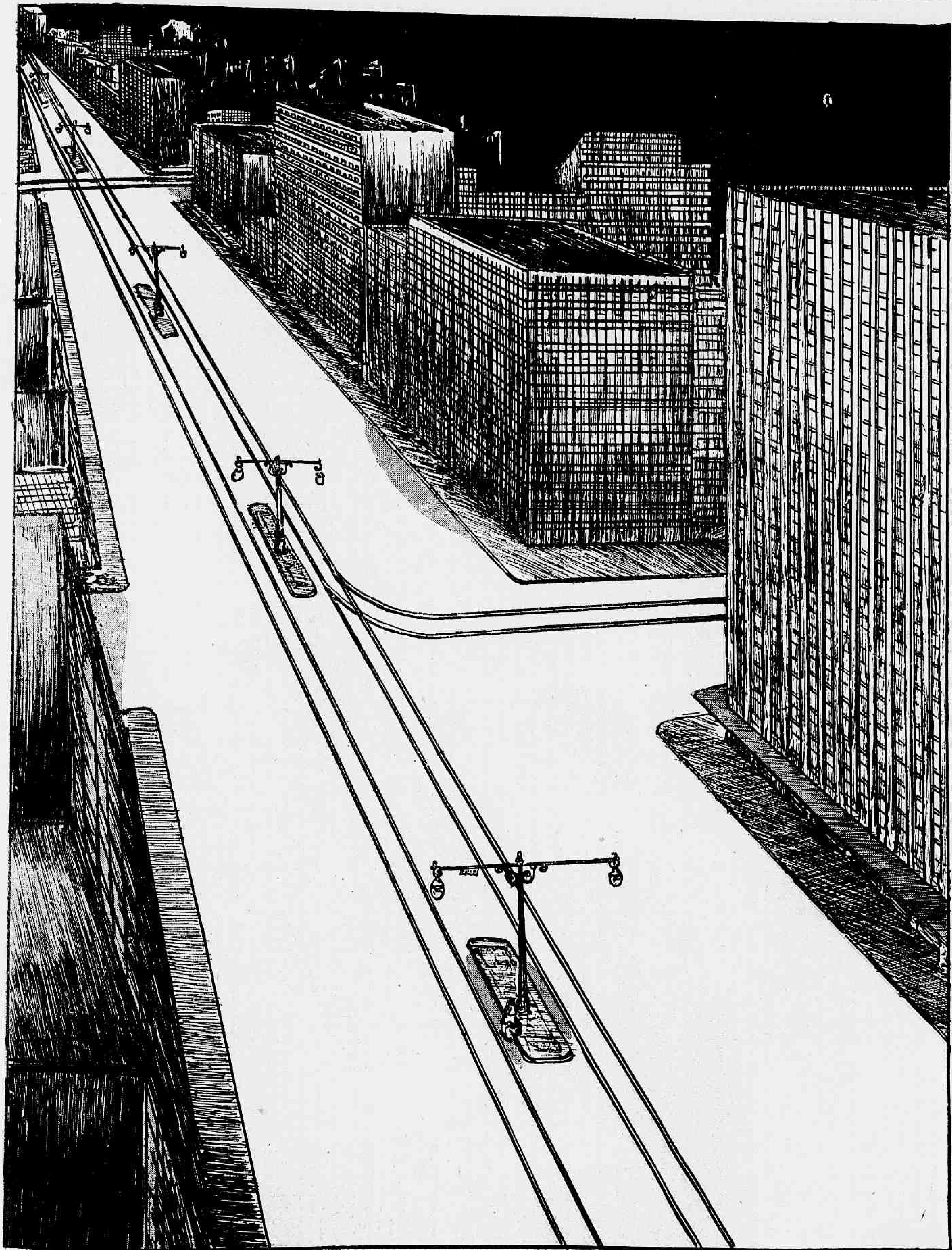
Logo depois, "mister" T. Smith relanceou o olhar pela parede que lhe estava às costas. Buscou com os olhos algo e, sem pensar, resmungou:

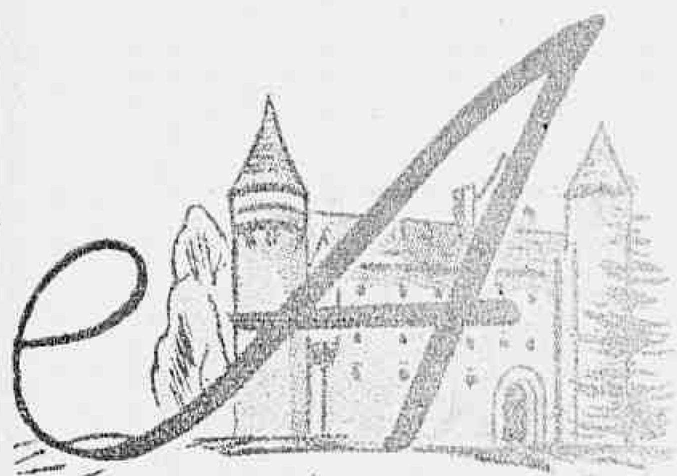
— Homem... antigamente havia um prego onde eu colocava o meu chapéu!...

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

NO PAÍS DO "PRESENTE"
2 - VIDA NOTURNA CARIOCA





A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

MARY, ao ouvir a voz alegre de Porter, estava certa de que êle se achava feliz, encantador. Quanto às manchas de sarda e os cachinhos de cabelos, foram substituidas as primeiras por uma tez bastante bonita e rosada, e os últimos por uma cabeleira espessa e ondeada, formando brilhante coroa que dava à sua cabeça quase clássica.

Quando ela o mirava assim, os seus olhos cruzaram com os dêle, que a surpreendeu com rápido sorriso de compreensão.

— Oh! Mary Rebelde! — murmura êle sem que ninguém o pudesse perceber, que está pensando você de mim?

Mas Mary sentiu que ela estava enrubescendo e não pôde soltar uma exclamação:

— Porter!

— Você, Mary, está dando um balanço em mim. Meus cabelos avermelhados lhe dão motivos de estar pensando coisas, e, por outro lado, você examina também o meu delicioso carácter!

Antes que ela houvesse respondido, êle se voltou para tia Isabelle, deixando Mary com rubores no rosto.

Depois da ceia o jovem insistiu para que Leila e o general aceitassem condução em sua limusine, bem como tia Isabelle e Barry.

— Mary e eu vamos num táxi, disse êle sem temor de protestos.

— Meu caro jovem, intervem o general repontando malícia — se eu aceitar, considera-me você como um estorvo, ou como um camaradão?

— Um camaradão, apressou-se Porter a responder sem pestanejar.

E tudo foi assim decidido.

— E agora, disse Porter depois de ter visto o pessoal sumir na primeira volta, — e agora eu explicar-me com você.

— Mas, Porter!

— Tenho um milhão de coisas a dizer-lhe. E vamos rodar em volta da cidade enquanto eu vou desfiando o rosário de minhas declarações.

— Mas está chovendo!

— Tanto melhor. Haverá apenas nós dois e o mundo bem distante, Mary!

— Mas não há nada que dizer-me!

— Sim, há. Um montão de coisas!

— E tia Isabelle? Vai preocupar-se.

O rapaz se enrolou em sua capa e se acomodou muito plàcidamente, como se os ponteiros do relógio da "Tourdes Postes", já não houvessem marcado a meia-noite.

— Tia Isabelle já está prevenida de que você vai chegar um pouquinho mais tarde. Deixei êste recado num cantinho do cardápio de nossa ceia. Ela o leu e sorriu...

— Porter! Isso é insensato!

— Eu sou assim mesmo. Temperamento insensato, e que vai muito bem com a chuva e o vento, Mary. Sou tão insensato, que, se os tempos fossem diferentes e a época mais romântica, eu a levaria num vôo impetuoso e a deixaria em meu castelo.

Êle passou a rir, durante uns momentos, enquanto Mary se sentia impressionada com os ares conquistadores do rapaz.

— Mas... Que quer! Meu táxi não vôa como um daqueles corséis alados, e os tempos são dos mais prosáicos. Quanto a você, Mary, você me mete até mêdo, Mary Rebelde!

Estavam a deslizar na grande estra naquele momento fracamente iluminada, co seus renques de árvores agitadas que se desenhavam como espectros no fundo da águas pardacentas.

— Eu tenho mêdo de você. Sem tive mêde de você. Mesmo quendo vo não tinha mais que dez anos, e eu esta com quinze. Eu tremia como um ra débil quando você me olhava, Mary. Era você a única àquêle tempo, e continu ser a única até hoje!

A mão de Mary estava sôbre o man mas o rapaz a tomou entre as suas.

— Depois que você me disse, esta noite que não poderia ser minha, há qualq coisa que ressoa em meu espírito e repete "Obriga-a a te amar! Obriga-a a te ama E é justamente o que eu vou fazer. Não quero aborrecê-la, nem tão pouco pertur la com isso; mas estou decidido a pos minha chance como os outros. E, até fim da luta, eu sairei vencedor.

— Não há nenhum outro.

— Se não há, os haverá. Você tem tado protegida até agora, por esta peque tonalidade de independência com que vo mesma se enfeitou, a qual é um espanta para os homens. Mas um dia surgirá pretendente, que não se intimidará, e ent êle travará uma batalha que terá por definir: entse mim e êle.

— Oh! Poter! Eu não quero pensar casamentos, antes de dez milhões de anos

— Entretanto, diz êle com ar profétic — se você chegar a conhecer um home capaz de fazê-la compreender que é êle tal, você o desposará à face do mundo

— Não creio que nenhum homem em t condição me apareça jamais!

— Condição de quê?

— Assim, que me faça perder minh vida, meu mundo!



A chuva batia fortemente nos vidros do táxi.

— Porter, eu lhe peço; é preciso voltar para casa.

— Não, enquanto você não me prometer que me permitirá provar-lhe que sou um homem, e não um rapazola.

— Você é o melhor amigo que eu já tive em minha vida. Seja gentil e me reconduza a casa.

O tom de voz de Mary era como uma ordem. Sua decisão forçou Porter a mandar que o chofer os levasse para a casa de Mary. Fizeram um atalho a fim de atingir à Avenida dos Presidentes e seguiram ao longo das grades do parque até que chegaram à entrada da grande vivenda. Lá nas janelas da torre havia luz.

— Aquêle camarada ainda está acordado, disse Porter.

Abriu um guarda-chuva e abrigou Mary contra o mau tempo.

— Não gosto de pensar que êle está nesta sua casa, Mary.

— Ora! Por que isso?

— Porque êle poderá vê-la todos os dias. Poderá falar-lhe todos os dias. E, que sabe você a seu respeito? Eu porém, que a conheço em tôda a minha vida, devo contentar-me com fragmentos de minutos no meio de tôda gente. Com tôda certeza, sinto que tenho ciúmes do pròprio Satã, Mary!

Haviam chegado ao vestíbulo. Ela se afasta um pouco dêle e o examina com olhos de quem não aprovava tais declarações.

— Você não parece o mesmo esta noite, Porter.

Porter colocou uma das mãos numa das espáduas de Mary e a ficou olhando.

— Como pode ser isso? Que irei fazer quando eu a tiver deixado, Mary, e estiver pensando no fato de que você não me ama, e que eu não sou mais para você, do que êsse rapaz que está lá em cima, lá na Torre!

Porter se preparava para deixá-la e, depois, com uma espécie de sentimento selvagem que o animava nos momentos precedentes, ainda lhe diz estas palavras, antes de retirar-se:

— Mary Rebelde, se eu não fôsse um covarde, e se você não fôsse tão maravilhosa, eu a beijaria apaixonadamente agora, e a obrigaria a amar-me!

Capítulo IV

Lá em cima, entre seus livros, Roger Poole ouviu quando Mary entrou. Deslisando entre as cortinas das janelas para não ser visto à luz, olhou para fora, tendo visto Porter afastar-se no táxi. Em seguida ouviu distintamente os passos de Mary na escada. O som de sua voz chega aos ouvidos do inquilino, quando Mary agradece a tia Isabelle por havê-la esperado. Uma porta se fecha e, de novo, a casa volta a imergir no silêncio.

Roger volta aos seus livros, mas não consegue ler.

A depressão interior o invade novamente. No contentamento de sua chegada, êle se sentiu reconfortado pela esperança de que as coisas ali tomariam um caminho diferente: que aquela grande mansão hospitaleira lhe daria, talvez, a oportunidade de tornar-se um verdadeiro lar para êle. Mas eis que êle desce agora à conclusão de que nada mais era do que um intruso, — um estranho — e intruso já idoso, pois que estaria separado de Barry, de Porter, de Mary por muitos anos de sombria experiência. A seus olhos Mary Ballard aparecia naquele momento como um símbolo do que êle havia perdido. Sua mocidade e a frescura de seus sentimentos, sua personalidade corajosa, e, agora, talvez seu romance. Percebera muito bem o olhar de Porter Bigelow, olhar de apaixonado sôbre o rosto de Mary, quando surpreendera Porter a fitá-la, certa vez. Era o olhar de um homem que reivindica seu bem. E por detrás da amável e convencional acolhida de Bigelow, Roger havia percebido sutil antagonísmo. Sorriu amargamente. Nenhum homem teria precisão de iludir-se. Êle estava fora do baralho. Já havia terminado com amôres, romances, com mulheres, para sempre. Uma mulher havia perturbado sua vida.

Mas, e se ao invés de ter conhecido a outra, houvesse conhecido Mary Ballard? Um mundo de pensamentos o invadiu, assaltando-o à idéia de tal hipótese. Sua vida hoje, seria muito diferente. Olharia o universo de frente, face a face, ao invés de dar as costas ao presente.

Com o olhar fixo, êle sonhava sombriamente diante do fogo a morrer. Se fôra êle o responsável pelo desastre teria aceitado a fatalidade sem resmungar. Mas fracassar em seguida a um ato cavalheiresco, quando se recusa o direito de exprimir tudo o que se exclama do fundo do ser, era doloroso e melancólico. Êle se curvava cada dia diante de um tribunal interior, sentindo os efeitos de uma falta que não importava a quem caber; êle, que tinha sido levado nos ombros de seus colégas estudantes e cuja voz havia ressoado como um brado de clarins!

Lá no "hall", no andar inferior, uma porta se abriu novamente e passos se fizeram sentir na escada. Em seguida Roger percebeu um risinho abafado.

— Eu a encontrei, tia Isabelle. Ela quer subir por tôdas as maneiras!

Roger apagou a luz e entreabriu a porta mui docemente. Avistou Mary no vestíbulo tendo entre seus braços a grande gata cinzenta. Mary estava com uma touca de rendas à cabeça e um quimono azul pálido flutuando a cada passo. Vista assim, era maravilhosamente feminina. Veio-lhe à mente o apelido que Porter Bigelow dera a Mary: Mary Rebelle. Por que Rebelle? Teria ela outra faceta moral que êle ainda não havia descoberto? Ouvira aquelas palavras inflamadas da moça a Barry: "Se eu fôsse homem, mudaria a posição do mundo", o que chocou bastante o espírito de Roger. E' que êle não tinha nenhuma simpatia pelas rebeliões femininas nos acontecimentos modernos. Mulher era mulher. Homens eram homens. O que devia haver em comum entre ambos, — êles e elas — era o amor, e o que disso decorria: o lar, os filhos. Fora disso suas vidas estavam bem divididas. Era necessário e convencionavel.

Voltou às apalpadelas até à janela da tôrre, abriu-a e lançou o olhar para fora. A chuva lhe caía no rosto e o vento fustigava-lhe os cabelos, fazendo esvoaçar sua gravata desatada. Lá em baixo se distendia a cidade castigada pelo mau tempo, com suas luzes entre as brumas, a piscar.

Fechou a janela e, tomando grosso capote e um velho casquete, desceu docemente os degraus da tôrre para a porta ao lado; dissera-lhe Mary, que aquela entrada lhe permitiria ir e vir à vontade. Naquela noite êle gostaria de andar sob a chuva forte.

Na extremidade do jardim havia uma velha fonte ornamental, em meio da qual um grupo de bronze representava um menino cavalgando um golfinho. O recipiente estava cheio de fôlhas caidas. Um foco elétrico ao meio-fio do passeio da rua iluminava o rosto da figurinha infantil de bronze, cujo sorrir traduzia seu estado dalma. Podia-se dizer que o menino de metal ria para a chuva e para a vida, desafiando seus elementos com um riso sardônico.

E o solitário desiludido começou a andar, sem deter-se. Êle achava odiosa a idéia de regressar para aquêle apartamento que lhe parecera como que um refugio para êle, que tanto precisava de um lar. Talvez para êle tivesse sido melhor ficar em uma medíocre pensão de família, em ambiente que lhe revivesse as suas lembranças, não devendo jamais travar conhecimento com êste grupo de jovens felizes como também já o fôra antes, não ter tido a oportunidade de conhecer Mary Ballard!

Ergueu os olhos para a janela que ficava diretamente abaixo da sua e notou que ainda havia luz acesa no aposento vizinho. Perguntou a si mesmo se Mary ainda estava acordada, para pensar melhor no seu belo Apolo de cabelos ruivos. Talvez já fôsse êle seu noivo. E por que não?

Mas, que lhe importava quem amasse a Mary Ballard? Roger jamais acreditou em amor à primeira vista. E muito menos agora. Mas sentia que ansiava por um olhar afetuoso, desejava aquecer-se a uma sinceridade amiga, por um coração franco, uma lealdade que ainda não encontrara em nenhuma mulher. E porque precisasse êle de tudo isto, experimentava naquela noite a mortal ironia da sorte que havia aproximado aquela jovem à sua vida, já muito tarde.

. . . .

Ao regressar de seu passeio emocional e agitado no táxi com Porter, Mary encontrara em tia Isabelle a solicitude mais afetuosa e maternal.

Um bom fogo ardia na chaminé, as cobertas de seu leito em ordem, seu quimono azul à sua disposição e sandálias colocadas em local que as aquecessem.

(Continua na pág. 46)

Ilustração de **JERÔNYMO RIBEIRO**
Tradução de **RENATO de ALENCAR**



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA.

Mary Ballard era a proprietária do grande solar, tipo acastelado, onde morava em companhia de umas tias e irmãs. No dia do casamento de sua mana Constance, ela recebeu, à revelia, o sr. Rooger Poole, que ali fôra atraido por um anúncio sôbre cômodos a alugar do mesmo castelo. Mary podia alugar um dos apartamentos do edifício, uma vez que era a dona do prédio, embora isso trouxesse contrariedades aos seus maiores. Recebendo às escondidas o futuro inquilino, já em cima da hora da cerimônia, todos de casa ficaram preocupados com a sua ausência, até que começaram a gritar por ela. Mary deixou o visitante e retornou ao salão onde pululavam os convidados. Mr. Poole se retirou depois de ter fechado o negócio com a jovem.

Mary ainda não se sentia desolada com a ausência da irmã Constance; mas tudo indicava que dias amargos se aproximavam. Mary encarava o mundo com absoluta indiferença e não se decidira a amar ninguém com a paixão que gera o sacrifício. Era voluntariosa e isso causava à sua tia Frances constantes motivos de rusgas domésticas.

Quando Constance teve que deixar o castelo, seguindo em viagem de núpcias com o espôso, Mary concebeu a idéia de fazer-se ouvir nos negócios da casa e sua diferença com tia Frances começou quando esta lhe disse que Mary precisava ir para Nice.

Tia Frances já havia preparado tudo para que a casa ficasse vazia e, talvez, fôsse vendida. Mas Mary previu o golpe e o aparou. Ela queria ficar sempre ali, e alegou que precisava permanecer ali a fim de tomar conta de Barry. Além disso, sua tia Isabelle ficaria também, e o problema de Susan Jenks, que havia embalado todos êles nos braços, estaria resolvido. Tia Frances insistiu na ida de Mary para Nice, mas a moça revelou a grande novidade: não podia ir porque alugara o apartamento da Tôrre. Era a primeira vez que se admitiam inquilinos ali. A um canto, Porter Bigelow, que nutria por Mary uma paixão louca, achou extraordinária a decisão de Mary.

Bigelow cada vez mais se apaixonava por Mary, mas a jovem «rebelde» ao amor e sempre insatisfeita com as condições da mulher na sociedade, não lhe dava atenção. Bigelow, entretanto, começava a suspeitar que ela possuisse algum amor oculto...

A VOLTA DE "BUGS" COONAN

Tendo mandado seus homens atacar os bandidos de Brigaski. Coonan se enfureceu e passou a atirar na sua própria gente.

Cachorros! ordens são ordens!

Êle está atirando contra nós! Matem-no!

Está louco! Mata seus amigos!

BANG! BANG!

Minutos depois Coonan deixa o campo de batalha com uma bala no ombro.

Êle procura fugir pela escada dos fundos!

Êsses canalhas hão-de pagar-me! Minha reputação não pode sofrer diminuição na cidade.

BANG! BANG!

Eu poderia ter dado uma lição ao bando de Brigaski se aquêles idiotas cumprissem minhas ordens. Mas suceda o que suceder, não deixarei a cidade. Nunca!

Pensei que Danny dissesse que eu estava ocupado!

Danny não pode falar muito bem com os dentes arrebentados. Com um guarda-costas daquela espécie, Jim, você não estará livre de ser surrado!

Aquêle louco do Bugs Coonan já anda a fazer distúrbios. Que é que há entre êle e você?

Há uma velha conta a ajustar entre mim e você, Wendler! Não me esqueço da punhalada que você me deu!

Seu rato de esgôto! Eu jurei vingar-me e tome!

M..HEY!

E posso fazer ainda muito mais do que isto. Dá o fora, Wendler. Quero conversar com Jim!

Que veio fazer aqui?

No dia seguinte Coonan foi prêso e os seus aliados o abandonaram. Foi condenado, cumpriu a pena e foi pôsto em liberdade.

Vamos ver agora, Jim, como vai comportar-se Bugs Coonan. Que Deus nos proteja!

É justamente o que desejo fazer é ver o Jim cara a cara. Quero vê-lo em brasas em seu escritório, hoje!

Aquêle homem quer ver Big Jim!

Não lhe dê ousadia, Pierre. Êsse sujeito é um canibal. Matou seus próprios companheiros.

E' assim? Vem cá, amigo. Quero mostrar-lhe uma uma coisa.

Estou fazendo minha reentrada aqui. Minha carreira foi interrompida justamente quando se começava a falar de mim!

Mas aquêles tempos já passaram, Bugs. Já não há mais lugar para bravatas!

Já não há mais bandos de criminosos, nem contrabandos de álcool, nem assaltos. O mundo já mudou muito, Bugs, depois que você foi prêso!

Isto eu vejo, Jim. Naquele tempo não era nada, e agora é um ricaço e aris-aristocrata!

Porque usei minha cabeça. Estive com bandidos, jogadores, mas também trabalhei muito. Procurei o caminho certo. Crime já não mais se admitem aqui!

Você faz bem. Dois garotos para Harvard e depois serão banqueiros?

Isto! Agora vá queixar-se ao bispo!

SPLAT!

Já derrubei dez tipos como você, antigamente.

Alguém mais para entrar na briga?

Por a...aqui, senhor! Talvez Mr. Falk o receba...

3

Mas você nunca disse a êsses jovens que me pagou para matar a mãe dêles porque não queria divorciar-se de você, hein?

Dê-me esta foto! Que pensa fazer? Que deseja?

Quero um emprêgo, Jim! Você, como um novo Tzar desta cidade e com tantas complicações, bem precisa de uma pessoa como eu, um supervisor de confiança.

Não preciso de nenhum supervisor, Bugs. E muito menos se fôsse você. E não quero barulho aqui!



UNESCO E ONU — duas organizações, uma só legenda. Presentes nas pessoas dos srs. Paulo Carneiro (UNESCO) e Benjamin Cohen (ONU), à esquerda. Carneiro, à direita, apresenta um olhar à distância, como quem prescuta, medita, mergulhado numa dúvida.

A LATINIDADE SE DEFENDE

INAUGURA-SE, INTERNACIONALMENTE, A UNIÃO LATINA ★ A CULTURA PODE INFLUENCIAR A POLÍTICA ★ MAS SE A POLÍTICA INFLUENCIAR A CULTURA, O ALICERCE SERÁ ABALADO ★ À MARGEM DO I CONGRESSO ★ CONFIAM PORTUGAL E ESPANHA ★ A VOZ DA O. N. U.

Texto de JOSE' ASMAR

NESTES últimos dez anos os povos já amealharam razões bastantes para descrer das chamadas conferências da paz e das suas miniaturas, isto é, dos encontros entre os poucos homens que têm a sua sorte nas mãos. Desde quando deflagrou a II Guerra Mundial, os continentes continuaram a dividir-se com a mesma velocidade com que aquelas conferências e aquêles encontros se repetiam. E os dias atuais chegam para explicar a que ficou reduzido o conjunto da Carta do Atlântico, da Declaração das Nações Unidas, do Acôrdo de Moscou (entre a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a China e a U.R.S.S.), da Declaração de Teerã, da Conferência de Dumbarton Oaks, do acôrdo na Criméia, da Carta de São Francisco, do Comunicado de Potsdam, da Conferência de Chapultepec e, de permeio, da Conferência da Paz, que em 1946 se realizou no Luxemburgo, de Paris, e da qual se aguardava a redenção da humanidade. Mas tudo estava, de antemão, sôbre uma base fendida pelo capitalismo e o socialismo antagônicos.

Os outros conclaves, que sucederam a êsses, acabaram por evidenciar o que os fatos vêm provando, como, por exemplo, a própria razão de ser da IV Reunião de



O IDEALIZADOR DA UNIAO LATINA foi Pièrre Cabanes. Sentiu-se a sua ausência na sessão de encerramento.



A ITÁLIA compareceu e firmou a «Declaração do Rio de Janeiro», através de Giulio Andreotti.



GEORGES DUHAMEL, por si, uma legenda pela cultura da França.



O MINISTRO JUAN PABLO LOJENDIO, Marquês de Vallisca, foi a voz constante da Espanha. Advogou a sua admissão política na União Latina.



A SANTA SÉ, pálio cristão da latinidade, designou seu observador monsenhor João Ferrofino.



EDGARD FAURE discursou, no encerramento, homenageando Santos Dumont.



A VENEZUELA representou-se por Tito Gutierrez Alfaro.

Consulta dos Chanceleres Americanos, há pouco levada a efeito em Washington, para solidificar a resistência do bloco ocidental contra a onda que vem rugindo desde o Caucaso.

*

DE SOB A POLITICA

O francês Pièrre Cabanes sentiu mais de perto os abalos que sofreria a civilização ocidental com as maratonas entre ideologias extremistas que se confundem e confundem o Velho-Mundo. Criou, então, a União Latina, para tentar isolar uma considerável parte da humanidade da decomposição do caráter e da mecanização da inteligência para a guerra.

— Terá estritamente o sentido cultural — anunciou êle.

Na França estava, em setembro de 1946, o embaixador João Neves da Fontoura, como chefe da delegação do Brasil à Conferência da Paz. Constatou o mesmo que Pièrre Cabanes e deixou, através de uma entrevista coletiva à imprensa, nítido, o seu pensamento favorável à formação de uma entidade latina, que visasse "defender, no seio das assembléias internacionais, as aspirações e os pontos-de-vista desta mesma comunidade de Nações".

Em 14 de junho de 1948, já o Govêrno da França legalizava a União Latina. Os anos passaram e, agora, o embaixador Neves da Fontoura, novamente titular do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, tomou a iniciativa de convocar os países de origem latina para

um conclave no Rio de Janeiro, que devia, antes, realizar-se de 12 a 20 de outubro. Porém, mais tarde, decidiu-se que o I Congresso da União Latina tivesse tempo mais curto: de 14 a 19.

★

OS PRESENTES

Quando se instalou, na magnitude do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, o I Congresso já contava com a presença dos seguintes representantes: embaixador Juan I. Cooke, da Argentina; Etienne de la Vallé Poussin, da Bélgica; Alberto Virreira, da Bolívia; professor Walker Linares, do Chile; Dario Botero Isaza, da Colômbia; Edmondo Gerli de Pauliny, de Costa Rica; Gabriel Landa, de Cuba; Victor Garrido, da República Dominicana; Ramon Lopez Gimenez, de El Salvador; Arthur Borrero, do Equador; ministro Juan Pablo Lojendio, da Espanha; ministro Edgard Faure, da França; José Luiz Aguillar de León, de Guatemala; Pièrre Rigaud, do Haiti; Virgilio R. Galvez, de Honduras; Giulio Andreotti, da Itália; embaixador Antonio Vilalobos, do México; Justino Sanson Balladares, de Nicaragua; José Ignacio Quirós y Quirós, do Panamá; professor Juan Poggino, do Paraguai; Diomedes Arias Schreiber, do Peru; Augusto Castro, de Portugal; Oscar Secco Ellauri, do Uruguai; e Tito Gutierrez Alfaro, da Venezuela. Como observadores: Srs. Sheldon T. Mills e Allan K. Manchester, dos Estados Unidos; Sir Neville Montagu Butler e V. E. Blomfield, da Grã-Bretanha; T. Elink Schuurmann e barão M. W. H. Collot d'Escury, dos Países Baixos; monsenhor João Ferrofino, da Santa-Sé; Benjamin Cohen, da O.N.U.; Paulo B. Carneiro, da U. N. E. S. C. O. E, ainda, o Secretariado da União Latina, em Paris: Pièrre Cabanes, Dominique Martin e Jacques Maloubier.

★

NOVAMENTE, A POLÍTICA

Tão logo os trabalhos do Congresso se deslocaram para o Itamaraty, onde foram instaladas as comissões, já havia nítida animosidade, provocada pelos rumos que os debates tomaram, contrariando a norma primitiva de manter o programa da União Latina em preservar a cultura, sem qualquer dose de política. Pièrre Cabanes aborreceu-se com isso e acredita-se que, por êsse motivo, desinteressou-se inclusive de comparecer à solenidade de encerramento, no dia 19. Enquanto a França continuava a defender o princípio cultural, a Espanha fazia reiteradas declarações de que a cultura depende da política. De um e de outro lado se formaram os demais países e o Brasil despendeu todos os seus esforços para deixar uma porta aberta, nos estatutos da U.L., para que a política obtivesse abrigo nas suas atividades. Sôbre as conseqüências, as reações mútuas, não se pode afirmar que serão impossíveis. Só os períodos mais agudos em que a U.L. se manifestar poderão revelar a realidade, isto é, se mais êsse Congresso redundará em tentativa gorada ou proveitosa, como se idealizou nos idos de 1946. Pois, não foram poucas as vêzes que muitos congressistas re-



O CHANCELER JOÃO NEVES DA FONTOURA, que convocou o I Congresso da União Latina.



JUSTIÇA, DA FRANÇA, E FAZENDA, DO BRASIL — Os ministros Edgard Faure e Horácio Lafer. Ao centro o embaixador, sr. Gilbert Arvengas.



MARIANO IBERICO, do Peru, experimenta um cafèzinho bem latino...



A LATINIDADE DESCEU DOS ANDES — o chileno Walker Liñares.



HAITI, pequeno mas ilu

clamaram contra o critério a que se submeteram a debate as várias resoluções — quando uns dêles falavam o português, outro o castelhano, outro o francês e um outro o italiano, que, afinal, desistiu de exigir textos na sua própria língua!

A DECLARAÇÃO

Ao concluir os seus trabalhos e por ocasião de especial solenidade, que contou com a presidência do Sr. Getúlio Vargas e o comparecimento de altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, divulgou-se a seguinte "Declaração do Rio de Janeiro", como síntese da opinião da União Latina: "Em face da atual situação do mundo, os povos latinos, unidos por um destino comum e ligados por laços de solidariedade e comunhão de ideais com os demais países livres, reafirmam a sua fé na dignidade da pessoa humana, em seus direitos fundamentais, na soberania e integridade das Nações, no império do Direito, na Justiça Social e na supremacia dos valores espirituais que constituem o acervo da sua civilização humanista e cristã, repelem tôdas as formas de servidão tanto econômicas como políticas. E confiam em que estas normas inspirem a conduta dos governantes e dos povos do mundo

CONFIANÇA

O repórter ouviu, ao fim

PORTUGAL mandou uma expressão bem alta da sua cultura: Augusto Castro. E' êle que aí está, atrás da plaqueta do Brasil.



UMA VOZ DEMOCRATICA não faltou: a do Uruguai, através de Oscar Secco Ellauri.



NICARAGUA, simples na








a figura de **Pièrre Rigaud.**

O **MÉXICO** confiou a chefia da sua delegação ao embaixador **Antônio Villalobos.**

HONDURAS estêve atenta, com **Virgílio R. Galvez.**

tudo, a palavra dos representantes dos dois países que ampliaram os horizontes para a latinidade, "dando novos mundos ao mundo": Portugal e Espanha. O primeiro, Sr. Augusto de Castro, e, o segundo, Juan Pablo Lojendio, marquês de Vallisca, manifestaram o mesmo pensamento:

— Confiamos no êxito dêste Congresso. O contato que cada representante de país latino manteve e manterá, um com os outros, estiolará cada vez mais a idéia de preservarmos a nossa cultura.

RAIZES DE UM DIREITO

Da sua posição de observador, o "funcionário do mundo" Benjamin Cohen, da O.N.U., externa, com a afabilidade da sua índole chilena:

— Os pensamentos da civilização latina conseguiram penetrar tão profundamente na vida e nas instituições das outras culturas, através dos sãos princípios do Direito Romano, que essa influência se fará sentir cada vez mais em todo o mundo, principalmente através dos organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas e da UNESCO. Quando emergir uma expressão universalizada da cultura e da civilização, a contribuição latina aparecerá com tôda a sua pujança, para um conjunto mais grandioso e mais imponente.

a de **Justino Sanson Balladares**

O **EX-CHANCELER Raul Fernandes** foi o vice-presidente do conclave.

A **SECRETARIA GERAL** estêve a cargo do ministro **Heitor Lyra.**





O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

11. O PRIMEIRO SECRETÁRIO DA DEFESA

A NOMEAÇÃO DO PRIMEIRO SECRETÁRIO DA DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS FOI FEITA ENTRE CRISES AGUDAS ★ ANALISAM-SE OS PROBLEMAS CHINÊS E GREGO

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

EM 5 de junho de 1947, o discurso pronunciado pelo Secretário do Estado, na colação de grau em Harvard, foi o ponto de partida do plano Marshall para a rehabilitação da Europa. Na mesma ocasião, os graves acontecimentos da China avolumavam as notas do diário de Forrestal. Em 19 de junho houve uma reunião das Secretarias do Estado, da Guerra e da Marinha, e o almirante Denfeld expoz as suas impressões dizendo que a situação chinesa "era uma desintegração contínua e geral, e que tudo indicava que os russos ocupariam o nosso pôsto assim que o deixassemos". Em 23 de junho, durante o almôço do gabinete, o assunto foi comentado.

23 de junho de 1947 — Almôço do gabinete

"MARSHALL declarou que andava procurando e pedindo sugestões rápidas para pormos em prática... Parece que os chineses estão preparando um novo bando precatório, para percorrer as ruas da cidade, angariando contribuições para auxiliar o govêrno nacionalista, empregando especialmente o argumento perigoso do comunismo. Snyder disse que, em dez dias, já recebeu quatro ou cinco convites para ir almoçar com o Embaixador chinês...

Na reunião das Secretarias do Estado, da Guerra e da Marinha, em 26 de junho, "o único assunto discutido foi a China".

PROVOCANDO INQUIETAÇÃO NA CHINA

O Secretário do Estado declarou que tem andado estudando uma fórmula positiva e construtiva para a situação chinesa, pois, segundo lhe parece, a mesma mostra sinais evidentes de desintegração. Estamos diante de um dilema criado pela incompetência, pela ineficiência e pela teimosia do govêrno central chinês e isso dificulta o auxílio que lhe poderia ser dado. Referiu-se à incapacidade militar dos seus chefes, desprezando os generais que já tinham tido êxito em campanhas, à instabilidade das lideranças; à tremenda falta de organização para se tratar do vasto e complexo problema chinês, quer pelo lado econômico como político... A minha observação foi a de que não tinhamos o direito de tirar conclusões indiretas a respeito da China atual, sem primeiro compreendermos que a antipatia citada por Marshall continuava aumentando na China, por causa do acôrdo efetuado em Ialta, onde foram esquecidos certos direitos da soberania chinesa, com o propósito de fazer a Rússia entrar na guerra... Marshall acha que êsse infeliz incidente foi o fator principal para a crescente impopularidade dos Estados Unidos na China.

Dei minha opinião, dizendo que a nossa obrigação era continuar com o auxílio e o fornecimento de armamentos para as tropas do govêrno central, salientando que isso estava de perfeito acôrdo com o compromisso por nós assumido, juntamente com a Rússia, com o govêrno chinês e que não nos retirariamos da China, qualquer que fôsse a sua situação.

ENCARGO OFERECIDO A FORRESTAL

AS notas no diário referem-se à angústia em que se encontra o govêrno por causa do probelma da China e nas semanas que se seguiram tudo indicava que nada havia sido resolvido sôbre o assunto. Enquanto isto, a carreira de Forrestal ia se aproximando de nova crise aguda. O projeto da unificação militar encontrava-se nas vesperas de ser aprovado, segundo o parecer de Ferrestal, que nêle trabalhou quase dois anos. Mas mesmo com a aprovação do relatório da conferência de 25 de julho, nada havia a respeito do nome indicado para ocupar a pasta de Secretário da Defesa e o Congresso teria que prorrogar para o dia seguinte.

No dia 26 de julho, pela manhã, Forrestal compareceu à Casa Branca. A Sra. Martha E. Truman, veneranda mãe do Presidente, encontrava-se às portas da morte e o aeroplano presidencial já estava pronto no Aeropôrto Nacional para partir para Missouri. O Presidente estava apenas aguardando a remessa do volumoso processo da unificação dos nossos comandos, que o Capitólio prometera enviar-lhe.

26 de julho de 1947 — Conversa com o Presidente Truman

"CONVERSEI com o Presidente e êle me disse que indicara meu nome para Secretário da Defesa, pois Bob Patterson recusara o seu convite. O Presidente acrescentou que já tinha conversado com êle a êste respeito, mas Patterson andava tão atrapalhado financeiramente, que previa não poder se aguentar por muito tempo no govêrno. Disse ao Presidente que teria muito orgulho em servir sob as órdens de Patterson, desde, que a minha pessoa fôsse útil a ambos. O Presidente repetiu que Patterson não interessava pela razão já exposta.

Perguntei ao Presidente se era sua intenção entregar o contrôle das instituições militares a civis, porque esta era a proposta que fiz para o exercício das minhas funções na pasta em questão. Sua resposta foi que êle estava de pleno acôrdo, e que me daria todo seu apoio para que agisse nesta base.

Consultou-me depois sôbre a pasta da Aviação e da Marinha e respondi-lhe que o homem apontado, para me substituir, era Sullivan; quanto a Symington, disse-lhe que seria uma boa escolha, por se tratar de um homem de valor, mas que havia uma restrição a fazer, porque Symington e eu eramos velhos conhecidos e eu tinha dúvidas sôbre o êxito do nosso trabalho juntos. Manifestei-me dizendo que é mais fácil trabalhar-se com estranhos do que com amigos".

A NOMEAÇÃO FOI RAPIDAMENTE APROVADA

AFINAL o Presidente partiu. Já se encontrava no avião quando recebeu o projeto para assinar e logo em seguida assinou a nomeação de James Forrestal para o cargo de Secretário da Defesa. Na mesma tarde a nomeação foi bem recebida no Senado e confirmada por meio de uma votação oral, no final de uma sessão movimentada, nas primeiras horas do dia 27 de julho.

A nomeação de Ferrestal foi aclamadissima e as respostas que deu ao dilúvio de cartas recebidas mostram com que dedicação êle se entregava à nova missão. Aos companheiros mais antigos êle revelou as dúvidas que no caso havia. "Êste cargo", disse êle em carta datada de 27 de agôsto, dirigida a Robert Sherwood, "será provàvelmente o maior cemitério para gatos mortos da história". "Se meu desempenho nesta missão não fôr bom", de uma carta dirigida a Symington, "não posso me queixar que foi falta de apoio, e sim porque, como você já deve ter observado, as luas de mel acabam depressa e logo depois das rosas seguem-se as pedras". A um outro amigo êle disse "quando eu terminar esta missão, darei por encerrada minha vida pública. Para se conseguir êxito na política é preciso que se goste de política e eu francamente não gosto". Ainda em outra carta, êle fêz a seguinte observação — "a dificuldade no trabalho do govêrno não é apenas executá-lo bem; é necessário que o povo se convença de que o mesmo está sendo devidamente executado. Ha necessidade de competência e de explanação, qualidades dificílimas de ser encontradas simultaneamente num só indivíduo".

CRISES EM DIVERSOS PAISES

NA mesma carta acima, êle transcreveu uma das suas sentenças favoritas: "fazer cessar as desinteligências é uma parte trabalhosa da administração, quer para os governos, quer para os negócios. Foi com esta disposição de ânimo que Forrestal assumiu o pôsto, que lhe traria mais "desinteligência" do que nunca e maior responsabilidade pela segurança e sobrevivência dos Estados Unidos numa hora gradativamente sombria.

8 de agôsto de 1947 — Gabinete

O secretário Marshall fêz uma breve exposição da situação mundial. As condições econômicas e políticas são precárias na Inglaterra, Grécia, França e Itália. Exprimiu grande ressentimento pela atitude assumida, novamente, pela, Grã Bretanha, tomando a decisão de retirar tropas da Grécia, alegando que tinha quantidade suficiente de homens no Japão, na Alemanha e em outros países e que poderia reduzí-la sem prejuizo, acrescentando que a participação da decisão tomada a respeito da retirada da Grécia estava marcada para depois do veto russo nas Nações Unidas à proposta que trata da continuação da comissão de limites na fronteira entre a Grécia, a Macedônia e a Iugoslavia.

As decisões e atitudes tomadas pelos inglêses eram resultados evidentemente regidos pelas conveniências políticas do país e principalmente em virtude da luta desesperada que o Partido Trabalhista vem mantendo para sobreviver.

Harriman, interrogado sôbre o assunto, declarou-se muitíssimo interessado na marcha da política britânica. Os extremistas da ala esquerda estão fazendo pressão nos seguintes pontos:

a) Redução do poderio militar britânico; b) retirada da Grécia; c) ação mais enérgica na nacionalização da indústria.

Torna-se para nós uma questão difícil, pois não sabemos se devemos endossar a estabilidade de um govêrno cujos objetivos estão indo cada vez mais para a esquerda, enquanto êle vai perdendo até mesmo o apoio dos liberais mais moderados...

EISENHOWER E MACARTHUR AVISARAM A TRUMAN, EM 1947, QUE HAVIA OUTRO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA

12. HOMENS E ATITUDES

O diário de Forrestal, nos últimos meses de 1947, está repleto de detalhes interessantes sobre alguns homens e suas atitudes.

19 de setembro de 1947 — James F. Byrnes

"ALMOCEI hoje com Jimmy Byrnes e conversamos sôbre política russa e americana desde 1943 e êle me disse que, na sua opinião, depois da morte de Roosevelt, a situação ficou mais difícil por causa da pouca simpatia que Stalin sente por Truman, segundo declaração que lhe foi feita pelo próprio Stalin. Eu então expliquei a razão disso, dizendo que Truman foi o primeiro homem que deu resposta negativa a qualquer pedido de Stalin, cuja simpatia por F. D. Roosevelt era natural, porque foi êle quem lhe deu o acôrdo de Ialta, satisfez a todos os seus desejos durante a guerra e, por fim, concedeu-lhe a oportunidade de fazer propaganda comunista nos Estados Unidos e no resto do mundo".

Poucos dias depois Forrestal avistou-se com o Presidente para tratarem de uma nomeação ultra importante.

25 de setembro de 1947 — Reunião com o Presidente

O Presidente declarou que o Chefe do Executivo dos Estados Unidos passa a maior parte do tempo controlando as sensibilidades dos homens que escolhe para seus auxiliares e citou um fato acontecido hoje de manhã, em que êle gastou um quarto de hora ouvindo uma pessoa, que êle mesmo nomeara para dirigir o programa da preservação dos alimentos, sôbre assunto puramente protocolar, mas que o tal indivíduo achava que tinha de ser discutido com o Presidente, visto não julgá-lo dentro da alçada da tarefa que lhe fôra imposta. Enfim, Truman disse que o Chefe na Nação passa a maior parte do tempo dando palmadinha nas costas de uma porção de gente...

EISENHOWER E A PRESIDÊNCIA

6 de outubro de 1947 — O Presidente

COM relação à candidatura de Eisenhower à presidência, Truman disse que achou graça quando ouviu Ike lhe dizer, ao voltar do Japão, que o Presidente teria que enfrentar a volta de MacArthur na primavera para lançar a pròpria candidatura, enquanto que uma outra pessoa, que estivera com MacArthur, já lhe havia dito que o general mandava avisar ao Presidente que Eisenhower seria o futuro candidato à presidência!

O Presidente disse que todos parecem estar atacados de "delírio de grandeza" ou de "arrogância infecciosa". Declarou mais o Presidente que, infelizmente, êle ainda previa a sua permanência na Casa Branca por mais quatro anos, a partir de 1948, e que, se não fôsse obrigado a candidatar-se novamente, por causa da situação mundial, do atraso nas negociações dos tratados de paz com a Alemanha, o Japão e a Austria, êle não queria mais saber de eleição. Além disso, estava também na obrigação de arranjar uma colocação para Vaughan e que, isto feito, não teria êle compromisso com mais ninguém.

DEWEY E EISENHOWER

UMA semana depois Forrestal, num jantar realizado em Nova Iorque, viu-se novamente envolvido pela política.

15 de outubro de 1947 — Palestra com o Governador Thomas E. Dewey

"Sentei-me ao lado do Governador Dewey, no jantar realizado ontem à noite... Dewey está muito interessado na candidatura do general Eisenhower, pois depende apenas deste aceitá-la. Referiu-se depois à atividade de Marshall e que Ike já deu início à campanha, mas que a candidatura tinha sido lançada demasiadamente cedo, que o general não havia meditado sôbre as complicações que teria de enfrentar enquanto durasse a campanha eleitoral. A política, aos olhos de quem está do lado de fora, parece coisa simples, tanto para o homem de negócios como para o soldado; quando, porém, nela penetramos, é que percebemos todos os seus ângulos e a trabalheira que ela significa...

Acredito que Dewey, de um modo geral, está de pleno acôrdo com a conduta da nossa política internacional".

12 de novembro de 1947 — O Presidente

"CONVERSEI hoje à tarde com o Presidente sôbre o sistema de comando no Exército e na Marinha e outros assuntos... Disse-me o Presidente que já tem um substituto para Bradley na AV (Associação dos Veteranos) e que, logo após a sua nomeação, fará Bradley retornar ao Exército para acelerar a mudança no Estado Maior. Não quis o Presidente pedir a Eisenhower para se retirar, achando que o seu gesto será compreendido pelo general.

Declarei-lhe francamente que, de maneira alguma, aceitarei a candidatura para a vice-presidência. Disse-me o Presidente que não era preciso chegar a êste extremo, mas que eu fizesse uma declaração no estilo da de Marshall. Referindo-se ao seu caso, o Presidente disse que se sentiria muito feliz em não se candidatar, não fôra a noção de responsabilidade que a isto o obrigava. Declarou que ha pouca satisfação e recompensa pelos serviços prestados na presidência; que a sua filha Margaret ou "Baby", como êle a chama, está completamente tolhida na sua vida, pelo simples fato de ser a filha do Presidente; que o sobrinho, que é seu xará, tem que levar uma vida inteiramente diferente, e que todos os outros parentes, que vivem na intimidade da família, tiveram que se submeter a uma vida fora do normal, simplesmente pelo respeito devido ao cargo que êle ocupa.

Não tenho a mínima dúvida a respeito da sinceridade do Presidente, quando diz que a única coisa que o mantém no pôsto de sacrifício é a noção do dever para com o país e o partido político do qual faz parte".



Soldados do 4º Exército Comunista, em Hopeh, China, lêem um aviso em inglês e chinês, em pról da amizade sino-americana e fim da guerra civil, em data de 14-8-46.

A SITUAÇÃO MILITAR

FORRESTAL nunca perdeu a noção do dever para com o país e jamais esqueceu, apesar dos muitos afazeres diários, os problemas básicos da política, que se encontravam sob seus cuidados. Vale a pena lermos o trecho de uma carta, que escreveu ao presidente da Comissão Senatorial das Fôrças Armadas, porque nos mostra, em poucas palavras, a situação crítica em que se achava o país no final do ano de 1947, que é analisada por Forrestal.

8 de dezembro de 1947 — A Chan Gurney

"... ESTAMOS, no momento, mantendo as nossas despesas militares abaixo do nível, que os chefes militares conscientes classificam de mínimo possível para a garantia da segurança nacional. Com êste processo, estamos conseguindo enfrentar os gastos que temos com a rehabilitação européia ou, por outras palavras, estamos nos arriscando na certeza de conseguirmos a segurança nacional e ao mesmo tempo uma estabilidade duradoura para o mundo.

Se assim não o fizermos... o problema não terá solução tão cedo. Nos anos vindouros, cujo número está ainda indeterminado, continuaremos com certas vantagens militares que dão perfeitamente para cobrir o risco. Ha no mundo, neste momento, quatro problemas militares da máxima importância, que são: —

1) Predominância do poderio russo terrestre na Europa e na Ásia;

2) Predomínio naval americano;

3) Nossa propriedade exclusiva da bomba atômica; 4) Capacidade da produção americana.

Desde que nos seja possível superar o mundo em produção, controlar os mares e atacar os continentes com a bomba atômica, poderemos assumir certos riscos que são, sem êstes meios, considerados impossíveis quando nos esforçamos para a restauração do comércio mundial do equilíbrio do poderio militar e para eliminar algumas das causas geradoras da guerra.

Serão precisos anos, para que uma potência qualquer consiga se adestrar para nos atacar com armas ultra destruidoras e com êxito. Façamos pois, dêstes anos, a nossa oportunidade".

A nação infelizmente custou a se decidir a abraçar esta oportunidade.

O próximo artigo "A Questão da Palestina".



Um avião da



AIRFRANCE

é a chave de novos horizontes...

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE —— Av. Guararapes, - 210 - Tel. 7549

UMA PEQUENA SELVAGEM

FOI PESCAR PEIXES E SAIU ESCAMADA



O rio cortava a propriedade da família Sloane, e eu sempre ia pescar. O peixe nos servia para melhorar o cardápio, e eu gostava de fugir da cidade...















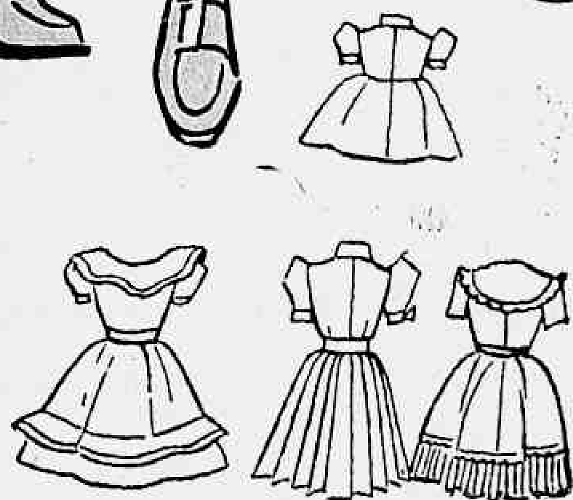




CRIANÇAS









VESTIR uma criança é fácil: saber vesti-la é diferente e nem tôda a gente possui êsse segrêdo. A arte não está na qualidade do tecido, nem no gasto maior da fazenda e seus pertences — mas no gôsto, na simplicidade, na maneira de pôr a criança dentro da sua idade, com harmonia de linhas, sem exageros (principalmente sem exageros) e sem lhe tirar êsse ar singelo que só a infância sabe dar a um ser humano. E que tão cedo se perde. Vejam êstes modelos de Ramon, para tôdas as idades, e observem como qualquer um poderá ser aproveitado com muita eficiência e pouca despesa. As crianças querem-se assim, muito à vontade, dentro de suas roupinhas, que lhe permitam movimentos livres, e não as ensinem, desde cedo, a ficar "mocinhas". Há muito tempo para isso, mais tarde. E a fase da primeira infância é tão curta, tão rápida, que um crime seria fazê-la mais transitória.

A IDÉIA ROUBADA

CONTO de EDSON KNEIPP

EDUARDO não imaginava o quadro que iria presenciar no quarto dos dois amigos quando empurrou cautelosamente a porta. — Salve! — exclamou.

Renato e Hélio corresponderam com um mudo de saudação. O primeiro descansou a caneta e disse para o recém-chegado: — Ouve aqui, Eduardo: você não nos engana com essa sua japonêsisse, e aposto que já escreveu e já mandou a sua resposta.

— Pois olhem, — retrucou o rapaz: se vocês apostassem perderiam, porque já disse e repito que não estou interessado no concurso.

— Então dê-nos lá um palpite — pediu Hélio.

Renato soltou uma risadinha de escarneo.

— Que esperança! — disse. Isto aí é mais pirracento do que u'a mula...

E para Eduardo:

— Por que você não diz logo o que pensa de nós?

Eduardo ergueu o olhar para o teto, cruzou os braços no peito e respondeu por sua vez interrogativamente:

— Digam-me uma coisa: afinal de contas, por que é que cada vez que venho aqui vocês descarregam em cima de mim as suas bilis, como se eu fôsse o culpado de haver um concurso radiofônico, de vocês quererem participar dêle e de não saberem como? que tenho eu com tudo isto?

— E' que você nos aparece sempre com esta cara lambida, com êste arzinho de mofa, de superioridade...

— Ora, Renato...

— ... com êste sorriso de Gioconda, como que a dizer para nós: que imbecís! eu até já ganhei o concurso...

— Está vendo, Hélio? — reagiu Eduardo. Eu sou assim? Eu faço isto?

— Não, — respondeu Hélio. Mas vai falando, vai discutindo com êle, que talvez daí nasça uma idéia...

Eduardo riu, recostou-se numa das camas e começou a folhear uma revista cinematográfica, sob as vistas de Hélio que de lá da sua mesa comentou:

— Que mulheres, hein?

— Hum, hum...

— Isto até nem existe. E' imaginação.

— Pois cá estão elas, vivinhas. E aí estão vocês descobrindo como conquistá-las...

Renato irritou-se novamente.

— Eduardo, por que você não vai jogar iô-iô?

Hélio desatou a rir, imitado pelo próprio Eduardo que continuava a folhear a revista e a divertir-se com os apertos dos amigos para responderem à pergunta de uma estação de rádio sôbre como conquistar o amor de uma mulher.

Reféz-se silêncio no quarto, mas daí a pouco Renato rosnou uma praga, amarfanhou o papel que rabiscava e atirou-o raivosamente na cesta.

— Pensando bem — disse Hélio recostando-se na cadeira e estirando as pernas por baixo da mesa, — não ha uma teoria p'ra êsse negócio, hein Eduardo? Olhe, eu li um dia dêsses, no jornal que uma moça de família da alta sociedade fugiu com um condutor de bonde, vocês leram?

— Não, — respondeu Eduardo. Mas daí?

Hélio deu de ombros.

— Daí é o caso de se saber o que teria atraído a moça no condutor de bonde.

— Quem sabe? Êle poderia ser um sujeito insinuante, apesar da modéstia da sua profissão.

Renato interrompeu-os.

— Ouça, Hélio — recomendou ao companheiro: você vai acabar pedindo outra vez uma idéia ao Eduardo e esta múmia não a vai dar. Por que então não cala a bôca e não me deixa pensar?

— E' que êste silêncio me enerva, Renato. Eu preciso ouvir de vez em quando nem que seja a minha própria voz.

Eduardo levantou-se.

— Êste ambiente está muito carregado, — disse zombeteiramente. Acho que já vou indo...

— Já vai tarde!

Foi a sua vez de rir gostosamente da irritação de Renato. Piscou um ôlho para Hélio e encaminhou-se para a porta com aquêle seu ar displicente. Nas suas costas pregaram-se os olhos de Renato como pregados ficaram na própria porta por onde desapareceu o vulto do rapaz.

De súbito uma expressão de triunfo assomou-lhe ao rosto. Seus lábios entreabriram-se num sorriso de desafio e seus olhos faiscaram.

— Eureka! — exclamou com as mãos espalmadas sôbre a mesa.

Hélio assustou-se.

— Que foi?

— Achei!

— ?...

— Achei!

— Achou o que, homem?

— Ah! Ah! o sonso...

— ?...

— Acabou dando-me a idéia sem querer!

— Quem?

— Ora quem! o Eduardo!

— ?...

— Ah! Aaaai!

Com um largo gesto afastou tudo à sua frente como que disposto a decifrar o segrêdo da vida eterna e abismou-se na obra. Hélio olhava-o intrigado, mordendo distraidamente a ponta da caneta. O Eduardo só havia dito que se ia embora, — pensou. Que dedução teria tirado daí o Renato para considerar resolvido o problema?

Tão fácil! — matutava por sua vez o felizardo. Tão fácil que se o Eduardo fôsse um bicho já o teria impedido de ganhar o concurso... Ora! estava claro que definir isto ou aquilo como capaz de conquistar o coração de uma mulher era uma tolice: aquela história do condutor de bonde o comprovava muito bem, era até de justiça que agradecesse a Hélio também o havê-la contado em tão boa hora...

— Obrigado, amigo! ah! aaah!

Hélio interrompeu-se de novo e fitou o companheiro:

— Você enlouqueceu? — perguntou-lhe.

Renato riu baixinho e não respondeu. Era outro agora, eufórico, bem humorado, confiante. Seu pensamento voava para a garôta dos seus sonhos, — demonstraria a Elvira os seus dons de observador e os seus conhecimentos de psicologia feminina! Pedir-lhe-ia que ouvisse a irradiação final do concurso, e depois então...

— Hélio, tem visto a Elvira?

Hélio respondeu que sim sem levantar a cabeça do papel.

— Não é um colosso?

Hélio resmungou:

— Hum...

— Pois está aqui, está no papo!

— De quem?

Renato fuzilou-o com um olhar de repreensão.

— De quem havia de ser? Ora esta!

— Pois sim. Não é de hoje que o ouço falar nisso, e a pequena nem se lembra de que você existe. Já falou com ela?

— Ainda não, mas vou falar depois do concurso. Deixe-a só ouvir o rádio...

— Hum...

Renato fêz uma pausa e censurou o companheiro pelo seu carrancismo repentino.

— Decerto! — explodiu Hélio finalmente. Pois se você já está certo de que ganhou o concurso e eu nem sei ainda o que vou escrever! Desisto, sabe? Não vou mandar coisa nenhuma.

— Ora, Hélio...

— Desisto!

Deixando a mesa o rapaz atirou-se na cama e distraiu-se com as revistas.

Renato concluiu o seu trabalho e releu-o com atenção. Nunca pensou em poder descrever alguém ou alguma coisa com tal fidelidade: lá estava o Eduardo escritinho, o moço mais disputado pelas garôtas do bairro, portanto o tipo de que elas gostavam. Não estava claro? Para que quebrar a cabeça com teorias inventadas e com motivos exteriores de nenhum efeito? As garôtas gostavam de Eduardo e o namoravam até sem êle saber: logo, um sujeito para ser gostado assim pelas mulheres deveria ser como o Eduardo, parecer-se com o Eduardo, ter aquêle seu geitão, aquêle seu temperamento, aquela sua impecável apresen-

(*Continua na pág. 46*)



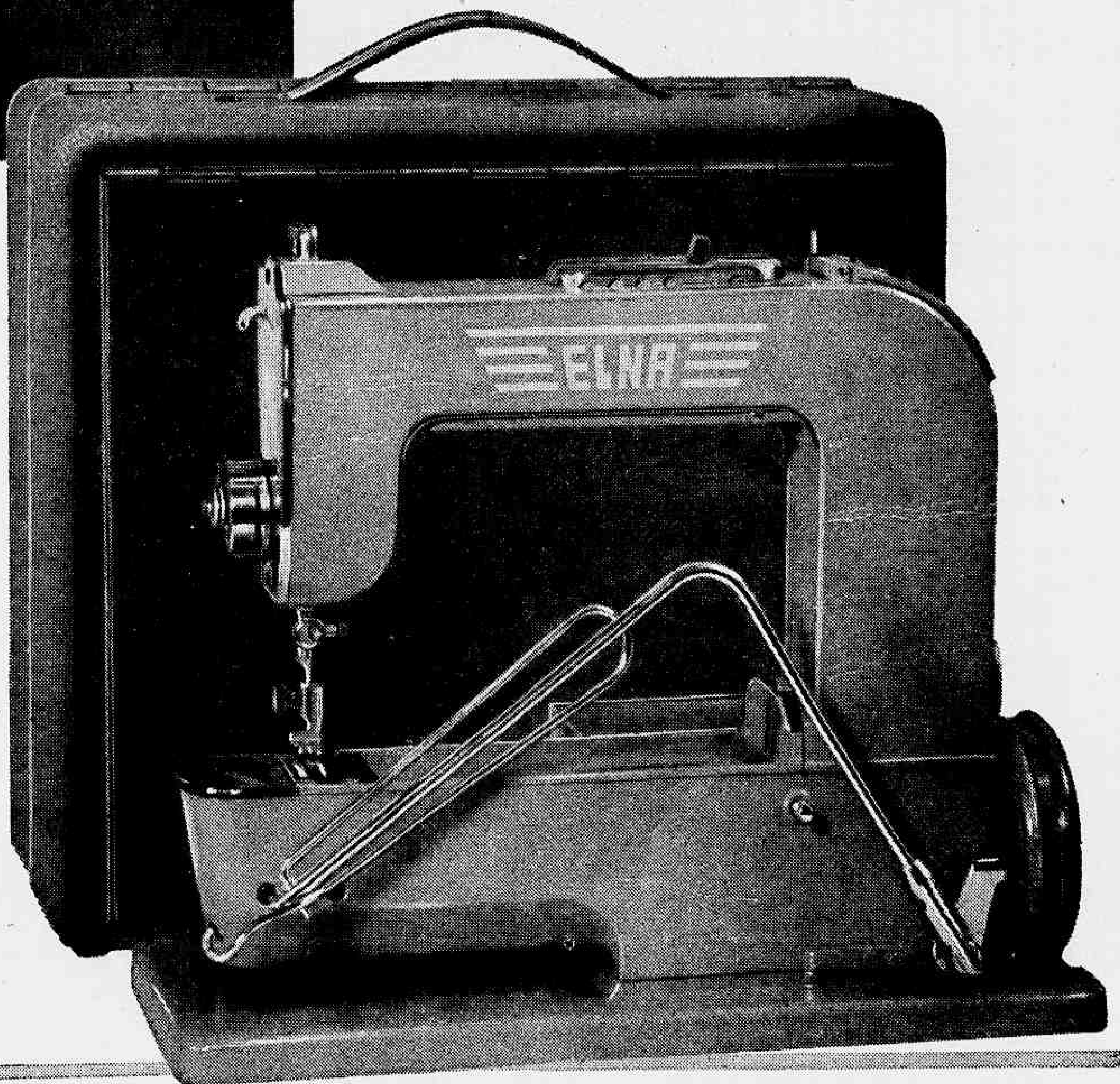
ILUSTRAÇÃO de ORVAL

SEM ENTRADA INICIAL!


Precisão Suiça.

. . . sim, pela primeira vez e durante uma temporada especial, a sra. poderá comprar uma máquina da qualidade de ELNA, sem entrada inicial e pagando-a suavemente em pequenas prestações mensais. Visite sem demora a loja de ELNA para solicitar uma demonstração e inscrever-se nesse novo sistema de pagamento, antes que seja tarde.

ELNA




Assistencia técnica permanente.


Demonstrações em sua casa, sem compromisso.

ELNA É MODERNA,
ELÉTRICA,
PORTATIL.

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro	Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo	Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8151
Belo Horizonte	Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre	Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife	Rua da Concordia, 143
Curitiba	Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora	Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos	Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador	Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515
Bauru	CASA DOS FIOS - Rua Batista de Carvalho, 5-26
Fortaleza	CASA PARENTE - R. Guilherme da Rocha, 203/213 - Tel 1503
Campinas	CASA DOS FIOS - Rua 13 de Maio, 729

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... Tel.: ....

Estado: ....

RSI 23





Os mais variados e sugestivos modelos formam esta interessa coleção, que certamente merecerá as atenções das nossas leitoras. Em todos êles, excluindo apenas os três modelos de "soirée", o tecido empregado foi o linho que, como acontece todos os anos, coloca-se sempre em primeiro plano, como o tecido predileto para as "toilettes" de verão. Tanto em côres claras como em côres escuras, há sempre uma evidente predileção por êste tecido, nos dias quentes. Em cima, dois modelos para tarde, em linho, o primeiro cinza claro e o segundo branco, com sugestivos festones. Em baixo, três elegantes sugestões para o emprêgo de fitas de veludo, nos trajes para "soirée". Na página ao lado: em baixo, modêlo em linho azul-marinho, para tarde, e em cima, outra elegante criação, também em linho, porém prêto, próprio para noite.







VARIADOS





De um poeta chinês desconhecido

JOGUEI todos os pergaminhos, com desenhos de pássaros, nas águas do rio Amarelo.
As flores do jardim e os pássaros nos ramos são muito mais belos.
As flores têm perfume e os pássaros cantam.

★

CESSA de tocar êsse alaúde, fala: é muito mais linda, muito mais doce a música de tua voz.

★

DEPOIS que tu te fores, continuarei te amando; pois, como os músicos de Chang Wu Kien, mesmo depois que se vai o amor, a sua melodia continua cantando dentro de nós...

★

SOB o galho da ameixeira em flor, o poderoso mandarim adormeceu. Sonhou que possuia para sempre a sombra e o perfume daquela ameixeira — e ficou feliz: porque tudo o que possuia não era para sempre.
E mesmo aquela sombra e aquêle perfume — so em sonhos.

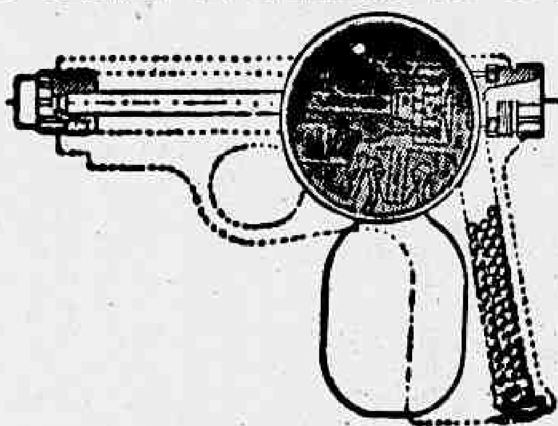
★

PARECIA uma rubra peonia — e era o seu sorriso.
Pareciam lilases na manhã azul — e eram os seus olhos. Parecia uma leve e clara borboleta — era um gesto de sua mão.
Nunca posso estar certo se é ela que passa ou se passo por um jardim.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBOLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMATIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....
Endereço ....
Cidade .... Estado ....

O Sr. já viajou à BAHIA pela Nacional?



É o caminho mais curto... mais cômodo... mais confortável para a sua viagem

RIO - SALVADOR

via G. Valadares e Ilhéus

Visite a Bahia servindo-se da nova linha da Nacional. Três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

*

Reservas e Informações:
Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119

Nacional

TRANSPORTES AÉREOS



WEEK-END

TORTA DE VERDURAS



PASSAM-SE numa panela 2 xícaras de farinha de trigo, uma colher-de-sobremesa de fermento, uma pitada de sal. Mistura-se tudo com 2 colheres de manteiga, uma xícara de parmezão ralado e uma de leite, bem cheia. Mexe-se tudo até ligar bem e leva-se a assar num tabuleiro untado de manteiga e polvilhado de farinha de rôsca, ou em duas fôrmas redondas, dessas próprias para bolos em camada. Depois de assada a massa (se fôr em tabuleiro, parte-se pelo meio a fim de formar as duas camadas) recheia-se e cobre-se com o seguinte creme: leva-se ao fogo uma panela com ½ litro de leite, duas colheres de farinha de trigo, duas de manteiga, duas de massa de tomate, três gemas, uma pitada de sal, e vai-se mexendo tudo até formar-se um creme espêsso, ao qual se juntam umas seis cenouras cozidas e cortadas em rodelinhas, meio quilo de vagens, também cozidas e picadas em pedacinhos, um pouco de petit-pois", e um porrô cru, passado na máquina. Leva-se a panela novamente ao fogo até ligar bem e, então, com êsse creme, juntam-se as duas partes do bôlo, pondo-se também uma camada por cima, a qual se polvilha com parmezão ralado, ao servir. Serve-se a torta bem quente.

SIRIS EM CAIXINHAS

Se não tiver siris, compre uma lata e escorra bem. Toste em uma colher de manteiga, 1 colher-de-chá de cebolas raladas, ½ de salsa picadinha e junte os siris desfiados. Bata uns 4 ovos, as claras em neve, deite farinha até ficar em consistência de suspiro, adicione 1 colher de azeite e 1 pitada de sal e outra de paprika. Bata bem e junte os siris desfiados e com uma colher-de-chá, deite aos bocadinhos na banha quente. Frite sem escurecer, deite sôbre papel pardo e sirva dentro de caixinhas de papel frizado.

BIFES DE MARINHEIRO

Tomam-se pedaços de carne macia, batem-se bem, levam-se para uma frigideira com um pouco de banha. À medida que fôr saindo o môlho, vai-se guardando em outra vasilha. Quando estiverem bem cozidos os bifes, faz-se um môlho com cebola, sal, tomate e o caldo que se juntou. Mexe-se com cuidado para não talhar. Arrumam-se os bifes no prato, despejando-lhes o môlho por cima e servem-se com farofa, feita com farinha de mandioca, manteiga e sal.

BRAZILIAN GROG

Tome 1 copo grande. Junte 3 colheres de açúcar, 2 cálices de laranjinha, 1 cálice de xarope de laranja, 1 pedacinho de canela em pau e outro de casca de limão. Acabe de encher com água fervendo.

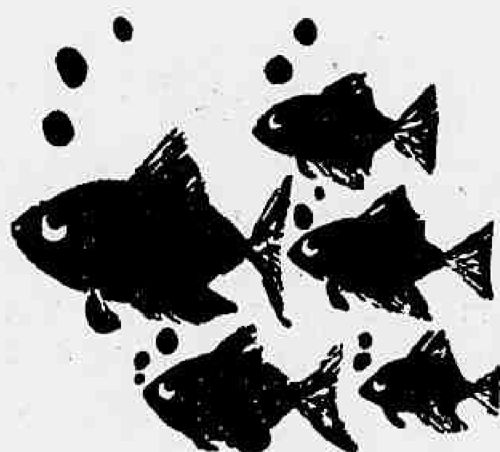
COQUILLE DE CAMARÃO

Refoga-se o camarão e arruma-se em conchinhas apropriadas. Em cima se põe o môlho que se usa em tôdas as coquilles, feito na proporção de uma colher mal cheia de farinha para uma xícara de leite, 1 colherinha de sal, noz-moscada e manteiga, enfeita-se com uma rodela de ôvo e tomate picadinho, ou uma rodela de tomate e ôvo picadinho, salsa e azeitonas.



NA COZINHA

ESPUMAS DE MAÇÃS



6 a 8 maçãs azêdas, 100 gr de açúcar, 2 claras, 2 colheres-de-sopa de caldo de limão, uma pitada de canela.

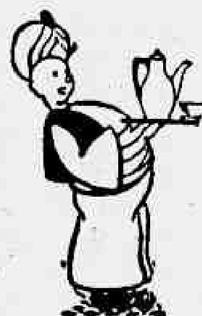
Cozinham-se as maçãs com o açúcar e o limão, fazendo-se um puré, que se passa em uma peneira e deixa-se esfriar. Matem-se as claras, junta-se um pouco de açúcar, e mistura-se o puré, batendo-se 8 a 10 minutos até obter-se uma massa espumosa. Arruma-se num prato em feitio de pirâmide e enfeita-se com makronen.

CREME DE ESPUMA DE VINHO

200 gr de açúcar, 8 gemas, 2/10 de litro de vinho branco, 15 gr de gelatina, 3 colheres-de-sopa de rum, ½ litro de nata.

Deixa-se a gelatina na água durante 10 a 15 minutos, escorre-se depois a água fria, põem-se 2 a 3 colheres-de-sopa de água quente e leva-se um momento ao fogo para acabar de derreter (mas não deve ferver). Batem-se as gemas e o açúcar em uma caçarola, junta-se o vinho, bate-se esta massa sôbre o fogo até pouco antes de abrir fervura. Retira-se do fogo, adiciona-se gelatina e o rum e bate-se até esfriar. Antes de escurecer, põe-se a nata pouco a pouco e deita-se a massa em fôrma untada com óleo de amêndoas. Deixa-se em lugar frio umas 2 horas e vira-se em um prato. Guarnece-se em roda com makronens embebidos em Marsala.

BÔLO DE TALHADAS



100 grs. *de maizena,* 500 *grs. de farinha,* 2 *ovos,* 150 *grs. de manteiga,* 125 *grs. de açúcar, casca ralada de meio limão,* 1 *colher de sopa de rum.*

Bate-se bem a manteiga com o açúcar, depois juntam-se as gemas e, pouco a pouco, os outros ingredientes. A farinha e a maizena, que devem ser peneiradas juntas, são adicionadas no fim, juntamente com as claras batidas em neve. Assa-se em fôrma prèviamente untada com manteiga e polvilhada com açúcar, em fôrno moderado. Depois de assado, deixa-se esfriar, retira-se da fôrma e corta-se pelo meio, onde se coloca uma camada do seguinte creme:

30 *gramas de manteiga,* 2 *gemas,* 1 *colher de chá de maizena,* 30 *gramas de açúcar,* 1 *colher de sopa de baunilha,* 300 *gramas de leite ou nata.*

A maizena deve ser dissolvida e depois juntada aos outros ingredientes e tudo cozido de uma só vez. Despeja-se depois sôbre a manteiga, que deve ser batida prèviamente, e vai-se batendo devagarinho até esfriar. Coloca-se depois dentro do bôlo.

PUDIM DE LARANJAS

Para um copo de caldo de laranja empregam-se 12 ovos e ½ quilo de açúcar. Passa-se tudo três vêzes em peneira fina e cozinha-se em banho-maria. Uunta-se a fôrma com açúcar queimado.

TORTA DE AMÊNDOAS

125 gr de amêndoas, 125 gr de açúcar, 1 pitada de sal, 50 gr de farinha de batatas, 6 ovos, casca ralada de limão. Bate-se o açúcar com as gemas durante ½ hora, depois junta-se o sal e a casca de limão.

Mistura-se, alternadamente, a farinha, as amêndoas (entre estas algumas amargas) e as claras bem batidas. Enche-se com esta massa uma fôrma untada e leva-se ao forno médio, durante cinqüenta a sessenta minutos.

CREME PRALINE

Picam-se bem 25 gr de amendoas e tostam-se com 25 gr de açúcar. Tomam-se 100 gr de açúcar, 10 gr de maizena, 3 gemas e misturam-se com as amêndoas, fazendo-se um mingau com ½ litro de leite fervendo. Aplica-se o creme depois de frio.



Aspecto do belo stand da Casa Eletron na Exposição do IV Centenário de Vitória.

CASA ELETRON

de **Heitor Rocio de Souza**

RÁDIOS PHILIPS

Enceradeiras, eletrolas e material elétrico em geral

Vendas a prazo

VITÓRIA — Espírito Santo

FÁBRICA DE CHOCOLATES, BOMBONS, BALAS, CARAMELOS E PASTILHAS, MANTEIGA E MASSA DE CACAU.

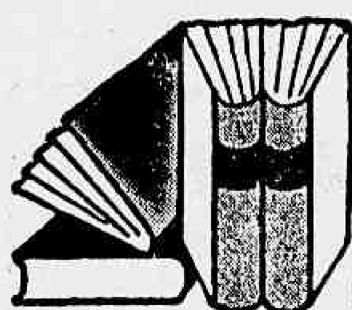


H. MEYERFREUND & Cia.

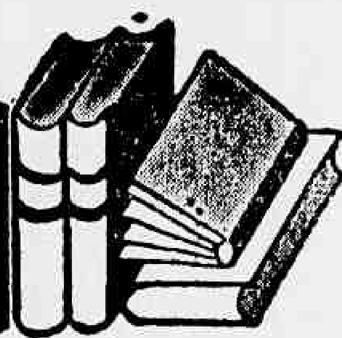
CAIXA POSTAL, 127 — VITÓRIA

Telefone — V. Velha, 12

End. Telegráfico: "GARÔTO - V. VELHA"



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



HILÁRIO ASCASUBI

HILÁRIO ASCASUBI, poeta, escritor e jornalista argentino, — "um gaúcho sin mas caudal que las bolas y el apero" — como o disse certa vez, vem hoje figurar neste ÁLBUM, tanto pelo seu incontestável merecimento, na família literária do mundo, como pela circunstância de ter sido últimamente lembrado em nossa imprensa, lembrado à distância, devido a uma crônica que Eloi Pontes escreveu de Paris para "O Globo", em que fala sôbre o salgueiro da tumba de Musset. Foi Ascasubi quem o plantou, cumprindo um voto do vate das "Noites". Não é certamente o salgueiro "criollo" de Ascasubi o que Eloi Pontes encontrou no Pére Lachaise. Ascasubi estêve em Paris há muitos anos, pois o poeta gaúcho morreu em 1875. Combativo, com o "pannache" gaúcho, Ascasubi era tanto um poeta, como um homem de ação, foi impressor em Salta, combateu no Uruguai e, em Ituzaingó, já é tenente. Com seu dinheiro arma um navio contra o ditador Rosas e satiriza Urquiza. E' depois dessas aventuras guerreiras, das quais saiu coronel, que vai a Paris, encantando Montmartre com sua musa chistosa, sorridente, picaresca, como se encontram nos versos de "Trovas Gaúchas". De Ascasubi, podemos dizer que foi, de maneira perfeita, um poeta-a serviço do povo. Daí o pouco espaço que lhe dão ao "gaúcho sin mas caudal", os historiadores literários, alguns reconhecendo-lhe o talento poético, mas achando sua linguagem bastarda. Foi êle que construiu o edifício do Teatro Colon, de Buenos Aires. Além do próprio nome, Hilário Ascasubi usou o pseudônimo de Jacinto Cielo, tendo criado personagens de gestas poéticas que representam muito do mais puro da poesia argentina, como Aniceto el Gallo, Santos Vega e Paulino Lucero. Hilário Ascasubi nasceu em Froile Muerto, Cordoba, a 24 de janeiro de 1807 e morreu em Buenos Aires, a 17 de novembro de 1875. (Des. de VASQUEZ).

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO



POUCAS VÊZES se têm reunido tantos poetas ruins num só recital de poesia. Há poucos dias a Juventude Universitária Católica realizou um festival beneficente, do qual participaram poetas que nos obrigam a perguntar: teria sido um festival de mediocridades?

★

ESTA CIRCULANDO mais um número da revista "Idéia", de Rio Claro, Estado de São Paulo.

★

FINALMENTE SAIU o livro de estréia do escritor paulista Hernani Donato. Trata-se do romance: "Filhos do Destino", que traz como subtítulo: "História do Café no Estado de São Paulo".

★

PATROCINADO PELO Instituto Brasileiro de Filosofia e pela Sociedade Goethiana de São Paulo, está sendo realizado, no Museu de Arte, um curso livre sôbre "A Filosofia Clássica Alemã", curso que está a cargo do professor Renato Cirell Czerna. O programa das aulas é o seguinte: 1) As origens da Filosofia Alemã. O fim da Idade-Média e a Mística. Nicolau de Cusa; 2) Reforma e Renascença. As doutrinas alquimísticas e mágicas. Paracelso. Jacob Boehme; 3) O Iluminismo Alemão, e a nova concepção da humanidade. Thomasius. Leibniz e o universalismo; 4) O Iluminismo Alemão. Wolf (1679-1754). Lessing (1729-1781); 5) A Geração do "Sturm und Drang". Herder e a filosofia da história; 6) Goethe. O classicismo e o romantismo. A universalidade goethiana; 7) Kant e o problema ético e religioso; 8) O Idealismo Alemão.

★

SERA HOMENAGEADO com um almôço, nos primeiros dias de novembro, o poeta Jamil Almansur Haddad, que recentemente publicou mais um livro de versos, intitulado: "Lua do Remorso". Essa homenagem foi organizada pelo Clube de Poesia de São Paulo, que já ofereceu um almôço ao poeta Edgard Braga, autor de um livro de "Odes".

★

E, POR FALAR em Edgard Braga, êste poeta anuncia para breve mais um livro de versos, agora, sob o título: "Reino-Perdido". Segundo consta, esta nova obra caracteriza-se pela unidade e pela precisão, o que colocará Edgard Braga entre os poetas de tendência teosófica, aqui no Brasil.

EDMUNDO LYS

Um sonêto de Emilio Moura

Amar, amar, sabendo muito embora
Que o horizonte se fecha e frio e lento
Volta de novo pela voz do vento
O próprio apêlo dirigido à aurora.

Amar, amar, sentindo entre o medonho
sôpro da morte e a vida, a nosso lado,
o tempo ausente, o espaço ilimitado,
E a paisagem sonhando um grande sonho.

Sêde da chama que ilumina a treva
que desce do alto, ninguém sabe de onde,
E arde nos olhos que não podem ver.

Sêde infinita, sêde que nos leva
Lá onde a vida quanto mais se esconde
Mais aumenta a vontade de viver.

Radclyffe Hall

NASCEU Radclyffe Hall, romancista e poetisa inglêsa, em Bournemouth, Hampshire, filha de Radclyffe Radclyffe Radclyffe-Hall, e foi batizada com o nome de Marguerite Radclyffe Hall. Educou-se no King's College, de Londres, e na Alemanha, começando sua carreira literária pela composição de versos, reunidos em quatro volumes de poesia. Algumas dessas poesias foram musicadas, especialmente "O Ceifador Cego", por Coningsby Clarke, e outras por Coleridge-Taylor, Liza Lehmann, Amy Woodforce-Finden, Mrs. George Batten, etc. Em 1924, Radclyffe Hall publicou dois romances, "O Embuste" e "A Lâmpada Votiva", êste último a primeira de suas obras de ficção a tratar da inversão sexual, que a autora levou três anos para escrever. William Heinemann, seu editor, havia lido alguns de seus contos e animou-a a enveredar pelo terreno mais sério do romance. A "Estirpe de Adão", de 1926, a história de um sensível dono de restaurante italiano, conquistou o Prêmio *Femina-Vie Heureuse*, e o *James Tait Black Memorial Boob*, daquele ano, e recebeu em 1930 a medalha de ouro da *Eichelbergher Humane Award*. Em 1928, contrariando conselhos amigos, Radclyffe Hall publicou "O Poço da Solidão", lançado recentemente no Brasil pela Livraria José Olímpio, em tradução de José Geraldo Vieira, romance longo e intensamente sutil, cujo tema é a ligação amorosa entre uma jovem e uma senhora mais velha. O livro, porém, desde logo caiu nas garras da censura britânica, e um magistrado londrino — Sir Charles Biron — declarou em sentença que, embora se tratasse de obra apresentada com dignidade e restrições, trazia em si um apêlo para o reconhecimento, por parte das "pessoas decentes", da existência das inversões sexuais, não sendo culpadas as criaturas que a êsse gênero de amor se entregavam. Sua severidade, aliás, foi mais longe, condenando o livro como obsceno e mandando que todos os seus exemplares fôssem destruídos. Nos Estados Unidos, John S. Sumner, da *Sociedade Americana Para a Supressão do Vício*, deu início a outro processo contra "O Poço da Solidão", mas foi derrotado pelos tribunais, que discordaram da sentença inglêsa. Radclyffe Hall, entretanto, não quis tirar partido dessa vitória e seus livros posteriores não abordam mais teses controvertidas. Escrever e praticar esportes, viajar e colecionar antiguidades de madeira, criar cachorros de raça e se dedicar a experiências de ordem psíquica, eis as atividades a que de preferência se dedicava a romancista inglêsa, que se torna conhecida do público brasileiro com um lirvo audacioso mas cheio de beleza e arte. Entre as suas obras principais destacaremos: "Poemas do passado e do presente", 1910; "Contos de três terras e outros poemas", 1913; "A Ilha esquecida", poemas, 1915; "O Embuste", romance, 1924; "A Lâmpada votiva", 1924; "A Estirpe de Adão", 1926; "O Poço da Solidão", 1928; "O Dono da Casa", 1932; "Miss Igilvy se descobre", contos, 1934; "A Sexta beatitude", 1936. Radclyffe Hall faleceu em Londres, há cêrca de quatro anos passados.



3.º CENTENÁRIO DE FÉNELON



A França e o mundo comemoraram êste ano (6 de agôsto) o tricentenário do nascimento de Fénelon. A propósito, cita-se que as grandes quimeras que nutriam seu espírito, fizeram dêle o primeiro pacifista sistemático. Foi êle quem lançou esta advertência: «Tôdas as guerras são guerras civis». Neste clichê, o retrato do arcebispo de Cambrai.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(JOTAGÊ)

De ingenuidade infinita, Manuel Bernardes consegue prender-nos a atenção, mercê do estilo fluente. Uma de suas verdades eternas: "Oh! trate cada um de ser por si bom, não se fiando em que vive em companhia de bons. Que importará ser um entre os bons, se não for um dos bons? (Pág. 141, "Os últimos fins do homem", reprodução fac-similada feita pela Revista de Portugal segundo a 1ª edição de 1728. Prefácio e notas do prof. Vieira de Almeida, Lisboa, 1946. Distribuição, no Brasil, da Livraria H. Antunes).

★

Impressionante a fôrça das convicções do general Klinger: a publicação do Boletim ortográfico O Sê Bê, órgão do Círculo Osbriano, demonstra o permanente entusiasmo com que aponta absurdos gráficos da língua de Camões e Castro Alves. O número 1, julho dêste ano, contêm 32 páginas dignas de meditação de brasileiros e portuguêses.

★

Médico da boa estirpe intelectual, Irineu Malagueta jamais abandona o encanto das letras... Elegantemente pensada e escrita sua conferência "Perfil de Joaquim Nabuco e Alguns aspectos de sua contribuição à medicina", publicada em Recife, em 1950, pelos admiradores de quem biografou Laennec. Disse o conferencista, com agudeza: "Joaquim Nabuco, no *Abolicionismo*, foi o precursor dêste médico do futuro: *o médico social*, isto é, o médico das populações, das comunidades nacionais" (Pág. 27)

★

Por falar de esculápio: excelente o folheto que, em 1949, o incansável Serviço Nacional de Educação Sanitária estampou sob o título de "Código de Deontologia Médica"

★

Pouco divulgado, conquanto repleto de observações admiráveis, é o livro de S. Gonçalves Lisboa "Shakespeare e a sua nacionalização. Foi publicado, em 1913, através da Livraria Clássica Editôra, da capital lusiada. Lembra o autor, página 14: "...mais de oitenta por cento dos 15.000 vocábulos empregados por Shakespeare são puramente germânicos"

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA: "SILÊNCIO E PALAVRA"

O saudoso Coelho Neto, naquela memorável sessão da Academia em que Graça Aranha lançou o "modernismo", teria bradado, com indignação, que êle era — "o último heleno..." Na realidade, Coelho Neto não previu as voltas que o mundo ia dar, nem contava que a geração seguinte à de 22, iria exatamente voltar... à Grécia! Parece, de fato que, passado o período heróico da revolução literária, os novos, escolhendo entre as ruinas, encontraram um mapa da Helade e resolveram ir para lá. Se entre tôdas as demolições que se fizeram no período heróico, a da forma foi a mais radical, acontece, talvez, por isso mesmo, que a reação dos novos poetas às heranças modernistas é mais vigorosa, também, no que se refere à técnica. De tôdas as lições daquele período êles só ficaram com a de Ronald de Carvalho, talvez o verdadeiro mestre dos novos de hoje. E ficaram com ela porque era a mais conservadora, a mais helênica: "Cria o teu ritmo livremente". Puseram nessa criação o seu grande objetivo. Mas, principalmente, da "Escrava que não era Isaura", de Mário de Andrade, e de tôdas as liberdades que a Escrava havia tomado. Era a repetição histórica de outras reações, sempre mais acentuadas naquele ponto mesmo em que fazia base a reforma anterior. Mas os novos levaram essa volta ao "helenismo" sem ocasos, é claro (mas às vêzes até com êles) a um excesso de pesquisa, a uma perfeita "tortura da forma", só falada, antes, entre os parnasianos. De onde poderemos até chamar à nova geração de poetas maiores de — "néo-parnasiana". Qualquer livro de versos, atualmente, nos leva a essa verificação e isto mesmo estamos vendo nesta obra de estréia do poeta Thiago de Melo, uma das mais significativas, como criação original, e das mais expressivas da moderna poesia brasileira. Desde o título, sentimos o "helenismo". Antes, desde a apresentação gráfica, em uma dessas famosas e raras "Edições Hipocampo", feitas à mão, pelo autor e por outro poeta, Geir de Campos, linda edição, diga-se, com um desenho original em "hors-texte". O título do livro, mesmo que não se leia o poema de onde foi tirado, já significa o alto conceito que o poeta faz das palavras — "são gritos, talvez lamentos, sons vazios de mensagens, fria mortalha estendida no cotidiano morto". Mais do que a criação livre do seu ritmo, o que Thiago de Mello procura criar, numa exacerbação helênica, muito atual, é a palavra, o vocábulo justo, um léxico poético pessoal, à la Valéry, talvez daí surgindo as influências que revela ter sofrido de Carlos Drummond, do seu prodigioso vocabulário renovado em cada verso, tão individual e expressivo. Não há abalos rítmicos aqui. Nesta poesia, além dela mesma, para além dela, existe o requinte da palavra que, já no título do livro, fôra posta como uma oposição do silêncio e que, portanto, tem de ser grande e rica de conteúdo, para ser poética, léxica e sintàticamente. Lírico, Thiago de Mello tem a noção efêmera da vida, mas cultiva a beleza e a emoção dêsse instante. Sua poesia não é indignada, revoltada, desesperada ou suicida. Fixa instantes eternos, trabalhando a matéria escassa da vida. Sua morte, muito constante nestes belos e altos poemas, de tanta harmonia e serenidade — constante como um tema universal da nova poesia, tantas vêzes no convívio da morte, da morte cotidiana, da morte mesma, sem transcendência, sem beleza — lhe parece, como nesse grande e sentido poema "Romance de Salatiel", um mister humilde, mas mister, "substância de nuvem, azulando a arquitetura do vazio". Embora possa haver uma certa ironia na sorte de Salatiel, "o outrora sonhador de galardões", essa ironia se compensa por uma consolação, com êsse não-ser de nuvem, inconsciente, porém belo. E essa beleza é que é o único e verdadeiro milagre da poesia: sua grandeza está em relação com essa revelação, tanto no caso de Salatiel, como em todos os outros casos

Edmundo Lys

Cinzas da Vida — Obra de estréia do poeta paulista Fernando Whitaker Tavares da Cunha, "Cinzas da Vida" aparece com tôdas as incertezas dos estreantes impacientes, que não querem esperar certa madureza de auto-crítica para serem editados. Lírico, o poeta se derrama com certo exagêro, com muita ingenuidade e, embora apresentando seus versos em formas arbitrárias, retorna aos velhos caminhos da inspiração e do romantismo em ais e gritos quase lancinantes. Com as deficiências das estréias, êste livro nos dá, também, os encantos dessa adolescência exuberante a que um satanismo vocabular não prejudica

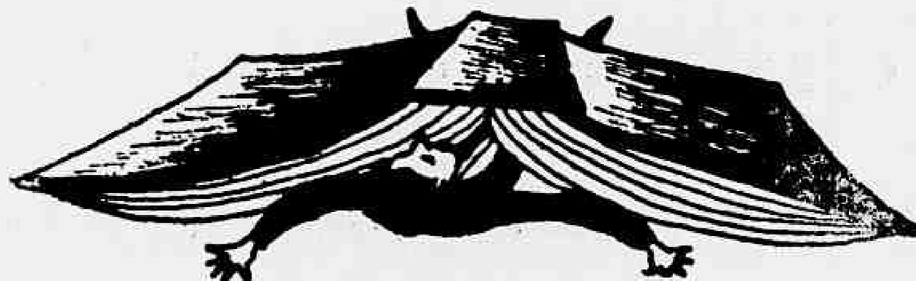
★

OUTROS LIVROS O teatro grego usava, diante da platéia, o arauto, para explicar as peças. Não é diferente o processo do teatro de Bernardo Shaw. Quando em livro, longo prefácio vem justificar o aparecimento de seus trabalhos. Não é que se duvidasse da clareza de seu teatro, ou fôsse ao ponto de diminuir tanto a inteligência dos leitores. Adotava o processo para dizer mais algumas ironias ou, se preferem, mais alguns desaforos. Tal é o caso, mais uma vez, de «Homem e super-homem», que a Melhoramentos acaba de publicar. A tradução é de Moacir Werneck de Castro, que procurou, criteriosamente, manter o que existe de realmente difícil numa versão: o espírito da obra. O volume é de mais de duzentas páginas. A peça não precisamos lembrar que se reveste das habituais características do saudoso dramaturgo.

•

Autor duma série agradável e instrutiva, «Caçando e pescando por todo o Brasil», Francisco de Barros Júnior tem viajado muito e muito observando. Raros os lugares de nossa Pátria que já não tenha visitado, não como simples turista apressado, mas como observador arguto. Agora, estreando na literatura infanto-juvenil, dá-nos «Três Garotos em férias no Rio Tietê», primeiro duma seqüência que abrangerá «Três garotos em férias no Rio Paraná», «Três garotos em férias no Rio Paraguai», «Três garotos em férias no Rio São Francisco». São como se vê, obras de alcance cultural e cívico, por isso que põem a adolescência a par das coisas mais curiosas e interessantes dos principais rios do Brasil, intimamente ligados à nossa História.

Sugestivas ilustrações de Osvaldo Storni enriquecem as páginas de «Três garotos em férias no Rio Tietê», livro que merece o entusiasmo dos círculos escolares e da juventude em geral. O trabalho gráfico é das Edições Melhoramentos.



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — QUE SIGNIFICA EM DIREITO, «HERANÇA JACENTE»:

A que passa para o Estado?
A de estrangeiros?
A de bens imóveis?

2 — QUE NOME SE DA A PESSOA DE NACIONALISMO EXAGERADO:

Democrata?
Jacobino?
Hipocondríaco?

3 — QUAL ERA O NOME DO PAVIO QUE SE ASCENDIA PARA EXPLODIR O CANHAO ANTIGO:

Morrão?
Escopeta?
Mordaça?

4 — UMA PESSOA MICROCÉFALA É:

A que tem a cabeça muito pequena?
A que tem os dentes para fora?
Ou o individuo canhoto?

5 — QUANTOS METROS MEDE UMA MILHA MARITIMA:

2.200?
1.852?
1.000

6 — QUE NOME SE DA A ERVA DANINHA QUE NASCE NAS SEARAS:

Maçapão?
Hipópode?
Macega?

7 — A PALAVRA «AMANTE» É:

Um gerúndio?
Participio presente?
Pretérito mais que perfeito?

8 — QUE QUER DIZER «FAVÔNIO»:

Comedor de favas?
Favo de mel?
Vento brando?

9 — UM SINÔNIMO DE «TRECHO LITERARIO»:

Excerto?
Deflação?
Elator?

10 — QUE SIGNIFICA UMA PESSOA «NÔMADE»:

Que não pára em lugar nenhum?
Individuo solitário?
Grande comilão?

11 — QUE NOME SE DA, EM GRAMATICA, AO PRONOME COLOCADO ANTES DO VERBO:

Tmese?
Próclise?
Metaplasmo?

12 — QUE SE ENTENDE POR UMA PESSOA «PRÓGNATA»:

Que sabe muito?
Que tem as maxilas proeminentes?
Ou a de pernas tortas?

13 — EM QUE PONTO DA CAPITAL FEDERAL DESAGUAVA O RIO CARIOCA:

No Leme?
Em São Cristóvão?
No Flamengo?

14 — QUE QUER DIZER SOFISMA:

Argumento intencionadamente falso?
Estudo da ciência antiga?
Arte de tecer algodão?

15 — QUAL O NOME QUE SE DA AO CARRO QUE CONDUZ CARVAO E AGUA ATRELADO AS LOCOMOTIVAS:

Urraca?
Pára-choque?
Tênder?

(Respostas na página 50)

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 25)

— Nunca encontrei ninguém que fizesse isso por mim, declara Mary, bastante comovida, à sua tia, quando esta veio desejar-lhe uma boa noite. Não era o hábito de mamãe. Susan Jenks vive sempre muito ocupada. Seria injusto obrigá-la a ficar de vigília. E eu sempre fui tão descuidada com os amanhos de aposento como se fôra um rapaz. Era Constance que cuidava assim de mim. Também mamãe.

— Eu adoro isso, diz tia Isabelle com fervor. Quando estou em casa da Frances, onde haja muitos criados, eu não posso fazer tais coisas. Grace e Frances têm suas criadas de quarto. Por minha vez não tenho que me ocupar de mais ninguém, o que me faz sentir-me muito só.

— Minha boa titia.

Mary pousa docemente seus lábios frescos na face da tia.

Eis por que motivo eu desejo tê-la ao meu lado.

Tia Isabelle fica absorvida, durante momentos, na contemplação do fogo.

— Há muitos anos que ninguém tem precisado de mim, diz ela, por fim.

Não havia nenhuma amargura em sua voz. Era como se ela constatasse apenas o fato. Não obstante, quando era jovem, tinha sido a beleza da família e a glória de um convidado.

— Tia Isabelle, diz subtamente Mary, será que é o casamento o único futuro de uma mulher? Seu único projeto?

— O único?

— Com relação à liberdade. Parece-me que uma mulher celibatária fica sempre na dependência de sua família. Por que não poderá ela fazer o que bem entende? Por que não posso eu fazer também o que me apraz? E por que não pôde a senhora viver a seu modo? Sei que não poderei alcançar essa liberdade de viver, sem lutar palmo a palmo.

As faces de tia Isabelle se ruborizaram um pouco.

— Eu sempre fui pobre, Mary.

— Mas isso não vem ao caso!

E ajunta com sinceridade!

— Há moças pobres que se libertam de tais preconceitos ou que aos mesmos se ligam por convenções sociais e tradições de família. Porque foi tia Isabelle, que quando eu aluguei as "Chambres de la Tour", não ofendi sòmente os vivos, e sim, também, os mortos? Eu imagino a fisionomia de mamãe, se tivéssemos tido tal idéia, quando ela ainda era viva e aqui morava. Entretanto nós tinhamos grande necessidade de dinheiro. Tinhamos precisão de dinheiro para ajudar o papai, para o salvar.

As últimas palavras dêsse desabafo não foram entendidas por tia Isabelle, tal o seu tom de murmúrio. Mary prosseguiu:

— E agora todo mundo só deseja que eu me case. Oh! tia Isabelle. Sente-se aqui e conversemos um pouco. Não estou com sono. E você?

A jovem puxa a tia para junto de si e a assenta a um canto do canapé que ficava face a face com o fogão.

— Todo mundo quer que eu me case, tia Isabelle, e esta noite eu tive que falar sinceramente a Porter.

— Você não gosta dêle?

— Não! Não tenho por êle nenhuma afeição de caráter amoroso. Mas, por vêzes tenho a impressão de que não terei possibilidades de escapar-lhe e que êle vai persistindo, persistindo tenazmente até que eu me renda aos seus desejos. Mas não é assim que espero ser tocada pelo amor. Não quero que o amor me venha desta maneira. Parece-me que, quando se ama não se passa nada disso. Não se tem motivo para forçar ninguém.

— Minha querida, é qualquer coisa de trágico, quando ela mesma deixa ver que está amando.

— Mas, por quê?

— Porque o homem tem o prazer da conquista. Quando êle percebe que há amor nos olhos de uma mulher, foge dêle, do homem, o amor que sentia por ela.

— Eu detestaria um homem que fôsse assim, exclama Mary com vivacidade e franqueza. Se um homem ama ùnicamente pelo prazer da conquista, que restará depois do casamento, quando a partida já foi ganha? Não, tia Isabelle! Quando eu cair de amôres, será por um homem que eu saiba que serei a única mulher para êle. Êle deverá amar-me por que eu sou eu mesma. Êle terá que reconhecer-me com o mesmo sentimento amoroso e sincero com que eu o reconheço, isto é, que eu sou a sua companheira predestinada!

(*Continua no próximo número*)

A IDÉIA ROUBADA

(Cont. da pág. 38)

tação. Não seria regra geral, certamente. Mas que êste era um exemplo convincente, era! e o bandido a fazer-se de rogado em dar uma idéia aos companheiros...

Que semana comprida! Segunda-feira, terça, quarta, quinta, sexta... Mas num encontro casual com Elvira, como o eram, aliás, os seus encontros com ela, nem chegou a dar-lhe a novidade, — ela já sabia.

— Então você está no concurso, hein?... Caladinho...

— Como você sabe?

— Ah! eu tenho cá a minha polícia secreta...

— Ora veja... e eu a querer fazer-lhe uma surprêsa!

— A mim?

— Claro...

— Oh! que gentileza... Mas como já não é mais surprêsa, quero desejar-lhe felicidade, de coração.

De coração! E lá se foi ela naquele bamboleio que atiçava os rapazes do bairro uns contra os outros. De coração! Ah! de coração ela iria ver na praça, no domingo...

Como custava a passar uma sexta-feira!

Mas o sábado chegou e consagrou Renato: o rádio premiou-o com o primeiro lugar no sensacional concurso. E êle passou a ser o homem do dia em todo o bairro! Não deu um passo pelo resto do sábado que não levasse um tapa amistoso nas costas e não ouvisse um "aí, hein?" de bôquinhas abatonadas e sorridentes.

Nada disso, porém, valia nada! — dizia êle consigo. Que era de Elvira? Não apareceu naquela noite. Sonhou com ela. E com que ansiedade esperou pela tardinha do grande domingo!

Tocou para a praça e reuniu-se aos companheiros que lhe fizeram nova manifestação. Começaram a circular pela alamêda externa do jardim. Quanta gente! E no entanto... nunca se vira a praça tão vazia!

Deram uma volta. Outra volta. Outra. Já era noitinha. E nada!

— Você a viu por aí? — perguntou a meia-voz a Hélio ao seu lado.

— Quem?

— Ora, quem! a Elvira!

— Ah, não. Ainda não.

Os rapazes falavam, riam, discutiam, diziam piadinhas para as garôtas que defrontavam, mas Renato não via nem ouvia nada.

— Será que logo hoje ela vai dar o bôlo?

— Hum?

— A Elvira...

— Que tem ela?

Renato replicou irritado:

— Ó Hélio! será que você está no mundo da lua?

— Quem, eu?

— Decerto!

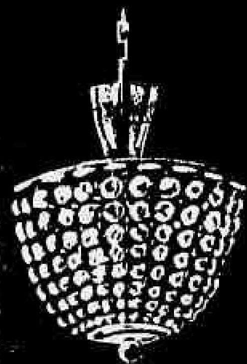
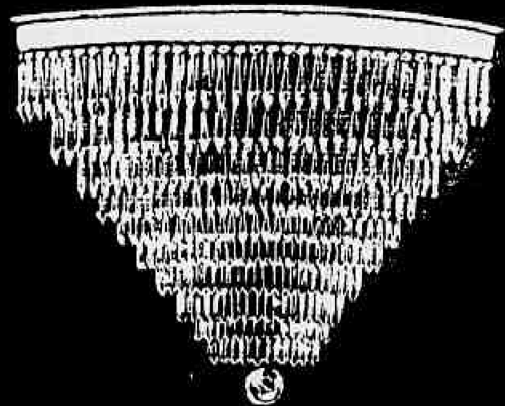
— Você é que está, ora esta! Parece bôbo aí atrás de um rabo de saia!

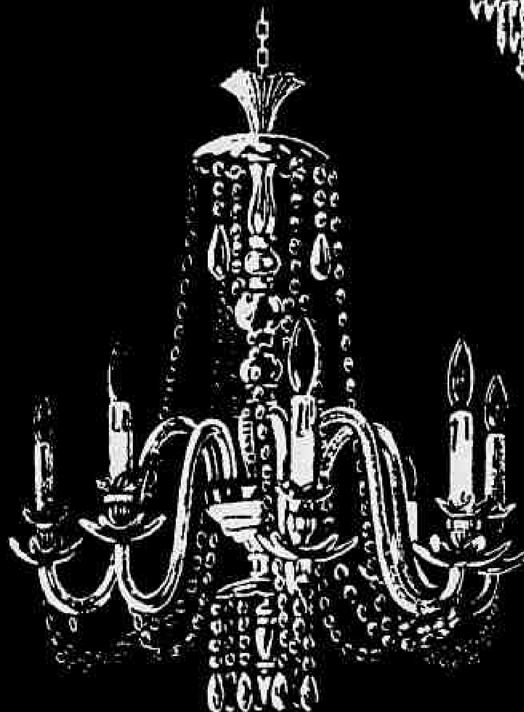
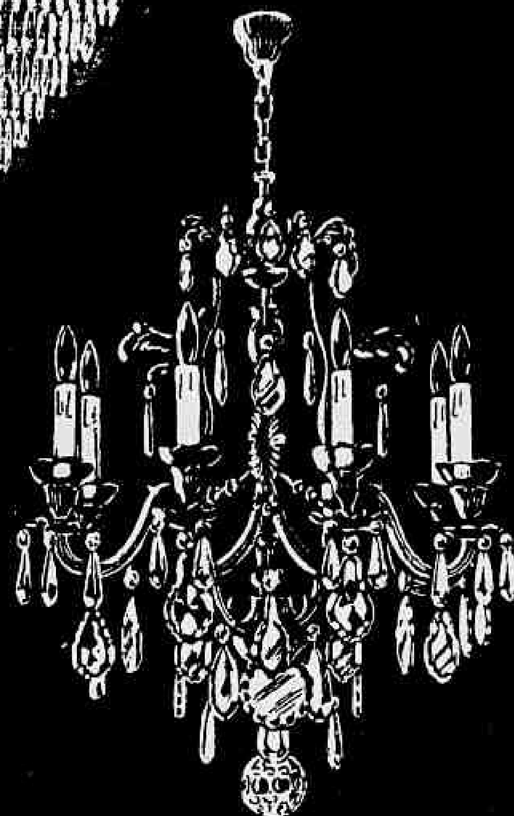
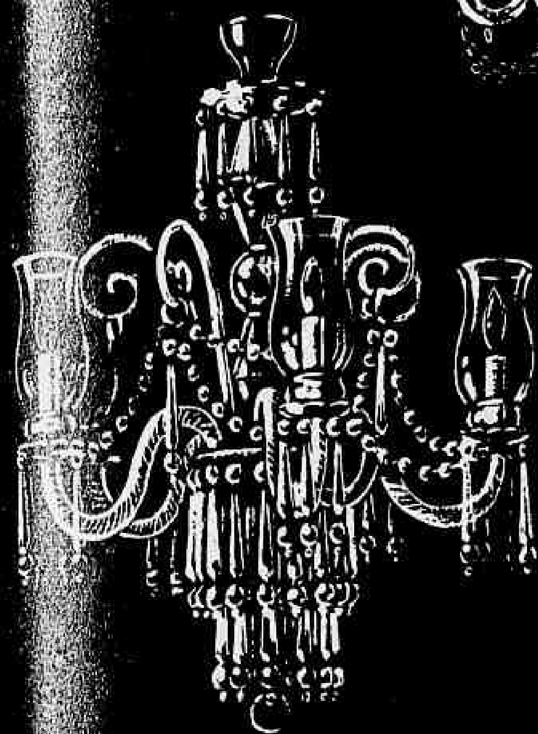
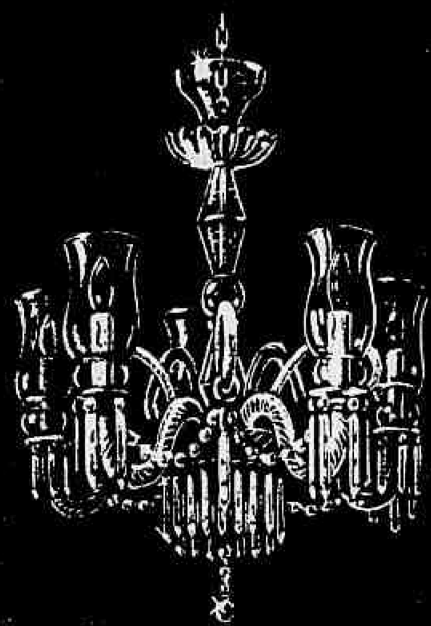
O outro caiu em si e concondou com o amigo.

De repente estremeceu: lá estava a Elvira!

— Não é ela? — pediu a Hélio que reparasse.

(*Continua na pág. 50*)

Lustres de Cristal

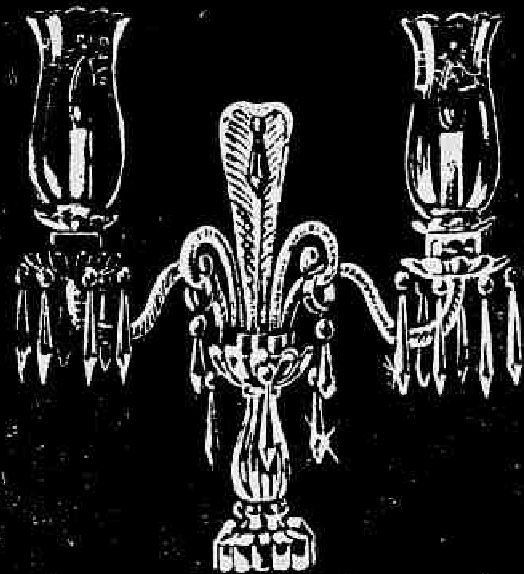
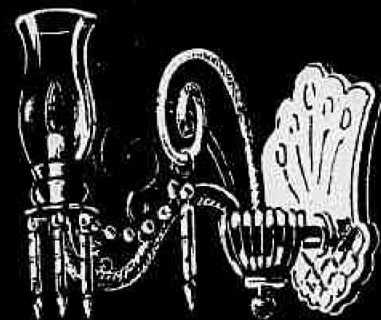
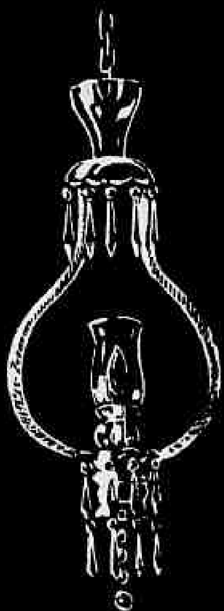
DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS
ESTRANGEIROS E NACIONAIS

•

MAGNÍFICA VARIEDADE DE
SERVIÇOS DE JANTAR CHÁ E
CAFÉ, FAQUEIROS E OBJETOS
DE ARTE PARA PRESENTES

•

RICA EXPOSIÇÃO DE CRISTAIS
E FINÍSSIMAS PORCELANAS


PRINCESA DOS CRISTAIS - CASA CRISTALINO

ASSEMBLÉIA. 90 E 7 DE SETEMBRO. 97 — URUGUAIANA. 35/37



RIO ESCONDIDO

UMA linda mulher tendo sôbre os ombros, bem desenhados, um chale típico das pessoas da classe média, vai a passos curtos mas céleres, em direção a um monumento de granito que se desenha no horizonte.

Aquêle colosso cinzento parece infundir, no semblante daquela mulher, um misto de mêdo e alegria: E' o palácio Presidencial do México.

Ela avança resoluta. Galga as escadarias e penetra num magestoso salão onde grupos esparsos se reunem em respeitosas palestras. Uma pesada porta se abre e por ela duas dezenas de jovens saem. São professôres que acabaram de ter uma entrevista com o supremo magistrado da Nação. A jovem recém-chegada é Rosaura, uma professôra que também viera de muito longe, mas chegara atrasada para a entrevista, seus colegas estão de saida. Aquela visita, ao Presidente, era para Rosaura, uma das maiores ambições de sua vida.

Que fazer agora, pois o oficial de Gabinete já chamara outro grupo. Resoluta dirige-se ao oficial de Gabinete e esplica que é professôra, fôra chamada, mas seu trem atrasara, precisava entrar. A resposta como sempre: já é tarde, a senhora perdeu sua vez. Sua Excelência recebe agora os médicos, depois os engenheiros, etc. Rosaura insiste, implora que seu nome seja anunciado.

Momentos depois a porta abre-se e de lá saem os médicos. Rosaura corre à porta, pois o Presidente mandara que ela entrasse. Na sua ância de avançar dá um encontrão num jovem médico, dr. Felipe. Ao levantá-la do chão Rosaura é reconhecida por um velho facultativo que a inqüire sôbre a missão que lhe será dada. Ela responde que está ali como todos êles para colaborar com o chefe da nação no seu programa patriótico de soerguimento da Pátria. Seu velho médico e ex-professor lhe aconselha que não aceite a missão, seria uma temeridade no seu precário estado de saúde que já lhe obrigara a abandonar o seu brilhante curso de química.

Eis Rosaura frente ao Presidente. Êste lhe entrega um documento, que contém a sua nomeação para uma missão das mais perigosas, e por isso mesmo, confiada a uma mulher, que precisaria de bondade, desprendimento, segurança de caráter e uma vontade férrea para bem cumprí-la.

Um deserto cujo chão está crestado pelo sol abrasador, onde poucas nuvens desenham figuras informes na planície. Lá no fundo, algumas elevações aparecem como descomunais molduras daquele quadro de desolação e silêncio, onde nada vive, senão um cacto aqui outro acolá. Tudo é morte naquele sorvedouro de vidas. As ossadas humanas e de animais, como sinistras moitas de marfim, atestam que o deserto pune com a morte àqueles que ousam afrontá-lo. Neste ambiente vamos encontrar, quase exangue, uma mulher que leva no coração um ideal e nas mãos uma pesada mala. Caminha sòzinha e sem testemunhas do seu sacrifício, como um duende projetando sombras no chão sáfaro. Essa mulher é Rosaura, que se dirige para a aldeia que tem o esquisito nome de Rio Escondido, localizada a milhares de quilômetros da civilização, habitada quase que exclusivamente por nativos. Logo adiante surge, no mesmo rumo, um outro viajante. Êste, mais feliz do que ela, traz como carregador de sua bagagem, um pequeno muar. Êste viajante é o dr. Felipe, o médico que tivera o incidente com Rosaura nos salões do palácio. O rapaz insiste para ajudá-la, mas ela, ainda que estenuada, recusa. Sua recusa é fruto de seu caráter independente. Há uma discussão entre os dois, mas tudo acaba bem. Seguem êles, juntos, o destino que lhes traçara o ideal de servir à Pátria. O médico vai para uma aldeia situada além de Rio Escondido. À entrada desta povoação os jovens despedem-se.

Ruas irregulares, casas fechadas e ausência de população. O quadro empresta um caráter estranho àquele lugar, mas Rosaura avança. Depara à sua frente com uma pequena praça, onde um grupo de homens bate frenéticas palmas em sinal de aprovação a um cavaleiro que, como um louco ou um embriagado, conduz um belíssimo animal de puro sangue em perigosas demonstrações. Rosaura nota que, atrás dos muros e entre as frestas das janelas das pobres choupanas, há gente medrosa que espreita aquelas cenas que aterrorizam. Selvagem, o cavaleiro fustiga o animal que, não resistindo, atira ao chão o seu algoz. Êste ao levantar-se empunha um pesado pedaço de madeira e começa surrar, com inominável mau instinto, o pobre cavalo prêso às rédeas. Num canto da praça, assiste ao espetáculo um velho tropeiro, homem dos seus setenta anos que, revoltado ante tanta selvageria, intervém. E' êle também covardemente espancado. Rosaura vai em socorro do setuagenário, sendo igualmente agredida pelo tremendo indivíduo, ante os olhos impassíveis dos homens que continuam aplaudindo. Passados os primeiros momentos de espanto, Rosaura procura avistar-se com o prefeito local, a quem entregará suas credenciais. E' informada de que a autoridade se acha em uma taberna da pior espécie, já embriagado. Mesmo assim, ela insiste em falar com o perigoso e debochado indivíduo, mas não é recebida, pois o prefeito é o mesmo cavaleiro que os homens aplaudiam momentos antes. Homem de poderes ilimitados na região, com direito de vida e de morte sôbre o povo. Sua supremacia vinha do fato de ser êle o único proprietário de terras onde havia nascentes de água, o supremo bem daquela gente. A água porém, estava localizada no subsolo de suas propriedades. Controlado por êle, o manancial subterrâneo era a fonte de sua riqueza e o veículo com o qual exercia os ditames do seu mau instinto. Rosaura não desanima, pro-



cura o prédio da escola onde se instalará em nome do Presidente da República. Mas para sua maior surprêsa, a escola fôra transformada em estrebaria.

Sem desanimar, Rosaura vai percorrer as ruas tortuosas da aldeia e encontra duas crianças que choram à porta de uma miserável tapera. Querendo acalmar as crianças, que não falam, vai ao interior da casa suja e abandonada. No chão está um cadáver. Era a mãe daqueles sêres inocentes que fôra vitimada pela peste. Rosaura corre a procurar o tropeiro e lhe pede que vá à localidade vizinha e peça socorro urgente ao médico: «diga-lhe que venha, trazendo vacinas para todos». Em seguida, num arroubo de energia e ação, consegue comunicar ao prefeito que vacinará o povoado inteiro, para salvá-lo da terrível epidemia. O desalmado homem público, que atende pelo nome de Don Regino, manda queimar o cadáver da índia e arrastá-lo, envôlto em esteiras, pelas ruas, num flagrante desrespeito à dignidade humana, e depois declara que a aldeia não se vacinará. A peste, entretanto, continua fazendo vítimas e se alastra assustadoramente, mas o homem não permite qualquer providência. A doença não faz discriminação e êle é acometido do mal. Desesperado, manda chamar o médico. Êste, ao chegar, impõe condições para socorrê-lo: A escola deverá ser entregue à professôra e permitido que ela recrute os alunos; a vacinação deverá ser imediatamente ordenada. Era preciso concordar, porque a morte o estava espreitando. Don Regino manda então seus assecias reunir o povo, mas êste, arredio e medroso, mesmo caçado a tiros, não quer obedecer. Lembra-se Rosaura dos sentimentos religiosos daquela gente, que sofre silenciosa, e recorre ao cura para que êle dobre os sinos num toque de reunir. O sacredote, que era um homem bondoso, que lutara vãmente contra os desatinos do prefeito, concorda. A providência surte efeito. O povo acode à voz do sino e vem para a praça.

E L E N C O :

Rosaura	MARIA FELIX
Dr. Felipe	FERNANDO FERNANDEZ
Don Regino	CARLOS LOPES MOUCTEZUMA
Mercedes	COLUMBA DOMINGUES
Sacerdote	DOMINGOS SOLER

Agustin Isunza — Manuel Donde — Eduardo Arozomera — Arturo Soto Rangel — Juan Garcia — Roberto Cañedo — Sérgio Arroyo — Carlos Muzquiz — Guillermo Cramer — Beatriz German (menina) e Jaime Jimenez (menino).

Argumento original de Emilio Fernandez — Adaptação de Mauricio Magdaleno — Músicas de Francisco Dominguez e Côro Madrigalistas — Regência de Luís Sandi — Gravuras de Diego de Rivera e Leopoldo Mendes — Fotografia de Gabriel Figueroa — Direção de Emilio Fernandez — Produção: Raul de Anda — Distribuição: Pelmex.

A população fôra salva, tinha escola. Os horrores, porém, ainda se escondiam no sorriso sarcástico de Don Regino, que agora, apaixonado, assediava a linda professôra, desejando fazê-la sua amante. Um dia, com boas maneiras e parecendo querer cooperar, convida-a para uma visita à sua casa. Ela aceita. E' uma residência luxuosa e confortável, contrastando brutalmente com as casas onde vegetava e morria o povo. Durante a visita recebe a cínica proposta para morar ali, pois êle estava apaixonado e desejava-a. Repelido enèrgicamente, o medonho individuo procura às tavernas, arquitetando planos. Em seguida, manda que seus assecias levem e assassinem a sua antiga companheira, Mercedes, uma antiga professôra que êle vencera e reduzira a um farrapo de gente. A sêca aproxima-se com sua messe de desolação e a aldeia fica inteiramente desprovida de água. Era a vez do monstro! Êle banhava-se em longos banhos de chuveiro, enquanto o povo morria de insolação, em longas filas, à espera que as bicas públicas pingassem uma gota de água. Na escola surgem os alunos como pequenos embriagados; cambaleando, êles declaram que o povo bebe álcool para minorar a sêde. Rosaura vai pedir água para o povo, mas tudo é negado. Só haverá água se ela se entregar ao bestial proprietário do precioso líquido.

O povo se desespera. Um indiozinho esperto, menino de seus dez anos, aluno de Rosaura, deliberou roubar alguns litros dágua. Pressentido, recebe um tiro do próprio prefeito. Era o estopim. O pequeno cadáver é levado a um barracão para o velório, que deveria seguir os preceitos e costumes dos índios. Don Regino reune os seus homens e decide impedir que o cadáver seja velado, tentando fazer o entêrro imediatamente.

Rosaura, com auxilio do povo, impede que seja levado avante mais êsse capricho do prefeito. Os homens válidos do lugar já estão vendo, naquela frágil mulher, um chefe que os levará a livrar-se do jugo a que até agora estiveram sujeitos.

Na noite seguinte ao do entêrro, Don Regino resolve reunir novamente os seus homens para dar a ultima cartada. Com êles como capangas, êle penetra sòzinho no quarto de Rosaura, esperando com êsse gesto de violência torná-la sua amante. Lá dentro dois tiros são disparados. Cá fora reboam os estampidos. De repente, surge cambaleante à porta o prefeito. Atrás de si vem, completamente transformada, a linda professôra. Em sua mão há um revólver e êle está disparando tôda a sua carga. Momentos depois exala o último suspiro o terror da região. Rosaura cumprira a sua missão. Salvara um povo da morte, dera-lhe escolas e, sobretudo, a noção de dever e de direitos. O choque fôra muito forte, pois o povo a seu turno executara tôda a malta de malfeitores. Rosaura adoece gravemente e guarda o leito enquanto manda chamar o médico. Êste, ao chegar, é solicitado a escrever uma carta que ela dita. A carta é para o Presidente da República, dando conta de sua missão e relatando os acontecimentos. Êste documento é ditado com as últimas fôrças que lhe restam. Depois ela cai numa prostação só despertada dias depois, quando chega o despacho do chefe da Nação, que agradece, em nome da Pátria, a quem tão bem soube cumprir o seu dever. O médico está lendo aquela verdadeira consagração à mulher que estirpara um cancro social e politico que manchava aquela região, mas... Rosaura já não ouve. A morte a surpreendera no momento preciso em que a recompensa chegava.





CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Formula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillage e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessa pelo reembôlso
A venda nas boas Farmácias



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A IDÉIA ROUBADA

(Cont. da pág. 46)

— Parece. Deixa essa gente sair da frente.

— E' ela sim! — concluiu Renato nervosamente. E vem no mesmo sentido nosso, vamos virar.

Os companheiros acederam e passaram a fazer a volta em sentido contrário a fim de facilitar o encontro com o grupinho visado: duas moças acompanhavam Elvira, e ao lado dela...

— Repare, Hélio...

— O que?

— Não tem um sujeito com ela?

— Parece o que, sió! olha lá!

Renato empalideceu. Atropelou alguém à sua frente, desculpou-se, esticou o pescoço...

— E' o Eduardo! — exclamou antes dêle o Hélio.

— O Edu...

Não concluiu o nome.

— E' êle sim! — confirmou Hélio. E já nos viram.

De fato o grupinho aproximou-se dos rapazes expandindo sorrisos, com Elvira adiantando-se na direção de Renato com a mão estendida:

— Parabens, Renato! — disse ela. Que maravilha! Como você se saiu bem no concurso! Gostei de vêr!

Apertou-lhe a mão, esmagando-o com outras efusivas expressões de solidariedade pelo seu êxito.

— Que, bonito, sim senhor! Admirei a sua perspicácia, Renato: você soube anular os artifícios que se costumam usar nessas circunstâncias, e formulou uma resposta simples e natural que demonstrou bem o seu poder de observação do carácter feminino...

Eduardo reclamou a sua vez de saudar o amigo, pois não o vira depois do resultado do concurso. Tomou-lhe a mão e batendo-lhe com a outra de leve no ombro disse-lhe:

— Então, velhinho? Valeu ou não a pena? E você dizia que quem estava escondendo jôgo era eu...

— Ah, êle dizia isso? — interveiu Elvira. Bem êle me deu a entender que iria fazer uma surprêsa...

E Renato pregado ao solo. Bambo. O rosto em braza.

— Pois olha, — insistiu a moça: você pode se orgulhar de haver acertado em cheio! Qual das garôtas do bairro, não tem o seu "caso sério" como você o descreveu? Foi muito feliz a sua resposta, Renato.

Eduardo assentiu com um gesto cômico e agradeceu "a parte que lhe tocava" nas observações de Elvira. E riu com ela. Como ria, Hélio, riam os companheiros, as moças, o povo do jardim. Só êle, Renato, careteava à guisa de sorriso, tartamudeante, tonto, como se mastigasse goma-arábica.

— Pois é, Renato: mais uma vez dou-lhe os meus sinceros parabens!

A moça buscou-lhe a mão fria e apertou-a amistosamente, enquanto repetia as palavras de solidariedade para com o grande exito da sua feliz intervenção no concurso radiofônico do dia. Sentia não poder conversar mais...

— Temos que pegar a sessão das oito — concluiu Elvira. Dizem que aquela fita é ótima, vocês não vão vêr?...

E arrastando Eduardo pelo braço:

— Vamos, querido, que já está quase na hora!

Respostas ao Teste

1—A que passa para o Estado
2—Jacobino
3—Morrão
4—A que tem a cabeça muito pequena
5—1.852
6—Macega
7—Particípio presente
8—Vento brando
9—Excerto
10—Que não pára em lugar nenhum
11—Próclise
12—Que tem as maxilas proeminentes
13—No Flamengo
14—Argumento intencionalmente falso
15—Tênder.

ADEMAR INAUGUROU

(Cont. da pág. 14)

Novos passos foram dados e a Prefeitura cedeu o Trianon Paulista, que passou por ampla reforma. Perdeu seus traços clássicos, suas pergolas e areas, sendo transformado em uma obra extremamente funcional.

INICIO DOS TRABALHOS

Antes mesmo de terminada a reforma do edifício, começaram a chegar as obras dos participantes estrangeiros. Operários, críticos e comissários alieligenas trabalhavam, ombro a ombro, para cumprir o programa de organização.

A Alfândega de Santos, a fim de facilitar a fiscalização das obras vindas de além mar, instalou um departamento de fiscalização, dentro do Trianon.

Tudo foi facilitado e o govêrno e os particulares, colaboraram cem por cento para o êxito da realização. Assim, em apenas seis meses, reformou-se o Trianon, onde foram julgadas, catalogadas e expostas as duas mil obras.

Logo no dia imediato ao da inauguração, a Bienal recebeu a visita de mais de duas mil pessoas. Porém, se você pretende conhecê-la e não é de S. Paulo será bom passar uns oito dias aqui. Isso porque parando apenas um minuto em frente de cada obra gastará 33 horas. E olhe que não dá para ver bem...

O FESTIVAL DE CINEMA

Em novembro, constando também do programa da Bienal, terá lugar o Festival de Cinema, ao qual estão inscritos inúmeros países estrangeiros.

Êsse festival contará divulgado oportunamente.

No momento, está sendo providenciada a instalação da Sala de Cerâmica e o julgamento da exposição Internacional de Arquitetura.

OS PREMIADOS

Reunido na seda de 1ª Bienal do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, à Avenida Paulista, o Juri de Premiação, constituido pelos srs. Emile Langui (Bélgica), Eric Newton (Inglaterra), Jan Van As (Holanda), Jacques Lassaigne (França), Jorge Romero Brest (Argentina), Marco Valsecchi (Itália), René d'Harnancourt (Estados Unidos), Wolfang Pfeiffer (Alemanha), Sergio Milliet e Tomás Santa Rosa Jr. (Brasil), e sob a presidência do sr. Lourival Gomes Machado, antes da atribuição dos prêmios conferidos aos artistas que concorreram a êsse certame, votou a seguinte declaração:

Declaração do Juri — "O Juri Internacional da 1ª Bienal saúda os grandes mestres estrangeiros e brasileiros, cuja generosa participação tão largamente contribuiu para o sucesso da primeira exposição Bienal de São Paulo. Espera que nas exposições seguintes se continue a prestar essa homenagem àquêles que são os pioneiros da arte moderna. Na distribuição dos prêmios o Juri esforçou-se por consagrar esforços novos e sinceros".

Os prêmios foram distribuidos como segue:

Pintura — Estrangeiros — Cr$ .... 1000.000,00: Roger Chastel, França "Os namorados num café"; Cr$ 50.000,00: Alberto Magnelli, Itália, "Avec mesure"; Cr$ 30.000,00: Willi Baumeister, Alemanha, "Gesto cósmico"; e Cr$ 25.000,00: Sdeouard Pignon, França, "Consertando rêdes". — Pintura — Nacionais — Cr$ 100.000,00: Danilo di Prete, "Limões"; Cr$ 50.000,00: Maria Leontina Franco Dacosta, "Natureza morta": Cr$ 30.000,00: Tarsila do Amaral,

Correio da Revista

M. L. L. — *Blumenau* — Não pôde passar o seu "Sonho realizado". O estilo estava muito infantil.

F. S. — *Cascalho Rico* — *M. Gerais* — Não foi aproveitado o seu "Um impostor desmascarado". Falta conteudo de conto literário.

O. D. B. — *S. Paulo* — O português comprometeu o seu conto, "As tábuas de S. Moysés". Além disso, o estilo está muito enfadonho.

Romeu Menezes Cabral — *Andradina* — "A Moeda" está aprovado e já foi entregue aos ilustradores.

Arabela F. G. de Souza — *Rio* — Muito curtinho o seu "O casaquinho inacabado". Mande-nos outros dentro das proporções do nosso regulamento.

Edgar de S. Machado — *Maceió* — Aprovado o seu "Amai-vos uns aos outros". Quanto a assinaturas desta REVISTA com porte aéreo e registrado, é impraticável, pois sairá, cada exemplar, por doze cruzeiros, fora o prêço da assinatura! O jeito é mesmo o Correio comum.

Waldemar I. Fernandes — *Piracicaba* — Vamos examinar o seu "Papéis trocados". Aguarde. "Infância" já foi publicado.

Maria Arguimbau Pibernat — *Livramento R. G. do Sul* — A REVISTA continua a publicar os cantos a que a senhora se refere. Queira mandá-los, para a respectiva apreciação.

Elias Miguel Raide — *S. Paulo* — Seu conto "Cidade" está conosco, mas não foi julgado ainda.

Edgar S. Machado — *Maceió* — Foi aprovado "O pacote azul".

L. F. B. — *Rio* — "A Última Carta" não passou pelo crivo dos julgadores.

O QUE TÔDAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras. Elas são o espelho de sua saude. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o Nº 1 ou o nº 2. O Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas conseqüências. O Nº 2 só se aplica nos casos de falta de regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas conseqüências. O Regulador Xaxier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

Arnaldo B. Marchetti — Rio — "O céu mandou-me esta mulher" foi aprovado.

Osmar G. Pereira — *Rio* — Seu conto "O Encontro" está aprovado.

O. Gomes de Castro — *Rio* — Foi aprovado "Jojoca, o Sargentão".

Walter Browne Maia — *Pôrto Alegre* — "Os inacabados" passaram.

Téo Duarte — *Pádua. E. do Rio* — Muito bons os seus pensamentos filosóficos. Deixamos de publicá-los porque não temos espaço para êsse gênero de literatura. Se quiser tentar o conto, mande-nos, que receberemos com tôda a consideração.

Augusto T. Thompson — *Rio* — "Fracasso" está com os julgadores. E queira Deus que o nome não influa nos juizes...

Hugo Esperon — *Rio* — Não póde ser aceito o seu conto. O tema não se adapta a esta REVISTA.

Ramon Crusoé — *Rio* — "Maravilhosa Cidade" está com os ilustradores.

Alvacyr Duarte — *Natal* — Seu conto "Uma idéia fixa" ainda não foi julgado. A remuneração do anterior, "Seu Isaac do Bazar Monte Líbano", já foi autorizado por órdem de pagamento contra nossos representantes aí. O outro conto, "Berenice", vamos ver o que há com êle.

J. M. Barcala — Pôrto Alegre — R.G.S. — Estão em nosso poder seus contos: "Os endiabrados Mills", "Astucia de Mulher", "Raconto sentimental" e "O chapéu de Anita", ainda não julgados. Quanto à remuneração de seus trabalhos publicados em agôsto e outubro (nors. 34 e 41), já autorizamos nossos correspondentes aí a lhe fazerem o pagamento. Lembramos que a matéria de sua autoria, saída em o número 42, foi continuação do anterior.

E. C. — *Inhaúma* — *Minas Gerais* — Seu conto "Os olhos de Margarida" não foi aprovado. Quanto ao outro, "O Suicídio", ainda não foi julgado. Aguarde.

"EFCB"; Cr$ 25.000,00: Heitor dos Prazeres, "Moenda"; Cr$ 10.000,00: Ivan Ferreira Selpa, "Formas", — Escultura — Estrangeiros — Cr$ 100.000,00: Max Bill, "Unidade Tripartite"; Cr$ 50.000,00: T. Rosrzack, Estados Unidos, "A jovem furia"; Cr$ 30.000,00: Germaine Richier, França, "A Floresta"; e Cr$ 10.000,00: Luciano Minguzzi, Itália, "O gato persa". — Escultura — Nacionais — Cr$ 100.000,00: Victor Brecheret, "Indio e a suaçuapara"; C$ 50.000,00: Bruno Giorgi, "Figura"; e Cr$ 10.000,00: Mario Cravo Jr., "Briga de galos". — Gravura — Estrangeiros — Cr$ 30.000,00: Giusepe Viviani, Itália; Cr$ .. 10.000,00: Prunella Clough, Grã-Bretanha; Cr$ 5.000,00: Robert Adoms, Grã-Bretanha; e Cr$ 5.000,00: Arnoldo Giarrocchi, Itália. — Gravura — Nacionais — Cr$ 30.000,00: Oswaldo Goeldi; Cr$ 5.000,00: Marcelo Grasman; e Cr$ 5.000,00: Geraldo de Barros. — Desenho — Estrangeiros — Cr$ .. 10.000,00: Renzo Vespignani, Itália; e Cr$ 5.000,00: Hans Uhlmman, Alemanha. — Desenho — Nacionais — Cr$ 20.000,00: Aldemir Martins.

O Juri de Premiação decidiu não atribuir os outros dois prêmios nacionais de desenho.

Prêmios especiais — Foram ainda atribuidos mais os seguintes prêmios especiais: Cr$ 30.000,00: Pericle Fazzini, Itália, "Mulher sentada"; Cr$ 30.000,00; Renata Birolli, Itália, "Moça à janela"; e Afro, Itália. "O terceiro disparo da bateria" (de valor a ser anunciado).

Prêmios aos japonêses — Os prêmios oferecidos pelo japonêses de São Paulo, para artistas da representação vinda de seu país, foram divididos entre os artistas Tetsuro Komai e Kiyoshi Saito.

Prêmios aos portuguêses — Os prêmios instituidos pelos portuguêses residentes em São Paulo e no Rio foram atribuidos aos artistas Júlio Rezende e Carlos Botelho.

Prêmios Cit — Os prêmios Cit, consistentes em duas passagens de ida e volta, São Paulo Roma e Roma-São Paulo, foram atribuidos, o primeiro ao escultor brasileiro Caciporé Torres e o segundo ao pintor italiano Emilio Vedova.

ABEL APAROU UM. . .

(Cont. da pág. 54)

Parece até que os anjos do céu viram a garôta cair e inspiraram o movimento de socorro. Parece que o tempo deteve a sua marcha, para que as mãos sustentadoras pudessem colhêr o frágil corpo a despencar-se... E nesse momento, lá, na divina mansão, deve ter sorrido o Mestre suavíssimo que pronunciou as palavras inesquecíveis do Evangelho: "Deixai vir a mim as criancinhas"...

Os desencantados, os céticos, dirão, com certeza, que tudo foi obra de sorte, capricho venturoso do acaso... Mas, ainda assim, é grato ver que a vida afastou o perigo que ameaçava uma vida nova... Se foi o destino, graças ao céu, porque o destino soube ser bom, pelo menos desta vez...

E quantas vêzes êle tem sido mau com as próprias crianças do Rio! Recordo a menina Eduarda, que um automóvel espedaçou, à porta da sua escola... Relembro a garotinha do Leblon, que brincava na calçada e que ali mesmo foi atingida por outro carro... Porque falei a seu respeito, numa crônica, o pai inconsolável de Neuza veio mostrar-me alguns dos seus bonecos, os seus cadernos de aluna primária, o seu retratinho de primeira comunhão... E agora, como para compensar a dor causada por outros motoristas, foi um *chauffeur* que salvou uma menina.

Homem pobre, não quis gratificação pelo seu gesto.

Homem simples, não fêz estardalhaço de publicidade com a sua proeza...

Disse, com admirável modéstia, que já lhe bastava, como recompensa, a alegria de haver amparado uma vida... Guardemos o nome dêsse mensageiro da Providência: *Abel Lima* — um grande homem, por ter protegido um ente pequenino..."

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sobre os contos selecionados e os considerados não publicaveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no minimo quatro folhas dactilografadas, tipo oficio, em espaço dois, e, no maximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na pagina final do mesmo. No caso de usarem pseudonimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As caracteristicas dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humoristico e pitoresco da narrativa, qualidades literarias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhavel desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O genero tem caracteristicas proprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS
Preferidos no Brasil
BANGÚ
Grande sucesso em Buenos Aires
EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

TUDO ISTO



UMA CENA DE RUA **numa esquina da destruida cidade de Seul, capital da Coréia do Sul. Duas mulheres, depois de acesa discussão se engalfinharam e a mais moça derrubou a outra que se vê chorando. Tudo porque constara que ela colaborara com os comunistas. Mas a mesma que a derrubou por terra, procura acalmar a adversária, como que se apiedando da situação. Foi preciso que a polícia viesse apartar as contendoras e afastasse os curiosos que, em grande número, já se acercavam do duelo entre as duas mulheres. Tais cenas são comuns em nações que se vêem invadidas por exércitos antagônicos. E a Coréia está também assim.**

Educação esportiva



O caso parece ficção, qualquer história inventada por literatos que exploram assuntos de futebol; mas não é, leitor. O fato é verídico e muito recomenda o seu principal autor. Como todos sabemos o futebol é, entre nós, um esporte que não admite certas delicadezas. Embora seja proibido o jôgo bruto, a falta de lealdade, quase sempre os jogadores se deixam levar pelos excessos de entusiasmo estimulados pela torcida. Os fatos de indisciplina em campo são aos montes. Pontapé aqui, calço acolá, bofetão, palavrões, enfim uma série interminável de "gentilezas" entre inimigos dentro das canchas, é coisa vulgar e até apreciada pela assistência... Mas, quando o juiz procura punir os faltosos, ninguém espere que ... sem. O que se **vê é a reprodução** dos protestos entre aplausos da assistência aos seus ídolos ... contra o desgraçado juiz, que passa a receber as maiores injúrias. Pois fique sabendo o leitor que acaba de suceder êste fenômeno no Rio de Janeiro em outubro de 1951: tendo sido punido com um "penalty" o goleiro do Madureira, Irezê, por ter empurrado o jogador Hermes, rival em campo, a torcida do Madureira encheu o juiz Tijolo dos mais acres impropérios vaiando-o estrondosamente. Mas Tijolo consultou Irezê se, em verdade, cometera a falta, tendo o goleiro do tricolor suburbano afirmado que sim, e purrara Hermes, do Flamengo, na confusão do "corner". Tijolo abraçou Irezê pela sua lealdade e, só aí a torcida reconheceu a justeza da penalidade. Que belo "goal" moral marcou o "keeper"!

Balanças viciadas



QUANDO o poder público procura amenizar a situação do povo, intervindo nos preços de artigos que são a base da alimentação das massas, não tem que lutar apenas com a fiscalização sôbre o tabelamento nas casas comerciais e nas feiras-livres. E' preciso ir a um dos setores mais perigosos contra a economia popular: as balanças. Como sabemos, é muito fácil adulterar êsses engenhos de pesar... em favor do dono. O freguês compra, aceita como exato o pêso, mas, se possui balança em casa, nem sempre sucede que o quilo do vendeiro é igual ao seu. Dá sempre menos, e essa diferença chega, às vêzes, a mais de cem gramas. Para corrigir tais abusos o Instituto Nacional de Tecnologia designou uma turma de aferidores de pesos, com o fim de pegar em flagrante os negociantes desonestos. O Serviço de Aferição de Balanças se pôs em campo, em fins de outubro último e entrou em ação nas feiras-livres. Nos primeiros dias foram conferidas 250 balanças, e examinados mais de 1.300 pesos. Das 250 balanças, 90 foram consideradas defeituosas e mandadas para oficinas para posterior aferição. Mas 33 estavam com uns chumbinhos comprometedores sob os "pratos", para a respectiva fraude. E os famosos "dinamómetros"? Estavam de tal maneira viciados, que são agora proibidos! Um belo serviço de defesa do povo, êsse do Serviço de Aferição de Balanças; mas não basta fazer-se o mesmo uma vez por ano. Entre um dia e uma noite, muita idéia "genial" vai à cabeça dos malandros...

Um bom tema

MUITA gente anda atrás de temas para escrever peças teatrais, cinematográficas, de revistas, etc. Mas agora mesmo, aí pelo dia 15 de outubro último, passou-se uma cena em S. Paulo que bem merece a atenção dos nossos escritores e argumentistas. A grande atriz Cacilda Becker, uma das maiores glórias do teatro brasileiro, foi à cidade de Santos e procurou hospedar-se num dos seus bons hotéis; mas na portaria informaram-na que ela não podia ficar ali. Mas... por quê? — perguntou a artista com um acento quase shakespeareano. E o cidadão que lhe barrava a entrada como hóspede no estabelecimento, explicou em duas palavras: "Não aceitamos artistas no hotel". Não sabemos o que houve depois, nem onde foi aboletar-se a famosa atriz. Apenas sabemos que o assunto chegou ao conhecimento da Assembléia Legislativa do Estado e que esta protestou, por intermédio de um dos seus membros, contra tal fato deprimente aos nossos foros de povo civilizado e sem... preconceitos. Também soubemos que o Sindicato dos Autores gritou, protestando contra tamanho absurdo. Muito bem. Mas, e fica nisso só? Por acaso os dois protestos irão reformar o regulamento do hotel que não aceita artistas em seus aposentos? Já há uma lei condenando discriminação racial e cominando pena aos infratores. E' o caso de incluir os artistas de teatro, de rádio, de circo na mesma lei, pois, dentro em pouco, a classe intelectual ficará debaixo das árvores, fazendo teatro da Natureza...

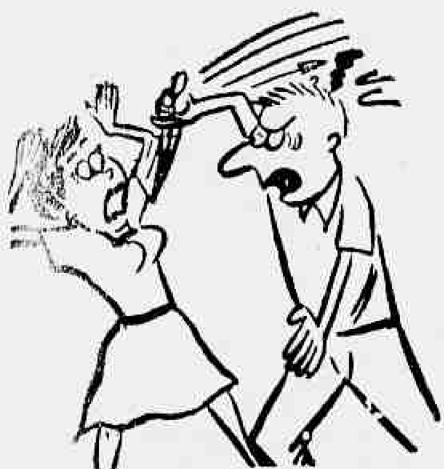




A ONZE DE SETEMBRO **último os jornais do Rio publicaram telegramas de correspondentes da Alemanha Ocidental, comunicando que um maquinista de uma estrada de ferro da Tchecoslováquia para a Alemanha Oriental, conseguira levar sua composição até à estação de Waldenau, Alemanha da zona americana, fugindo da ocupação comunista, e conduzindo a espôsa e os dois filhos. Os passageiros, alguns ficaram; outros, regressaram à Tchecoslováquia. Eis aqui o herói e a família.**

ACONTECEU

Noivado do sepulcro



SÃO PAULO, 1950. Felicio Mulfati de 17 anos, e Ruth Moriano de 1?. Conheceram-se, namoraram e ficaram noivos. A estação mais bela da vida é essa, a do noivado. Quantos castelos no ar! Quanto perfume nos sonhos! Os dois jovens resolveram casar-se em dezembro, quando êle já estaria com dezoito janeiros e ela com quinze, apenas. Duas crianças, quase. Mas a vida de hoje pede decisões muito cedo. E êles estavam certos de que tudo lhes correria idilicamente. Mas sucedeu uma desgraça ao rapaz. Seu pai faleceu e êle teve que despender suas economias destinadas ao matrimônio, no serviço funerário do genitor. Nada mais justo e humano. Entretanto, isso vinha atempar-lhe o consórcio. Não era possível ser em dezembro de 1951. Com certeza durante o decorrer do ano vindouro. Foi dar explicações à noiva. Ruth devia compreender bem a situação. Mas sucedeu o contrário: a moça não quis concordar com o caso e alegou que o motivo não era esse e sim a existência de uma outra mulher... E' indescritível o estado de indignação em que ficou Felicio. Êle não tinha nenhuma outra, pois sòmente a ela amava apaixonadamente. Mas Ruth não queria acreditar em suas palavras e persistia na sua suspeição. O rapaz perdeu a paciência, a serenidade, o sangue-frio e, sacando de um punhal, atravessou-lhe o coração matando-a. Em seguida, com a própria arma, suicidou-se e caiu sôbre o cadáver de Ruth, ainda tendo tido tempo de abraçar-se naquele último adeus para o além...

A manteiga derreteu



DE quando em quando certos produtos alimentícios desaparecem do mercado varejista do Rio. E todo mundo já sabe o que vai acontecer: voltará aumentado em preço. Com a manteiga isso é já coisa comum. Mas há certos aspectos pitorescos, o que serve para amenizar as desditas do povo. Como estamos sentindo, a manteiga desapareceu, mais uma vez. Há quem esteja vendendo o quilo a 60 cruzeiros, quando o preço legal é de 48. Muita gente se subordina ao preço do câmbio-negro; mas há, de quando em quando, uns que gritam e a coisa fica preta para os lados do negociante. Foi o que sucedeu com o Sr. Ubiratan da Silva Borges, residente em Olaria. Indo comprar manteiga no estabelecimento denominado Lacticínios Flamengo Ltda., naquele subúrbio, ali lhe disseram que não havia manteiga nem para uma bolacha. O cliente retrucou que a casa recebera muita manteiga no dia anterior, pois que êle vira quando chegara o carregamento. Mas não lhe quiseram dar mais atenção. Estava a ver fantasmas ao meio-dia... Ubiratan foi ao dr. Fernando Schwab, delegado da Economia Popular e contou a história. Designado o detective Moacir para comprar uma manteiguinha na "Flamengo", ali disseram a mesma coisa. Mas o policial apresentou suas credenciais e fêz uma vistoria nos intestinos da casa. E como havia manteiga, Santo Deus dos Aflitos! Mais de seiscentos quilos em diversos tipos e vasilhames. Detidos os responsáveis, a manteigalhada foi oferecida ao povo a 48. E, em menos de uma hora, derretia todinha ao "calor" da procura...

O dedo atrapalhou



ESTA vida tem coisas verdadeiramente singulares. Veja o leitor o que acaba de suceder com o engenheiro alemão Willy Thorwart, de 36 anos de idade. Esse arquiteto, não encontrando em sua terra, nem outros países da Europa, serviço capaz de dar-lhe meios de vida, pensou no Brasil. Disseram-lhe que lavrava por todo o território nacional verdadeira febre de construções, muitas delas de proporções arrojadas. Herr Willy esfregou as mãos de contentamento. Era sua chance. Arranjou passagem no "Anna C", obteve seus papéis de viagem e veio para o Rio, disposto a trabalhar na sua profissão. Mas o médico encarregado das visitas, dr. Mário Magalhães notou que o alemão não possuía o dedo polegar da mão direita. Os regulamentos a tal respeito são claros. Willy não podia desembarcar. Não se pode descrever o desapontamento do rapaz. Quando se perde uma partida "por cabeça", vá lá; mas por um dedo? E que dedo! O polegar! Verdade é que se trata de um dedo de categoria, o velho e conhecido "mata piolho", base para uma das dimensões com que vivemos a lutar: a polegada. Mas, francamente, um engenheiro-arquiteto não pode ficar com sua vida a depender de uma polegada. Que o palmo influa na imigração, está bem. Um homem sem mão é metade de homem, embora haja quem faça com uma só, o que muitos não fazem com... as quatro. Não sabemos o que se seguiu ao drama do polegar do engenheiro teutônico, cuja vida está, desta forma, prejudicada, pelo menos aqui no Brasil. Que procure subir ao Dedo de Deus e pedir ao Criador o milagre de um novo!

Quando o famoso

William Randolph Hearst, o Rei da Imprensa no mundo inteiro, fechava os olhos em seu palácio de Beverly Hills, aos 14 de agôsto de 1951, na idade de 88 anos, surgiu, de pronto, esta interrogação: a quem vai caber agora a direção de sua organização jornalística, de suas estações de rádio, suas minas, suas imensas propriedades nos Estados Unidos e no estrangeiro, suas companhias cinematográficas? Dias depois a situação se definia: de um lado, seus cinco filhos, todos conhecedores do jornalismo; e do outro, a famosa estrêla Marion Davies, amiga, confidente, colaboradora e companheira do velho Hearst, desde muitos anos. O assunto empolgou os meios jornalísticos e sociais, não sòmente da América, como do mundo inteiro. A fortuna de Hearst é calculada em mais de 400 milhões de dólares, e sua cadeia de jornais, de rádios, revistas, etc., a maior do planeta. Só o «American Weekly», tem uma tiragem de nove milhões de exemplares por mês. Nas duas fotos: a viúva Hearst e os filhos que estão questionando judicialmente com Marion Davies, que aparece ao lado, numa foto tirada em Veneza, há poucos anos passados.



ROSINA PAGÃ . . .

(Cont. da pág. 57)

não posso me queixar da hospitalidade do México, a quem sou muito agradecida...

— Sente-se feliz?

— O suficiente. Sou noiva de um americano, do alto mundo das finanças. Pretendo casar-me dentro de pouco tempo. Os meus planos para o futuro resumem-se apenas nisso: casar, ter um filho, e se voltar a trabalhar — fazer televisão nos Estados Unidos.

— Obrigado, Rosina, pelas suas palavras. Felicidades! Um [illegible] especial aos brasileiros?

— **Sim. Diga-lhes que eu quiz ser dramática, ao tentar o cinema. Não deixaram, porque nos Estados Unidos êles** só [illegible] brasileira tipo Carmen Miranda!

ABEL APAROU UM. . .

(Cont. da pág. 7)

Disseram depois que êle já [illegible]. E acrescentaram ainda que o Flamengo fêz-lhe uma proposta. Mas, não. Tudo não passou de uma *blague*.

— De fato — disse-nos Abel — a garôta vinha caindo em pé. Eu a agarrei pela cintura e em seguida virei-a. Mas tudo isso foi tão rápido que eu mesmo nem sei explicar... A verdade é que quando me veio a idéia de aparar a menina, pensei em meu protetor — São Jorge. Pedi a êle que me ajudasse a salvar a vida daquele querido anjinho. Depois de salvar aquela alma inocente, fiz uma devoção ao meu guerreiro. De agora em diante terei mais fé no meu protetor. Aliás, nunca lhe fiz um pedido que não fôsse atendido. Amanhã vou assistir à missa lá na sua igreja. Vou agradecer de todo coração o grande milagre.

De fato, no dia seguinte, surpreendemos Abel Lima orando aos pés de São Jorge. D. Deolinda também mandou celebrar missa em ação de graças pelo salvamento da filha e pela felicidade do seu salvador. O sr. Eduardo, que já havia chegado de São Paulo, assistiu a êsse ato religioso, que teve lugar na Matriz de N. S. de Copacabana. A igreja foi pequena para abrigar o grande número de pessoas que, movidas pela curiosidade, ali foram ver de perto Abel e Cristina, agora ligados para sempre. Ela lhe deve a vida; mas graças a ela, êle ganhou a medalha de *Honra ao Mérito*, prêmio instituido pela Standard Oil e que é levado a efeito nas programações de sábado da Rádio Nacional.

★

Um esclarecimento que se faz necessário é o de ter sido noticiado que Abel recebera gratificação em dinheiro da familia Sanchez. Isso não é verdade. Entretanto, seria muito bom que o sr. Eduardo propiciasse algum benefício ao salvador de sua filha, pois êle bem merece. Em verdade, não há dinheiro que pague tão transcendental fato. Todavia, Abel é pobre. Sondamos-lhe o intimo e apuramos que o seu maior desejo é ter um carro para trabalhar na praça. Avaliamos, portanto, a sua satisfação caso fôsse presenteado com um automóvel, mesmo barato. E, como o sr. Eduardo Sanchez é homem de recursos, deixamos aqui êste lembrete. Estamos certos de que êle levará em consideração o desejo de Abel, que ganha apenas dois mil cruzeiros por mês, tem familia e ainda concorre para a manutenção de sua mãe, sra. Josefa de Morais Lima, viúva residente em Petrópolis.

A travessura de Maria Cristina deu origem a um fato miraculoso. Sim, verdadeiramente miraculoso. E a notícia se espalhou por todo o bairro e logo depois chegou à redação dos jornais. E não ficou só aí. Foi parar nas estações de rádio.

Se os novelistas quiserem um enrêdo para novela, aí o têm, vivo, palpitante e autêntico. E não cometerão nenhum exagêro se disserem que o salvamento de Maria Cristina constitui um verdadeiro milagre, pois tudo indica que Abel estava realmente, em *Estado de Graça* e já foi classificado por Genolino Amado, em uma das suas *Crônicas da Cidade*, como o mensageiro da Providência:

"Desde o último domingo que um doce, risonho milagre vem comovendo alegremente a alma carioca. E não será preciso dizer que me refiro ao caso da travêssa garotinha, amparada pelos braços do cidadão providencial, quando, em seu descuido, brincando, no alto de um terceiro andar, a menina resvalou da janela para a rua. Tudo aconteceu num rápido instante menos de um segundo talvez... Mas há dois dias a cidade inteira não pensa noutra coisa nem fala de outro assunto, nas conversas das salas elegantes e das salas humildes.

O episódio merece mesmo essa atenção emocionada. Pois a história não é sòmente original, singular, pelas circunstâncias felizes que livraram da morte a linda guria... E' também poética, pela sua profunda expressão humana, pelo sentido simbólico da cena, a existência adulta que protege a infância, a pessoa grande que salva a criatura pequenina...

(Cont. na pág. 51)



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

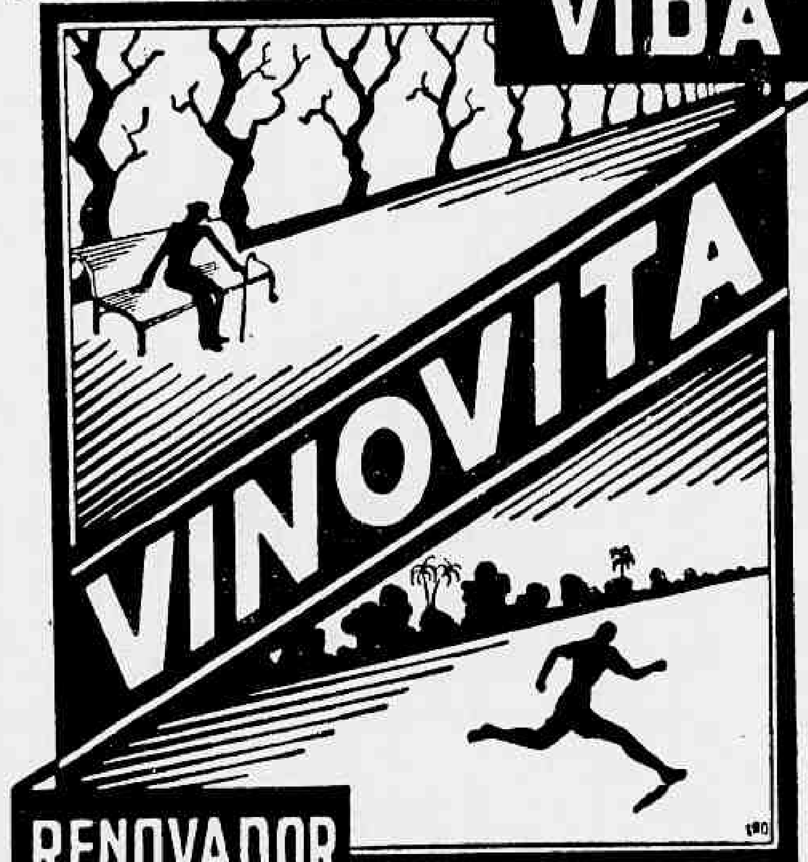
PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES

DO COURO CABELUDO



COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança «Baião». Samba liso e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. **Método de ritmos modernos** pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS **RITZ». Aulas particulares. rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São** Paulo.

A venda também, nas **Livrarias do Rio e Livrarias e Casas** de Música de São Paulo.

A CENA MUDA

Revista semanal que trata de Cinema, Rádio, Teatro e Música. Em todos os pontos de jornais.



Núpcias



ACONTECIMENTO de marcante significação social foi a cerimônia religiosa do casamento da srta. Leila Perez Muniz, filha do sr. Optaciano Muniz, chefe de gabinete do gerente da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, e de sua espôsa, d. Ana Perez Muniz, com o sr. José Pequeno de Alencar Arraes. O tradicional templo do Outeiro da Glória, onde teve lugar a bênção nupcial, no dia 19 do mês p. findo, ficou repleto de figuras de destaque da nossa sociedade, que foram levar seus cumprimentos ao jovem par. Paraninfaram o ato, por parte da noiva, o sr. Heitor Perez e senhora, e, por parte do noivo, o sr. Francisco Vieira de Alencar e senhora. Esta página está ilustrada com diversos flagrantes das brilhantes solenidades.







ELA FOI, por muito tempo, a companheira de Elvira, quando formavam o dueto Irmãs Pagãs. Primeiro Elvira andou pelos Estados Unidos, onde se casou e de onde voltou para a evidência ruidosa de agora. Depois foi Rosina. Parece mais sensata...

FALHOU EM HOLLYWOOD, VENCEU NO MÉXICO

ROSINA PAGÃ E SEUS "CASOS"

PRIMEIRO UM ROMANCE COM JOHN GARFIELD; DEPOIS, JOHN HUSTON E BRIAN AHERNE, E FINALMENTE, NOIVA DE UM FINANCISTA NORTE-AMERICANO ★ FAZ FILMES, QUER TER UM FILHO E SUAS JÓIAS VERDADEIRAS

De CESAR LADEIRA

DURANTE SUA VIAGEM AOS PAÍSES DO CONTINENTE AMERICANO E À EUROPA, CESAR LADEIRA LEVOU A INCUMBÊNCIA DE REALIZAR UMA SÉRIE DE ENTREVISTAS E REPORTAGENS PARA A "REVISTA DA SEMANA". ESTA É A PRIMEIRA, FEITA NO MÉXICO, COM A ANTIGA COMPONENTE DO DUO "IRMÃS PAGÃS". OUTRAS REPORTAGENS SAIRÃO NOS NÚMEROS SEGUINTES.

México, Outubro.

ROSINA PAGÃ, a loura "estrêla" que começou a aparecer no cenário artístico em 1934, cantando ao microfone da Mayrink Veiga, ao lado de sua irmã Elvira, e que mais tarde tornou-se atriz de comédia num elenco que percorreu todo o Brasil durante a guerra, Rosina Pagã está residindo no México.

— Mas, Rosina, como você está bonita!

De fato, com seus lindos cabelos louro-acinzentados, um corpo estandardizado de "Goldwyn Girl" e uma vivacidade de brôto de Copacabana, Rosina está em plena forma.



COM TIN-TAN, popular cômico mexicano, no filme «Ay, que piernas!». Quis ser atriz dramática. Acabou na comédia.

Não é certamente do tipo daquelas a quem os homens arrebatados assoviam na rua "fiu fius", mas é das que os homens conscientes gostam de conversar elegantemente no ambiente moderno de um apartamento sofisticado.

E o apartamento da Calle General Prim, na Cidade do México, bem montado, com muito gôsto, bem reflete o temperamento refinado de sua proprietária, com quem conversamos longamente, relembrando um pouco a sua carreira, suas aventuras, seus sonhos.

— Estou fora do Brasil desde 1946. Cinco longos anos, tempo que fêz aumentar em cada momento a saudade grande de minha gente e de minha terra. Mas curto tempo para tão trepidantes emoções, vivendo algum tempo em Buenos Aires, dois anos nos Estados Unidos e mais que isso aqui no México...

Enquanto nos serve um "scotch and soda" com muito gêlo, acrescenta:

— Fui morar em Los Ângeles, no bairro de Hollywood. Quantos projetos alimentava, quantos sonhos acalentava... Cheguei a Hollywood com muita "gaita", jóias e sonhos. Na primeira festa para que fui convidada — festa de artistas de cinema, produtores, jornalistas, gente do grande mundo, e até aonde fui levada pelo meu agente artístico — conheci John Garfield. Êle, muito sem geito, sem aquêle desembaraço dos tipos que vive na tela, perguntou-me se as minhas jóias eram falsas... Foi aí que começou um romance que durou algum tempo. Minha presença em companhia do galã a tôdas as festas já era obrigatória. E então os galãs foram mudando pouco a pouco: John Huston, um rapaz encantador, Brian Aherne, entusiasmadíssimo... Eu, entre aquela gente conhecidíssima, era uma ilustre desconhecida. Claro que todo mundo queria saber quem eu era. Mas não pense que não aproveitei meu tempo! Travei boas amizades com muita gente boa: Ida Lupino — a quem considero minha maior amiga — Richard Green, Jack Commings, Margo, Eddy Albert... E convivendo com os artistas de cinema fiquei conhecendo tanta "sujeira..."



RENATA FRONZZI, espôsa de César, palestrando com Rosina, que lhe mostra o seu material de propaganda. — «Está gostando, Renata?»



COM OS ANJOS DO INFERNO, em outro filme: «El amor no es negocio». Os Anjos voltaram, Rosina ficou, e a vida continua.

— Chegou a trabalhar em Hollywood, Rosina?

— A história de se fazer cinema nos Estados Unidos é muito complicada. Ninguém trabalha sem ter um agente. Eu tive o meu. E apesar de seus esforços, só tive promessas e mais promessas. Vários diretores prometeram e algumas vêzes me ofereceram oportunidades, mas, francamente, eram tão pequenas que eu não 'as quis. Cantei na American Broadcasting Company — a famosa rêde ABC — tanto no rádio como na televisão, isso sim. E cheguei a ser contratada para cantar com a orquestra de Xavier Cugat no "night club" Ciro's de Hollywood, mas abandonei o serviço, pois o temperamental maestro queria que eu me apresentasse vestida da baiana, imitando a Carmen Miranda e tocando maracás... Resultado: cansei-me dos Estados Unidos, vendi minha casa em Hollywood e mudei-me para o México. De vez em quando dou um pulo até a Hollywood para rever os bons amigos e — às vêzes — conhecer outros .. Mas, minha residência definitiva é aqui na cidade do México.

— E aqui você foi mais feliz?

— Aqui "abafei a banca", diz Rosina Pagã. Quer ver? Abre uma imensa mala, repleta de retratos e recortes de jornais. Num relance, contamos cinco revistas, trazendo em suas capas a fotografia colorida de Rosina.

— Não me posso queixar da maneira carinhosa por que êste país amigo me recebeu. Trabalhei em cinema, em teatro e em "boites". Fiz três filmes: "Ay que piernas!", com o popular comediante Tin-Tan e Rosita Quintana, e "La Liga de las muchachas", com Elsa Aguirre, Miroslava, Ruben Rojo e Jorge Reyes. E a última, "El amor no es negocio", em que trabalham também os Anjos do Inferno, um drama emocionante em que faço um forte papel dramático, chegando a assassinar o galã Tito Junco. Trabalhei em quase todos os teatros de revistas daqui, sendo anunciada sempre como a "vedette do Brasil", o mesmo acontecendo nas "boites" daqui e de Acapulco. Já vê que

(*Cont. na pág.* 54)



DOIS BRASILEIROS encontram-se na capital mexicana: César Ladeira, que em outros tempos apresentava Rosina Pagã ao microfone carioca, e a «estrêla», que parece ter encontrado o destino de sua carreira artística nas terras aztecas.



PARA NAO PERDER o hábito, canta no rádio. Ao microfone da ABC, ela dá conta do repertório brasileiro. Mas do seu tempo.



EM COMPANHIA de uma amiga, numa piscina de Hollywood, que ela visita periòdicamente para matar saudades. De quem?



LEMBRAM-SE DELA quando filmava e representava com Raul Roulien? Pois está muito diferente, agora, no cine mexicano.

A REVISTA Há 50 anos

Domingo, 10 de novembro de 1901

OH, BLANCHETTE!

Minha boa amiga. — Sua carta está escrita em têrmos de quem não ouvirá cortezãos por êstes meses mais chegados, até que resolvido seja um grave caso da sua meticulosa consciência de mãe, e extremosíssima. Blanchette, a encantadora Blanchette que eu conheci roseirinha de musgo, toucada de rosas de ouro, vai fazer dezesseis anos. E viva, inteligente, graciosa, tem a quem sair. A crise fatal da idade trouxe-lhe a ardente curiosidade de todos os adolescentes. Como satisfazê-la? E sou eu quem tem de dizê-lo? Eu, minha boa amiga, quem há de indicar à mais gentil inocência que ainda conheci, os primeiros livros da sua iniciação na tortura mental dos nossos tempos! E por quê? Porque sou jornalista, além de grande amigo da mamã.

Escolheu mal, minha boa Helena. Em tese, nenhum dos livros da literatura contemporânea serve à sua filha... e todos servem. Parece um paradoxo; não é. Nenhum lhe serve se sem outro fanal além da sua própria inteligência os ler e julgar. Todos lhe servem se o comentário experiente e zeloso da minha boa amiga dirigir e acompanhar a leitura. Sòzinha, ou os aceita em bloc, e ficará envenenada, ou em bloc os repele e não será menos injusta.

Decerto não educa sua filha para freira, nem essa vocação de abandono e renúncia se aprende ou transmite. Sua filha terá de viver no mundo, entre criaturas de carne e osso, cheias de nervos, de paixões, da mortal inquietação dos dias que correm. Quer o queira quer não, será obrigada a lutar com o embuste, com a dissimulação, com os apetites de uns e as ambições de outros.

Faça da ideal Blanchette uma outra Helena, uma alma à sua imagem e semelhança. E mais nada... .

JACQUES BONHOME

TEATRO

HÁ uma verdadeira pobreza de novidades na nossa vida teatral. No entanto é compensador o movimento que se vai operando, do renascimento do gôsto pelo teatro. A época dos cafés cantantes, das noitadas entre um «chopp» e uma cançoneta patife, parece que já vai deixando lugar para a época das representações que demandam de sentimento e de arte, felizmente. Dias Braga muito tem concorrido para isso com a sua rara e louvável tenacidade. E é de ver como tem tido enchentes, tôdas as noites, algumas até em que os camarotes e as cadeiras enchem-se a não haver mais um bilhete à venda. «D. Sebastião, Rei de Portugal» e «A Filha do Mar», que êle levou, esta semana, no Sant'Ana, fizeram sucesso. Tanto êle como Aurélia Delorme, Bragança, Rangel, Helena Cavallier e Marques, cada vez mais se impõem à nossa platéia. Dias Braga está fazendo ensaiar agora o «Quo Vadis?», arranjo do sr. Eduardo Victorino. No Apolo, fêz benefício com a opera-cômica «Capitão Tereza», a apreciada atriz Palmira Bastos. A peça de Bisson e Planquette foi muito bem interpretada. Palmira, Alfredo de Carvalho e Gomes saíram-se muito a contento de todos. Os cafés cantantes, Moulin Rouge, Guarda-Velha e Cassino Nacional, também tem esmerado-se em bem agradar aos seus apreciadores. Foram as notas mais dignas de ser registradas esta semana.

— SENSACIONAL! O único gato do mundo que traz nas orelhas brincos de brilhantes é o de mme. Anica Camfort, espôsa de um rico banqueiro norte-americano. Quando ela sai a passeio, leva sempre o seu bichano: e, para que êle não tenha a veleidade de fazer galanteios às bichanas, vai prêso por um cordão de sêda. Parece que o gato não gosta muito de passear assim, mas vai todo enfunado de orgulho por mostrar, aos outros gatos da cidade, os preciosos brilhantes que o adornam e que custaram mais de 2.000 dólares. Os jornais franceses têm comentado bastante êsse ruidoso caso.

POR ÊSSE MUNDO

RECENTE estatística, promovida em Paris, afirma que nada menos de oitenta mil cães existem na grande metrópole.

— OS JANTARES oficiais da China constam, por determinação da etiqueta, de 146 pratos diferentes.

HUMORISMO

Num teatro de província, um baritôno começou a desafinar horrivelmente. Assobios e pateada na platéia. O artista avançou com tôda a gravidade para a rampa e, fazendo ao público os cumprimentos do estilo:

— Meus senhores e minhas senhoras, reconheço que acabo de emitir algumas notas falsas... peço licença para as retirar de circulação.

ATUALIDADES

PARA SOLENIZAR as experiências oficiais de máquinas do cruzador «República» e do caça-torpedeiro «Gustavo Sampaio» e a entrega dêsses navios ao govêrno, realizou-se uma esplêndida festa na Ilha do Viana. À essa festa assistiram o Presidente da República, seu ministério, oficiais de mar e terra, altos funcionários da República, representantes da imprensa e muitos outros convidados, podendo-se calcular em duas mil o número de pessoas que visitaram nesse dia a ilha do Viana. Houve profuso «lunch», visitas às oficinas e a tôdas as dependências da ilha, e dansas. O resultado das experiências de máquinas dos navios satisfez plenamente às autoridades da marinha. O «República» desenvolveu a marcha de 17.37 milhas e o «Gustavo Sampaio», a de 17.02 milhas.

★

FALECEU ESTA semana o conselheiro Paulino José Soares de Souza, ilustre estadista e diplomata, que muito serviu às boas relações entre o Brasil, a França e a Inglaterra. Seu afastamento das lides políticas deu-se por ocasião da implantação da República, data em que se retirou para a vida privada. Era presidente do Senado no momento histórico de 15 de novembro de 89.

AS MANOBRAS MILITARES EM LISBOA

Exercícios de outubro



«Croquis» de aspectos, pelo nosso correspondente artístico em Lisboa: A infantaria em atiradores — Um reservista — O general Craveiro Lopes, diretor das manobras.

N. da R.: — Como se vê, as manobras de outono, em 1901, em Portugal, foram comandadas por um antepassado do atual Presidente da República portuguêsa.

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cr. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8547 ★ Contabilidade: 22-2550





TAPÊTES FEITOS À MÃO

—verdadeiras jóias de arte—

TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as dimensões, em côres lisas e com flores.

MÓVEIS E DECORAÇÕES

-- **orçamentos executados por técnicos especializados** --

GRUPOS ESTOFADOS

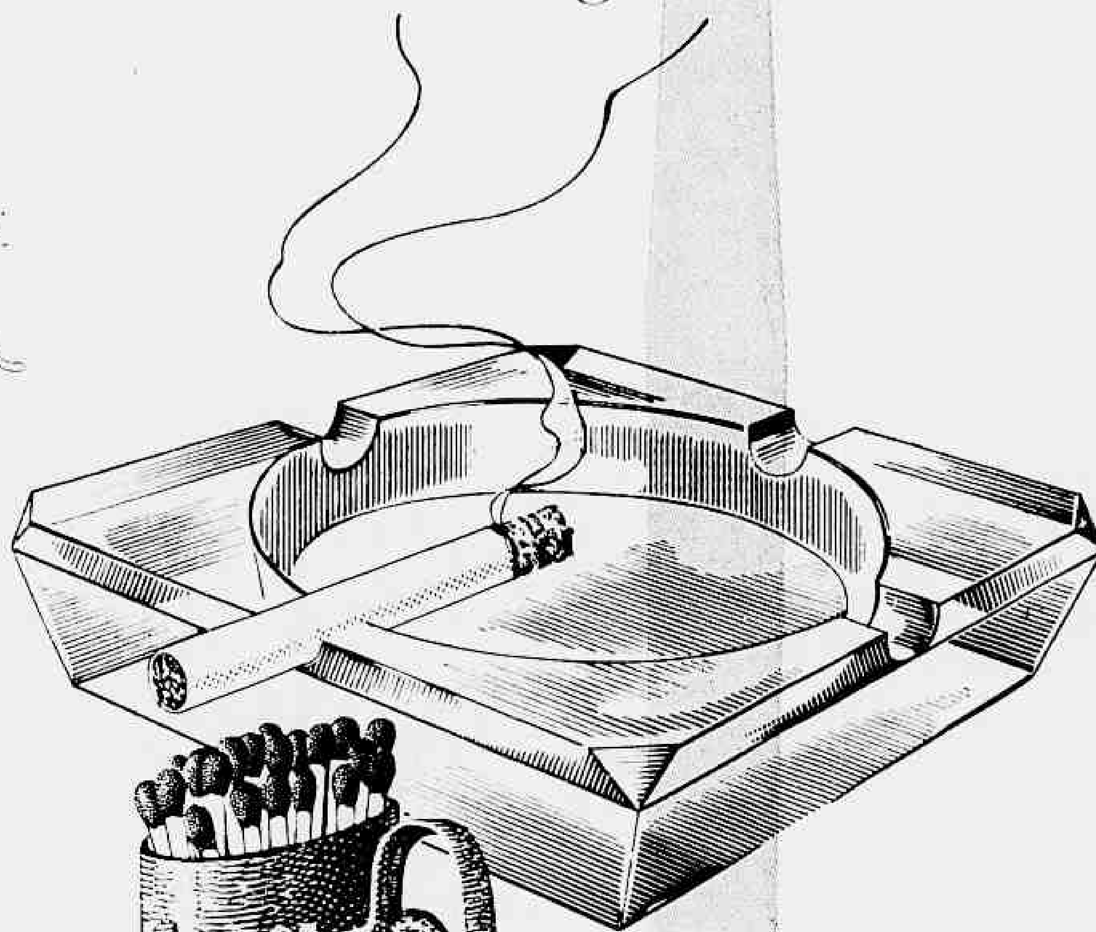
— **uma especialidade de nossas oficinas** —



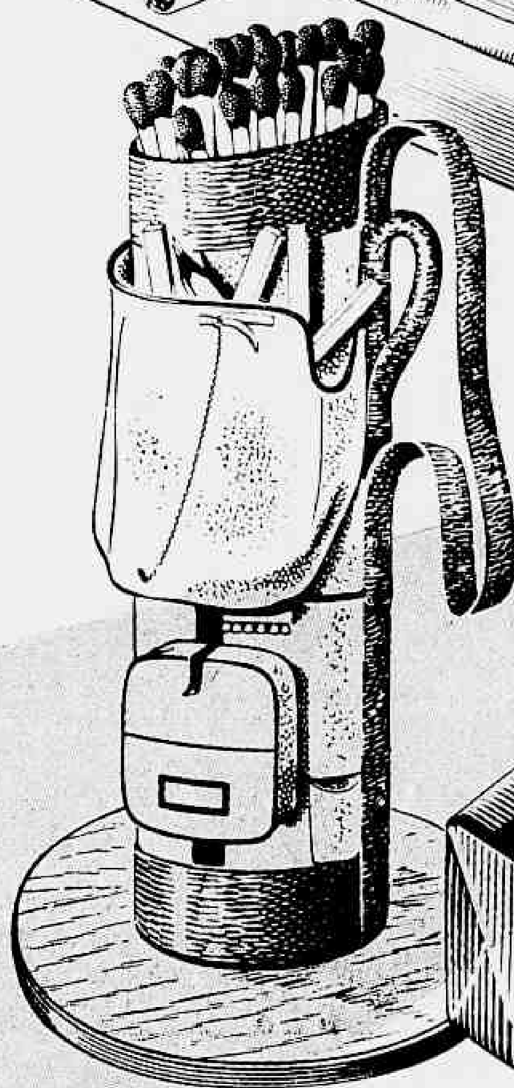
65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

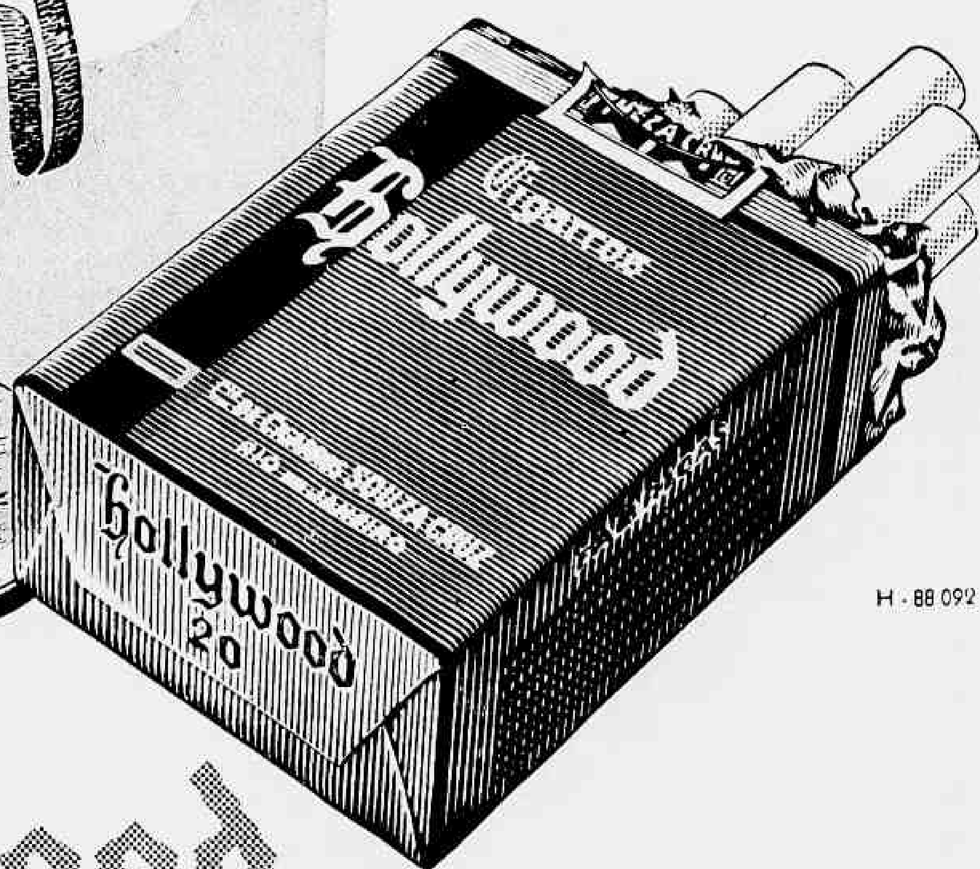


você o consagrou e fez muito bem...



É a você, que sabe apreciar o golf e outras coisas boas da vida, que Hollywood deve a preferência unânime de que hoje goza entre as pessoas de bom gosto.





H - 88 092

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ